

EVANGELHO SEGUNDO S. LUCAS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de setembro de 2024. Revista face à edição impressa.

INTRODUÇÃO

O evangelho de Lucas é o terceiro, na ordem canónica, e o primeiro, na extensão em número de versículos. Tem a sua continuidade no livro dos Atos dos Apóstolos, com o qual constitui uma unidade literária e temática. As duas partes começam de modo semelhante (cf. Lc 1,1-4 e At 1,1-3), apresentam muitas palavras, expressões e temas comuns (por exemplo, a conclusão de Lc 24,44-52 é retomada em At 1,4-11), o que nos permite falar de uma certa homogeneidade de linguagem, temática e pensamento.

Autor, data, lugar e destinatários

Tendo em conta os dados do próprio texto e as informações do séc. II de Ireneu de Lião (*Adv. Haer.* III,1,1), é de crer que o autor seja mesmo Lucas, *o caríssimo médico* (Cl 4,14), discípulo de Paulo, um cristão da segunda geração (70-100), que não foi testemunha ocular de Jesus (cf. Lc 1,1-4).

Este evangelho foi provavelmente escrito pela década de 80, talvez em Antioquia da Síria. Para a sua composição, o autor apoiou-se no *Evangelho segundo S. Marcos* e na hipotética *Quelle* (fonte de ditos de Jesus, usada também por Mateus), assim como em fontes próprias da tradição escrita e oral (cf. 1-2; 7,1-17; 7,36-50; 10,29-37; 15,11-32; 19,1-10; 24,13-35), trabalhando-as no que respeita à ordem, ao vocabulário e ao estilo.

Tudo leva a crer que tenha sido destinado a cristãos de cultura grega (sem excluir uma minoria judeo-cristã), como o atestam a língua, o cuidado em explicar a geografia e usos da Palestina, a omissão das discussões judaicas e a consideração que manifesta para com os gentios (louva a fé do centurião em 7,1-10 e exalta a atitude de um samaritano em 10,25-37).

A preocupação é, sobretudo, reavivar a fé dos crentes (cf. Lc 1,4), que se encontraria em estado de letargia ou até de retrocesso (cf. Lc 18,8), por força da rotina e do retardamento da parusia (última vinda de Jesus, que se cria estar para breve).

Linguagem e estilo literário

Lucas reflete uma grande elevação, sensibilidade, sobriedade e cuidado literários que bem atestam o seu grande talento e delicadeza, assim como a preocupação pela ordem e clareza. A sua linguagem é versátil e o grego que usa é considerado por muitos o melhor dos quatro evangelhos, atingindo, nalguns casos, o nível do melhor grego clássico (cf. Lc 1,1-4). O vocabulário é abundante, cuidado e elegante, ao mesmo tempo que a gramática é rica.

O evangelista usa recursos literários e estilísticos semitas e helenistas, domina as técnicas da vivacidade literária e as principais figuras de estilo e de organização literária. Neste ponto, destacam-se os paralelismos com que o autor pretende sublinhar a superioridade de Jesus Cristo em relação a qualquer outro personagem (o

exemplo mais evidente está no paralelismo entre Jesus e João Batista, Lc 1-2), assim como a dialética ignorância-reconhecimento (com especial mestria no encontro de Jesus com os discípulos de Emaús, Lc 24,13-35).

Relevante, ainda, é o facto de Lucas adequar a linguagem à matéria narrada ou a cada um dos personagens, conforme a sua maior ou menor instrução. Tudo isto confere diversidade e plasticidade à narrativa. Não admira, por isso, que celebrações litúrgicas de grande relevo, como o Natal, a Ascensão de Jesus ou o Pentecostes, se apoiem em textos deste autor.

Todas estas características estilísticas e literárias permitem concluir que o autor é com grande probabilidade de língua e cultura gregas.

Estrutura

Do ponto de vista da organização literária, destaca-se em relação aos outros dois evangelhos sinópticos pela inclusão de um prólogo (1,1-4) e pela forma como estrutura a *secção do caminho* (9,51 – 19,27[28]). Além disso, dá grande ênfase à narrativa da infância (1-2), assim como à da ressurreição de Jesus (24). Com base nestas constatações, apresentamos o esquema ou estrutura literária que se segue, a partir da dinâmica salvífica que o habita e da progressão geográfica que o enforma (os tempos e os lugares da história da salvação):

Prólogo (1,1-4). Assinala-se o sujeito, o método e a finalidade da obra.

I. *O Salvador entra na história* (1,5-2,52, conhecido por *narrativa da infância*), com uma síntese introdutória da condição messiânica de Jesus, em que a luz do Ressuscitado já ilumina a manjedoura de Belém, um verdadeiro prólogo cristológico (cf. Jo 1,1-18).

II. *O prelúdio da missão salvífica de Jesus* (3,1-4,13). João Batista é, para Lucas, o último grande profeta, um anunciador da conversão (3,3.8). O batismo, a genealogia e as tentações de Jesus (3,21 – 4,13) investem e credibilizam Jesus e apresentam a preparação da sua missão salvífica.

III. *Jesus inicia a sua pregação na Galileia* (4,14 – 9,50). Após o discurso programático na sinagoga de Nazaré (4,14-30), o evangelho apresenta diversos ensinamentos e milagres de Jesus, divididos em três partes: 4,31 – 6,11; 6,12 – 7,50; 8,1 – 9,50).

IV. *O caminho de Jesus para Jerusalém* (9,51-19,28). Moldura literária e teológica, é a parte mais original do Terceiro Evangelho. Tudo quanto se passa a caminho de Jerusalém manifesta uma salvação em ato e, por isso, o advérbio de tempo *hoje* (9,23; 12,28; 13,32.33; 19,5) reveste-se de uma grande importância e força expressiva. Esta unidade pode subdividir-se em três partes, começando cada uma delas do mesmo modo (cf. 9,51; 13,22; 17,11) e todas terminando com, pelo menos, uma parábola (cf. 13,18-21; 17,7-10; 19,11-28):

- promessa do reino (9,51 – 13,21);
- condições para entrar no reino (13,22 – 17,10);
- entrada no reino (17,11 – 19,27).

V. *A realização salvífica em Jerusalém* (19,29 – 24,53). A entrada e o magistério de Jesus, em Jerusalém (19,29 – 21,38), preparam o relato da sua paixão, morte e ressurreição (22-23; 24). Jesus morto e ressuscitado é a realização e superação de todas as promessas messiânicas e a luz que ilumina todos os acontecimentos do evangelho.

Conteúdo

É verdade que, no prólogo, Lucas se apresenta como um historiador que, sem deixar de o ser, é sobretudo um teólogo que procura descobrir o sentido mais profundo dos acontecimentos, tendo em vista a compreensão e fundamentação da fé.

São muitos os seus temas teológicos: alegria, caminho, comensalidade, solidariedade, oração, misericórdia e perdão (Dante Alighieri chama-lhe *scriba mansuetudinis Christi*, o *escriba da mansidão de Cristo*), primazia do Espírito, entre outros. Todos eles se inscrevem na dinâmica da história da salvação, de que Lucas é o evangelista por excelência.

A salvação aparece centralizada em Jerusalém; começou em Israel (AT), atingiu a sua plenitude em Jesus Cristo (Evangelho de Lucas) e continua a expandir-se na e pela Igreja (Atos dos Apóstolos). A salvação acontece no quotidiano, destina-se a todos, mas preferencialmente aos pobres, doentes, excluídos, pecadores, mulheres e crianças. Excluídos da sociedade e das suas prerrogativas, são por Jesus Cristo incluídos no processo salvífico, dado que a salvação é para todos e Jesus Cristo afirma-se como o salvador universal. A salvação obedece, assim, a quatro procedimentos essenciais:

- *Escuta da Palavra*. Maria, mãe de Jesus (1,26-38), e Maria, irmã de Marta e Lázaro (10,38-42), são propostas como modelos de escuta;
- *Desapego dos bens terrenos*, em ordem a seguir Jesus (14,33);
- *Oração insistente*, atitude de Jesus a que Lucas dá um especial relevo (3,21; 6,12; 9,18.28-29);
- *Demanda ou consciência da cruz e da glória*. O evangelho está repleto de relatos e referências a viagens e de verbos de movimento que ajudam a perceber que o caminho para a glória da ressurreição exige a passagem pela cruz, como acontece com Jesus Cristo. Exemplo possível e eloquente é o texto dos discípulos de Emaús, no qual Jesus pergunta: *Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na sua glória?* (24,26).

1 Prólogo: 1,1-4 – ¹Dado que muitos procuraram compor uma narração sobre os factos que ocorreram entre nós, ²tal como no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e servidores da Palavra, ³pensei também eu, depois de ter averiguado tudo com rigor, escrevê-los ordenadamente para ti, caríssimo Teófilo, ⁴para que conheças com exatidão a solidez dos ensinamentos que recebeste^a.

I

O SALVADOR ENTRA NA HISTÓRIA (1,5-2,52)

Anúncio do nascimento de João Batista (Mt 1,20; 2,1)^b – ⁵Nos dias de Herodes, rei da Judeia, havia um sacerdote chamado Zacarias, do grupo de Abias, casado com uma descendente de Aarão^c, cujo nome era Isabel. ⁶Eram ambos justos diante de Deus, procedendo irrepreensivelmente de acordo com todos os mandamentos e preceitos do Senhor. ⁷Não tinham filhos^d, uma vez que Isabel era estéril, e eram ambos de idade avançada^e.

⁸Ora, aconteceu que, quando Zacarias^f estava a exercer as funções sacerdotais diante de Deus^g no turno do seu grupo, ⁹coube-lhe em sorte, de acordo com o costume sacerdotal de oferecer incenso, entrar no santuário do Senhor. ¹⁰Durante a hora da oferenda do incenso, o povo estava, em grande número^h, a rezar do lado de fora. ¹¹Apareceu-lhe, então, um anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. ¹²Ao vê-lo, Zacarias ficou perturbado e o medo apoderou-se deleⁱ. ¹³Disse-lhe o anjo: «Não tenhas medo, Zacarias, porque a tua súplica foi ouvida. A tua esposa, Isabel, gerar-te-á um filho, a quem porás o nome de João^j. ¹⁴Será para ti motivo de alegria

^a Lit.: *acerca das palavras com que foste instruído*. À boa maneira das obras historiográficas da época, Lc começa a sua com um prólogo, em estilo clássico, em que assinala os três momentos da formação dos evangelhos (factos, transmissão e redação) e a sua finalidade (reconhecer a solidez da doutrina); refere o personagem a quem a obra é dedicada (Teófilo, tal como em At 1,1); e destaca o trabalho de investigação e composição que levou a cabo. O facto de o nome Teófilo significar *amigo de Deus* deixa em aberto a possibilidade de se tratar do nome de um destinatário particular ou de um destinatário coletivo, isto é, todo e qualquer cristão chamado a ser *amigo de Deus*.

^b O anúncio do nascimento de João dá início a uma secção designada *narrativas da infância* (1,5-2,52). Apesar da sua elaboração teológica, regista alguma preocupação histórica, como se deduz pela referência a personagens como Herodes, Tibério ou Quirino.

^c Lit.: *e mulher para ele [era] das filhas de Aarão*.

^d Sinal de vergonha (Gn 30,23; 1Sm 1,10) ou de castigo (Lv 20,21; 2Sm 6,23), a esterilidade era um estigma social e religioso, de forma particular para a mulher.

^e Lit.: *ambos estavam avançados nos seus dias*.

^f Lit.: *ele*.

^g Cada classe sacerdotal, num conjunto de vinte e quatro (1Cr 24,10), prestava serviço cultural, no Templo de Jerusalém, durante uma semana (1Cr 24,19; 2Cr 23,8).

^h Lit.: *toda a multidão do povo*.

ⁱ Lit.: *caiu sobre ele*.

^j O nome significa, em hebraico, *Deus é favorável ou agraciado por Deus*.

e de júbilo^k e muitos se hão de alegrar com o seu nascimento.¹⁵ Será grande diante do Senhor, jamais beberá vinho ou bebida embriagante^l e estará cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe. ¹⁶ Fará regressar muitos dos filhos de Israel para o Senhor, seu Deus. ¹⁷ E ele próprio irá à sua frente com o espírito e o poder de Elias^m, *para fazer regressar o coração dos pais para os filhos* e os desobedientes à prudência dos justos, a fim de dispor para o Senhor um povo bem preparado».

¹⁸ Zacarias disse ao anjo: «Como hei de saber que isso será assimⁿ? Eu estou velho e a minha mulher é de idade avançada»^o. ¹⁹ O anjo respondeu-lhe^p: «Eu sou Gabriel^q, aquele que está diante de Deus, e fui enviado para te falar e anunciar esta boa nova. ²⁰ Mas agora^r ficarás mudo e não poderás falar até ao dia em que isso acontecer, porque não acreditaste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir».

²¹ Entretanto, o povo estava à espera de Zacarias e admirava-se por ele se demorar no santuário. ²² Quando ele saiu, não lhes conseguia falar e, então, compreenderam que tinha tido uma visão no santuário. Ele comunicava com eles por sinais^s e continuava mudo.

²³ Quando^t terminaram os dias do seu serviço litúrgico, voltou para sua casa. ²⁴ Passado algum tempo^u, Isabel, sua esposa, concebeu e manteve-se oculta durante cinco meses. Dizia ela: ²⁵ «Foi assim que o Senhor procedeu para comigo nestes dias: pouso sobre mim^v o seu olhar para me livrar da minha ignomínia perante os homens».

Anunciação do nascimento de Jesus (Mc 1,9.10; Mt 1,18) – ²⁶ Ao sexto mês^w, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, ²⁷ a uma virgem^x desposada com um homem chamado José^y, que era da casa de David. O nome da virgem era Maria.

^k Lit.: *existirá alegria para ti e júbilo*. Alegria e júbilo são os sinais da era messiânica (Is 12,6; 25,9). Este vocabulário é muito frequente em Lc 1-2 (1,28.44.47; 2,11).

^l O texto remete para a consagração dos nazireus (Nm 6,3s).

^m O que se diz acerca de João evoca Sir 48,10; Ml 2,6; 3,1.23-24, assim como alguns textos da literatura apócrifa que falam do regresso de Elias antes da vinda do dia do Senhor.

ⁿ Ou seja, Zacarias pede um sinal.

^o Lit.: *está avançada nos seus dias*.

^p Lit.: *e respondendo o anjo disse-lhe*.

^q Gabriel é o mensageiro das boas notícias de Deus, aquele que anuncia o tempo da salvação (Dn 8,16-17; 9,21-27).

^r Lit.: *e vêeis (que)* (cf. Mt 2,13 nota).

^s Lit.: *ele fazia-lhes sinais*.

^t Lit.: *e aconteceu que*.

^u Lit.: *depois destes dias*.

^v *Sobre mim* é acrescento da tradução.

^w Ou seja, seis meses depois da concepção de João. Nazaré é uma pequena povoação da Galileia, nunca referida no AT, e de onde nada se esperava (Jo 1,46).

^x O termo grego utilizado designa uma jovem rapariga. Na cultura judaica, outra coisa não se admitiria que não ser virgem. Maria estava já comprometida com José, mas, segundo o costume judaico, ainda não viviam em comum.

^y Na cultura hebraica, o noivado tinha lugar um ano antes do casamento, e durante esse período a noiva permanecia com a sua família, sem nenhum contacto mais íntimo com o noivo. Apesar disso, desde

²⁸Entrando onde ela estava^a, disse o anjo^b: «Ave, cheia de graça^c, o Senhor está contigo!». ²⁹Ela ficou perturbada com estas palavras e perguntava-se que espécie de saudação seria aquela. ³⁰Disse-lhe o anjo: «Não tenhas medo, Maria, pois encontraste graça junto de Deus. ³¹Conceberás^d e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. ³²Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai; ³³reinará para sempre sobre a casa de Jacob e o seu reino não terá fim».

³⁴Maria, porém, disse ao anjo: «Como será isso, uma vez que não conheço^e homem?». ³⁵O anjo respondeu-lhe^f: «O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, o santo que vai nascer^g será chamado Filho de Deus. ³⁶E eis que também a tua parente Isabel, a quem chamavam estéril, concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês, ³⁷pois *para Deus nada é impossível*». ³⁸Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor^h, faça-se em mim segundo a tua palavra!». E o anjo partiu de junto dela.

Maria visita Isabel e glorifica o Senhor – ³⁹Por aqueles dias, Maria levantou-se e dirigiu-se apressadamente para a montanha, a uma cidadeⁱ de Judá; ⁴⁰entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. ⁴¹Quando^l Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança saltou-lhe no ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo, ⁴²e, com um forte brado, exclamou^k: «Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre! ⁴³De onde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor: ⁴⁴Quando^l chegou aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criança saltou de júbilo no meu ventre. ⁴⁵Feliz aquela que acreditou, porque se há de consumir o que lhe foi dito da parte do Senhor!».

⁴⁶Maria disse, então^m:

o dia em que o noivado se iniciava, os noivos eram já considerados marido e mulher.

^a Lit.: *entrando para ela* (ou seja, entrando em casa dela, ao seu encontro).

^b *O anjo é acresção da tradução.*

^c Lit.: *alegra-te, agraciada*; o verbo *alegra-te* constituía a saudação habitual entre os gregos, pelo que é traduzido por *ave* ou *salve* (cf. Mt 26,49; 27,29; Jo 19,3; Mc 15,18). No entanto, aqui parece ter um sentido teológico: sugere a alegria messiânica (Sf 3,14; Zc 9,9) e compagina-se com a temática da alegria tão importante e característica de Lc. A expressão *cheia de graça* (Sir 18,17; Ef 1,6) evoca a ação de Deus em Maria, pelo que pode ser considerada um passivo teológico (cf. Mt 16,6 nota) e a afirmação *o Senhor está contigo* é frequente nos relatos de vocação (cf. Ex 3,12; Jz 6,12; Jr 1,8.19; 15,20).

^d Lit.: *vê/eis (que) conceberás no ventre.*

^e Conhecer tem, neste contexto e como acontece noutras passagens da Escritura (Gn 4,1.17.25; 19,8; 24,16; etc.), o sentido de ter relações conjugais íntimas.

^f Lit.: *e respondendo o anjo disse-lhe.*

^g Lit.: *aquilo que é gerado santo.*

^h A expressão *serva do Senhor* é lida habitualmente na perspetiva da fé e da humildade (v.48; 1Sm 25,41), mas também, à luz de Rt 3,9, pode evocar a relação esposal, neste caso entre Maria e Deus.

ⁱ A cidade de Judá aqui referida será *Ein Karem*, seis km a oeste de Jerusalém.

^j Lit.: *e aconteceu que.*

^k Lit.: *e levantou a voz com um forte brado e disse.*

^l O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^m O cântico de Maria (*Magnificat*) é uma oração em forma de hino que se inspira no de Ana (1Sm 2,1-10) e em diversos salmos (Sl 72,19; 100,5; 103,17; 111,9). A expressão *a força do seu braço* e o verbo

«*A minha alma* proclama a grandeza do Senhor
⁴⁷e o meu espírito *exulta em Deus, meu Salvador,*
⁴⁸porque *pôs o olhar na humildade da sua serva.*
 A partir de agoraⁿ, me chamarão bem-aventurada todas as gerações,
⁴⁹porque o Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas.
 Santo é o seu nome,
⁵⁰e a sua misericórdia se estende
 de geração em geração para aqueles que o temem.
⁵¹Mostrou a força do seu braço
 e dispersou os soberbos de pensamento e de coração^o;
⁵²derrubou os poderosos de seus tronos
 e exaltou os humildes;
⁵³aos famintos encheu de bens
 e aos ricos despediu de mãos vazias^p;
⁵⁴socorreu Israel, seu servo,
 recordando-se da sua misericórdia
⁵⁵em favor de Abraão e da sua descendência para sempre,
 tal como tinha dito aos nossos pais».
⁵⁶Maria permaneceu com ela cerca de três meses e depois regressou para sua casa.

Nascimento de João Batista – ⁵⁷Cumpriu-se, então, o tempo de Isabel dar à luz e teve um filho. ⁵⁸Os seus vizinhos e parentes ouviram dizer que o Senhor usara para com ela de grande misericórdia^q, e alegraram-se com ela.

⁵⁹Ao oitavo dia^r, foram circuncidar o menino e começaram a chamá-lo com o nome de seu pai, Zacarias. ⁶⁰Mas a mãe, tomando a palavra, disse: «Não! Ele será chamado João^s». ⁶¹Disseram-lhe: «Não há ninguém da tua família com esse nome^t». ⁶²Puseram-se, então, por meio de sinais, a perguntar ao pai como queria que ele se chamasse. ⁶³Ele pediu uma tábua e escreveu^u: «O seu nome é João». Todos ficaram admirados. ⁶⁴E imediatamente se lhe abriu a boca e se lhe desatou a língua^v, e começou a falar, bendizendo a Deus.

recordar (Gn 8,1; 9,15; Is 2,24) referem a intervenção divina que torna manifesta a misericórdia e a proteção de Deus.

^m Lit.: *pois vêeis (que) a partir de agora.*

^o Lit.: *fez força com o seu braço / e dispersou os soberbos na mente do coração deles.*

^p Lit.: *despediu vazios.*

^q Lit.: *que o Senhor engradecera a sua misericórdia com ela.*

^r Lit.: *e aconteceu que, ao oitavo dia.* O oitavo dia era a data legal da circuncisão (Gn 17,12; Lv 12,3) e o momento em que se dava o nome à criança.

^s Cf. 1,13 nota.

^t Lit.: *que seja chamado com esse nome.*

^u O grego acrescenta *dizendo*.

^v Lit.: *e a sua língua.*

⁶⁵O temor apoderou-se de^a todos os seus vizinhos, e estes factos começaram a divulgar-se por toda a região da Judeia. ⁶⁶E todos aqueles que os ouviam gravavam-nos em seu coração^b e diziam: «Quem virá a ser este menino?». De facto, a mão do Senhor estava com ele.

Cântico de Zacarias – ⁶⁷Zacarias, seu pai, ficou cheio do Espírito Santo e profetizou, dizendo^c:

⁶⁸«*Bendito o Senhor, Deus de Israel,*

porque visitou e redimiu o seu povo,

⁶⁹e nos deu um Salvador poderoso^d

na casa de David, seu servo –

⁷⁰tal como, desde sempre, o disse

pela boca dos seus santos profetas –,

⁷¹Salvador que nos liberta dos nossos inimigos^e

e das mãos de todos os que nos odeiam.

⁷²Assim concretizou a misericórdia que teve para com os nossos pais^f,

recordando-se da sua sagrada aliança,

⁷³do juramento que fizera a Abraão, nosso pai, de nos conceder que,

⁷⁴libertos das mãos dos nossos inimigos,

o sirvamos, sem medo,

⁷⁵em santidade e justiça, na sua presença,

todos os dias da nossa vida^g.

⁷⁶E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo,

pois irás *à frente do Senhor para preparar os seus caminhos*^h,

⁷⁷para dar a conhecer ao seu povo a salvação pelo perdão dos seus pecados,

⁷⁸graças à misericórdia que brota das entranhas do nosso Deusⁱ,

com que nos visitará o sol que nasce das alturas,

⁷⁹*para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte*

e guiar os nossos pés pelo caminho da paz»^j.

^a Lit.: *veio temor sobre.*

^b O coração é, na Escritura, a sede de toda a vida do ser humano, nas suas diversas dimensões (2,19.35.51; 21,14; Pr 23,26; Sir 17,6; Jl 2,12; Mc 7,15).

^c Tal como o cântico de Maria (1,46-55), também o de Zacarias (conhecido como *Benedictus*) se inspira no AT. O tema da visita de Deus aponta, no AT, para o cuidado com que Deus acompanha o seu povo (Gn 21,1; 50,24-25; Ex 3,16; Sl 65,10; 80,15; 106,4; Jr 29,10) e até para a aplicação da justiça divina (Ex 32,34; Sl 59,6; 89,33; Is 10,12; Ez 23,32; 34,17-20).

^d Lit.: *e levantou um corno de salvação.* O corno era, na cultura de Israel, o símbolo da força (1Sm 2,10; Sl 89,25; 132,17).

^e Lit.: *salvação dos nossos inimigos.*

^f Lit.: *para fazer misericórdia com os nossos pais.*

^g Lit.: *em todos os nossos dias.*

^h Para a missão de João, cf. 3,3.

ⁱ Lit.: *graças às entranhas de misericórdia;* trata-se de uma expressão muito usada no AT para referir a bondade intrínseca de Deus (Sl 79,8; 119,77; 145,9; Is 54,7; 63,7.15; Jr 31,20; Zc 1,16).

^j A paz é o dom messiânico por excelência (Is 9,5; Mq 5,4).

⁸⁰Entretanto, o menino crescia e o seu espírito ia-se fortalecendo. E esteve no deserto até ao dia da sua apresentação a Israel.

2 Nascimento de Jesus – ¹Naqueles dias^k, saiu um decreto de César Augusto^l para ser recenseado todo o mundo habitado. ²Este primeiro recenseamento realizou-se quando Quirino^m era governador da Síria.

³E todos se foram recensear, cada qual à sua própria cidade. ⁴Também José subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, até à Judeia, à cidade de Davidⁿ, chamada Belém, por ser da casa e da linhagem de David, ⁵a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que estava grávida.

⁶Enquanto ali se encontravam^o, completaram-se os dias de ela dar à luz. ⁷E deu à luz o seu Filho primogénito; envolveu-o em panos e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria^p.

⁸Havia naquela região uns pastores^q que pernoitavam nos campos e que, durante as vigílias da noite, guardavam o seu rebanho. ⁹Apresentou-se-lhes, então, um anjo do Senhor, e a glória do Senhor^r envolveu-os de luz; e eles tiveram grande medo.

¹⁰Disse-lhes o anjo: «Não tenhais medo! Anuncio-vos^s uma boa nova, que será uma grande alegria para todo o povo: ¹¹nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador^t, que é Cristo Senhor. ¹²E este será para vós o sinal: encontrareis uma criança envolta em panos e deitada numa manjedoura».

¹³E, de repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste que louvava a Deus, dizendo:

^k Lit.: *aconteceu, porém, naqueles dias*.

^l César Augusto foi imperador de Roma entre 27 a. C. e 14 d. C.. Este recenseamento deve ter ocorrido no ano 6 d.C., dez anos depois da morte de Herodes, o Grande, quando Jesus tinha c. doze anos. Escrevendo à distância e sem dados históricos precisos, Lc adianta uma data aproximada, com o intento de enquadrar historicamente o acontecimento. A expressão *todo o mundo habitado* designava, na altura, o império romano.

^m Trata-se de Públio Sulpício Quirino, por esta altura governador da província romana da Síria, e responsável pela política romana no Médio Oriente.

ⁿ No AT, a cidade de David é sempre Jerusalém (2Sm 5,7,9; 6,10,12; Is 22,9). A atribuição deste título a Belém deve ter a ver com Mq 5,1 (1Sm 16,1; Mt 2,6; Jo 7,42).

^o Lit.: *Mas aconteceu no estarem eles ali*.

^p A *hospedaria* ou *sala dos hóspedes* (em 22,11 o termo designa a sala da última ceia) estaria sobrelotada e, por razões de recato e de pureza ritual, não era o lugar adequado para dar à luz. Maria ter-se-ia recolhido ao curral dos animais, como sugere a palavra *manjedoura* (neste v. e também no v.12).

^q Em virtude do seu ofício (viviam afastados da prática religiosa e lidavam com animais impuros), os pastores eram considerados marginais. Numa clara ilustração da teologia lucana (a salvação destina-se, em primeiro lugar, aos excluídos), eles são os primeiros destinatários da mensagem (1,52).

^r A expressão *glória do Senhor* remete para a transfiguração (9,32), para as narrativas pascais (24,26) e para o contexto escatológico (9,26; 21,27).

^s O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^t *Salvador* é um título que o AT reserva para Deus. No NT é usado com frequência para Jesus (Jo 4,42; At 5,31; 13,23; Ef 5,23; Flp 3,20; 2 Pd 1,1,11; 2,20). *Messias Senhor* (cf. v.26) é o título messiânico usado pelo AT (na versão grega), ao passo que o NT usa *Cristo Senhor*.

¹⁴«Glória a Deus nas alturas
e paz^a na terra,
entre os homens de boa vontade».

¹⁵Depois de^b os anjos se terem afastado deles em direção ao céu, os pastores começaram a dizer uns aos outros: «Vamos a Belém, para vermos o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer». ¹⁶Foram apressadamente e encontraram Maria, José e a criança, deitada na manjedoura. ¹⁷Ao vê-los, deram a conhecer o que lhes tinha sido dito sobre aquele menino. ¹⁸E todos os que ouviam se admiravam com o que os pastores lhes diziam.

¹⁹Maria, porém, conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração. ²⁰Os pastores regressaram, dando glória e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes tinha sido dito.

²¹E quando se completaram os oito dias para o circuncidar, foi-lhe posto o nome de Jesus^c, que fora indicado pelo anjo antes de ter sido concebido no ventre materno^d.

Apresentação de Jesus no templo e cântico de Simeão – ²²Quando se completaram os dias da sua purificação^e, de acordo com a Lei de Moisés, levaram-no^f a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, ²³tal como está escrito na Lei do Senhor: *Todo o primogénito varão será consagrado ao Senhor*^g, ²⁴e para oferecerem em sacrifício *um par de rolas ou duas pombinhas*^h, de acordo com o que está dito na Lei do Senhor.

²⁵Ora, haviaⁱ em Jerusalém um homem chamado Simeão, homem justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele^j. ²⁶Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de ver o Cristo do Senhor. ²⁷E veio ao templo movido pelo Espírito. Quando os pais trouxeram o menino Jesus, para cumprirem a seu respeito o que está previsto na Lei^k, ²⁸Simeão^l acolheu-o nos braços, bendisse a Deus e disse:

²⁹«Agora, Senhor, segundo a tua palavra^m,
podes deixar o teu servo partir em paz,
³⁰porque os meus olhos viram a tua salvação,

^a *Glória a Deus* (Sl 148,1) e *paz na terra* (Is 9,5s; 52,7; 57,19; Mq 5,4; Ef 2,14-17; Lc 1,79) são os sinais claros da paz messiânica, em substituição da *pax romana*.

^b Lit.: e aconteceu que.

^c *Yeshua* (*Jesus*) significa o *Senhor salva*.

^d *Materno* é acrescento da tradução.

^e A Lei prescrevia a apresentação da mãe no templo (Lv 12,1-8), mas não a do menino.

^f Lit.: *subiram-no*.

^g Lit.: *todo o varão que rasga a mãe, santo para o Senhor será chamado*. Ex 13,2.12.

^h Lv 5,7; 12,8.

ⁱ Lit.: *vê/eis (que) Este*.

^j Ou o *Espírito [que estava] sobre ele era Santo*.

^k Lit.: *de acordo com o costume da Lei acerca dele*.

^l Lit.: *ele*.

^m Para melhor compreender o cântico de Simeão (*Nunc dimittis*), onde se revelam alguns dos traços da missão do menino, cf. Is 40,5; 42,6; 45,25; 46,13; 49,6; 52,10.

³¹salvaçãoⁿ que preparaste diante de todos os povos:

³²luz para se revelar às nações
e glória do teu povo, Israel».

³³O pai e a mãe do menino^o estavam admirados com o que estava a ser dito sobre Ele. ³⁴Então Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe^p: «Este menino^q está aqui para a queda e o ressurgimento de muitos em Israel e para ser um sinal de contradição; ³⁵e uma espada trespassará a tua alma. Assim se hão de revelar os pensamentos de muitos corações».

³⁶Havia também uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Asser. Era de idade muito avançada^r; tinha vivido sete anos com o marido, depois do seu tempo de donzela^s, ³⁷e viúva até aos oitenta e quatro anos. Não se afastava do templo, prestando culto noite e dia com jejuns e orações. ³⁸E estando também ela presente naquela hora, começou a agradecer a Deus e a falar sobre o menino^t a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém.

³⁹Depois de terem cumprido tudo o que está prescrito na Lei do Senhor, regressaram à Galileia, para a sua cidade de Nazaré. ⁴⁰Entretanto, o menino ia crescendo e fortalecia-se, enchendo-se de sabedoria. E a graça de Deus estava sobre Ele.

Jesus entre os doutores, no templo – ⁴¹Os seus pais iam todos os anos a Jerusalém^u para a Festa da Páscoa. ⁴²E, quando Ele fez doze anos^v, subiram até lá como era costume na festa. ⁴³Quando eles regressavam a casa, passados os dias festivos^w, o menino Jesus ficou em Jerusalém sem que os seus pais o soubessem. ⁴⁴Pensando que Ele estava na caravana, percorreram um dia de caminho. Puseram-se, então, a procurá-lo entre os parentes e conhecidos ⁴⁵e, não o tendo encontrado, regressaram a Jerusalém à sua procura.

⁴⁶Encontraram-no três dias depois^x no templo, sentado no meio dos mestres, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. ⁴⁷Todos os que o ouviam estavam espantados com a sua inteligência e as suas respostas.

⁴⁸Ao vê-lo, ficaram perplexos, e sua mãe disse-lhe: «Filho, porque nos fizeste isto? O teu pai^y e eu andávamos aflitos à tua procura». ⁴⁹Mas Ele respondeu-lhes: «Por-

ⁿ *Salvação é acrescento da tradução.*

^o Lit.: *dele.*

^p O oráculo de Simeão tem Maria como único destinatário e parece pressupor o conhecimento de Jo 19,25.

^q O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê;* cf. Mt 2,13 nota).

^r Lit.: *ela era muito avançada nos dias;* cf. Sl 23,6; 26,8; 27,4; 84,5,11.

^s Lit.: *desde a virgindade dela.*

^t Lit.: *Ele.*

^u Segundo a tradição judaica, um judeu deveria todos os anos, caso pudesse, realizar as três grandes peregrinações a Jerusalém (Ex 23,14-17; 34,22-23; Dt 16,16). Talvez Lc se inspire em 1Sm 1,3,7.

^v Era pelos treze anos que o rapaz israelita se tornava *filho do preceito (bar-mitsváb)*.

^w Lit.: *completados os dias.*

^x O grego antepõe *e aconteceu que.*

^y O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê;* cf. Mt 2,13 nota).

que me procuráveis? Não sabíeis que era necessário^a que Eu estivesse na casa de meu Pai?»^b. ⁵⁰Mas eles não entenderam o que^c lhes disse.

⁵¹Desceu, então, com eles; foi para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe conservava todas estas palavras no seu coração. ⁵²E Jesus *ia crescendo em sabedoria, em idade e em graça, diante de Deus e dos homens*^d.

II O PRELÚDIO DA MISSÃO SALVÍFICA DE JESUS (3,1-4,13)

3 João, o Batista (Mt 3,1-12; Mc 1,1-8) – ¹No décimo quinto ano do reinado de Tibério César^e, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia; Herodes tetrarca^f da Galileia; Filipe, seu irmão, tetrarca das regiões da Itureia e da Traconítide; e Lisânias tetrarca de Abilene; ²no tempo do sumo-sacerdócio^g de Anás^h e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto.

³E ele percorreu toda a região do Jordão a proclamar um batismo de conversão para perdão dos pecados, ⁴tal como está escrito no livro dos oráculosⁱ do profeta Isaías^j:

Uma voz clama, no deserto:

*“Preparai o caminho do Senhor,
endireitai as suas veredas.*

*⁵Todos os vales serão alteados,
e todos os montes e colinas serão rebaixados;*

^a A expressão *é necessário* (em grego *dei*) expressa frequentemente nos evangelhos uma necessidade teológica.

^b A expressão *meu Pai*, motivo da incompreensão de Maria e José (v.50), volta a aparecer no final do evangelho (23,46; 24,49), em jeito de inclusão.

^c Lit.: *a palavra que*.

^d Cf. 1,80; 2,40. Esta conclusão parece inspirar-se em 1Sm 2,21.26.

^e Lc situa a missão de João e a de Jesus (v.23) na história do mundo greco-romano e na do povo judeu (1,5 e 2,1-2). Tibério, que sucede a César Augusto, foi imperador romano entre 14 e 37 d.C. O décimo quinto ano do seu reinado será o ano 28 ou 29 da era cristã. Pôncio Pilatos foi governador da Judeia, Idumeia e Samaria, entre 26 e 36 da era cristã. Herodes Antipas governou a Galileia e a Pereia, de 4 a.C. a 39 d.C.. Filipe foi governador de alguns distritos a nordeste do Lago de Tiberíades, de 4 a.C. a 34 d.C.. Lisânias é pouco conhecido e dependeria do rei Herodes Agripa II. Talvez Lc o inclua aqui pelo facto de o seu território ser pagão, num aceno à universalidade da salvação.

^f Cf. Mt 14,1 nota.

^g Lit.: *sob o sumo sacerdote*.

^h Anás foi deposto do cargo de sumo sacerdote no ano 15 d.C. É aqui referido porque, sendo sogro de Caifás, continuava a exercer uma grande influência (Jo 18,13-24; At 4,6). Caifás foi sumo sacerdote entre 18 e 36 d.C.. O chamamento de João evoca o de Jeremias (Jr 1,1), realçando desta forma o seu carácter profético.

ⁱ Lit.: *das palavras*.

^j Is 40,3-5.

*o que é sinuoso tornar-se-á direito,
e os caminhos pedregosos tornar-se-ão planos,
e toda a criatura^k verá a salvação de Deus^l.*

⁷Dizia, então, às multidões que acorriam para serem batizadas por ele: «Geração de víboras, quem vos mostrou como fugir da ira que está a chegar? ⁸Produzi frutos próprios da conversão; e não comeceis a dizer entre vós: “Temos por pai Abraão”, pois digo-vos que Deus é capaz de fazer surgir, destas pedras, filhos de Abraão. ⁹O machado já está posto à raiz das árvores, e toda a árvore que não dá bom fruto será cortada e lançada ao fogo».

¹⁰As multidões perguntavam-lhe^l: «Que devemos fazer, então?». ¹¹Ele respondia-lhes^m: «Quem tem duas túnicas partilhe com quem não tem nenhuma, e quem tem alimentos faça o mesmo».

¹²Vieram também alguns publicanos para serem batizados e disseram-lhe: «Mestre, que devemos fazer?». ¹³Ele respondeu-lhes: «Não exijais mais do que aquilo que vos foi estipulado».

¹⁴Também os soldados lhe perguntavamⁿ: «E nós, que devemos fazer?». Ele respondeu-lhes: «Não tireis nada a ninguém nem façais denúncias falsas, e contentai-vos com o vosso soldo».

¹⁵Como o povo estava na expectativa, e todos pensavam no seu coração se João não seria o Cristo^o, ¹⁶João tomou a palavra e disse a todos: «Eu batizo-vos na água^p, mas está a chegar Aquele que é mais forte^q do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias: Ele batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo^r. ¹⁷Tem na mão a pá para limpar a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; a palha, porém, queimá-la-á num fogo que não se apaga». ¹⁸E com estas e muitas outras exortações anunciava ao povo a boa nova.

^k Lit.: *toda a carne*; trata-se de uma expressão hebraica (Gn 6,12).

^l O grego acrescenta *dizendo*. Os vv.10-14 são específicos de Lc. A pergunta *que devemos fazer?* marca a atitude própria de quem se disponibiliza para um caminho de conversão (At 2,37; 16,30; 22,10). O facto de João não exigir aos seus interlocutores que deixem a sua profissão significa que converter-se não implica tal, mas sim mudar de estilo de vida, praticando a justiça e a caridade.

^m Lit.: *respondendo, porém, dizia-lhes*.

ⁿ O grego acrescenta *dizendo*.

^o De origem grega, este título significa *ungido* e corresponde ao hebraico *Messias* (em Israel eram ungidos os sacerdotes, os profetas e os reis). Era entendido, por esta altura, em sentido eminentemente político (20,41; 22,67; 23,2.35.39). Não raras vezes os discípulos de João se interrogam se o seu mestre não será o messias (Jo 1,19-20; 3,28).

^p Ou *com água*.

^q *Forte* é um título messiânico, ao qual Lc voltará em 11,22 (cf. Is 9,5; 11,2). Lc contrapõe o batismo de João ao de Jesus (At 1,5; 11,16).

^r Desatar as correias das sandálias era uma atitude de escravo que um hebreu não podia permitir a um membro do seu povo (Jo 8,33). Os profetas usam as imagens da ceifa, da pá de joeirar (Jr 15,7; 51,2) e do fogo aplicado à palha (Is 5,24; 47,14; Jl 2,5; Na 1,10) para falar do juízo de Deus. Ao referir que se trata de um fogo inextinguível (cf. Is 66,24; Mc 9,43.48), João dá um colorido escatológico à sua imagem. Sobre o juízo divino e o dia do Senhor, cf. Sl 7,8; Is 13,9; Ez 13,5; Dn 8,19; Am 5,18-20; Mt 25,31-46; 1Cor 3,13.15; 1Ts 2,19.

Prisão de João (Mt 14,3s; Mc 6,17s) – ¹⁹Mas o tetrarca^a Herodes, a quem João reprendia^b por causa de Herodíade^c, a mulher de seu irmão, e pelas más ações que havia cometido, ²⁰a todas elas acrescentou ainda esta: encerrou João na prisão^d.

Batismo de Jesus (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11) – ²¹Depois de todo o povo ter sido batizado^e, também Jesus foi batizado^f; e, enquanto rezava, o céu abriu-se, ²²e desceu sobre Ele o Espírito Santo em figura corpórea, como uma pomba. E, do céu, surgiu uma voz: «Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo».

Origem humana de Jesus. Genealogia (Mt 1,1-17) – ²³Jesus tinha cerca de trinta anos^g quando iniciou o seu ministério^h. Ele era – assim se pensava – filho de José, que era filho de Eli, ²⁴filho de Matat, filho de Levi, filho de Melqui, filho de Janai, filho de José, ²⁵filho de Matatias, filho de Amós, filho de Naum, filho de Esli, filho de Nagai, ²⁶filho de Maat, filho de Matatias, filho de Simei, filho de Josec, filho de Jodá, ²⁷filho de Joanan, filho de Ressa, filho de Zorobabel, filho de Salatiel, filho de Neri, ²⁸filho de Melqui, filho de Adi, filho de Cosam, filho de Elmadam, filho de Er, ²⁹filho de Jesus, filho de Eliézer, filho de Jorim, filho de Matat, filho de Levi, ³⁰filho de Simeão, filho de Judá, filho de José, filho de Jonam, filho de Eliaquim, ³¹filho de Meleá, filho de Mená, filho de Matatá, filho de Natan, filho de David, ³²filho de Jessé, filho de Obed, filho de Booz, filho de Salá, filho de Nachon, ³³filho de Aminadab, filho de Admin, filho de Arni, filho de Hesron, filho de Peres, filho de Judá, ³⁴filho de Jacob, filho de Isaac, filho de Abraão, filho de Tera, filho de Naor, ³⁵filho de Serug, filho de Reú, filho de Péleg, filho de Éber, filho de Chela, ³⁶filho de Quenan, filho de Arpaxad, filho de Sem, filho de Noé, filho de Lamec, ³⁷filho de Matusalém, filho de Henoc, filho de Jared, filho de Malaiel, filho de Quenan, ³⁸filho de Enós, filho de Set, filho de Adão, filho de Deus.

^a Cf. Mt 14,1 nota.

^b Lit.: *que era repreendido por ele*.

^c Sobre Herodíade, cf. Mt 14, 3 nota e Mc 6,22 nota.

^d Assim se encerra a missão de João, que Lc apresenta ainda antes do batismo de Jesus, talvez com o intuito de distinguir as duas etapas de uma mesma missão: a de João, que se destinava a preparar a de Jesus. Só em 9,7-9 fará uma referência breve à morte de João.

^e Lit.: *mas aconteceu no todo o povo ser batizado*.

^f De forma solidária, Jesus participa no processo da conversão do seu povo e dá-lhe sentido. A oração de Jesus é um tema caro a Lc (5,16; 6,12; 9,18.28-29; 10,21; 11,1; 22,32.40-46; 23,34.46). Sobre os céus que se rasgam, cf. Is 63,19.

^g Lc é o único a referir os trinta anos de Jesus, o que pode ter como intenção aludir a David, que começou a reinar com a mesma idade (2Sm 5,4).

^h Ao contrário de Mt, que coloca a genealogia no início do evangelho, Lc apresenta-a depois de Jesus ter sido revelado como Filho de Deus. Além disso, Mt parte de Abraão para Jesus, e Lc de Jesus para Adão e Deus, realçando a universalidade de Jesus e da sua mensagem. A genealogia pretende fundamentar a ascendência davídica de Jesus e a sua legitimidade messiânica.

4 **Tentações de Jesus** (Mt 4,1-11; Mc 1,12s) – ¹Jesus, cheio do Espírito Santoⁱ, regressou do Jordão e foi conduzido pelo Espírito no deserto ²durante quarenta dias^j, enquanto era tentado pelo Diabo. Não comeu nada nesses dias e, quando eles terminaram, sentiu fome. ³Disse-lhe o Diabo^k: «Se és Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão». ⁴Jesus respondeu-lhe: «Está escrito: *nem só de pão viverá o homem*»^l.

⁵Então, levando-o para o alto, o Diabo mostrou-lhe, num relance, todos os reinos do mundo habitado. ⁶Disse-lhe o Diabo: «Dar-te-ei todo este poderio e a sua glória, porque me foi entregue e o dou a quem eu quiser. ⁷Se tu me adorares, tudo será teu». ⁸Jesus respondeu-lhe^m: «Está escrito: *Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto*»ⁿ.

⁹Conduziu-o, então, a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do templo e disse-lhe: «Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, ¹⁰pois está escrito:

Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito para que te guardem,

¹¹e ainda: *eles levar-te-ão nas mãos,*

para que o teu pé não tropece em alguma pedra»^o.

¹²Jesus respondeu-lhe^p: «Está dito: *Não tentarás o Senhor teu Deus*»^q.

¹³Então o Diabo, depois de o ter tentado de todas estas formas^r, afastou-se dele, até que surgisse o momento oportuno.

III

JESUS INICIA A SUA PREGAÇÃO NA GALILEIA

(4,14-9,50)

Jesus começa a ensinar (Mt 4,12,17; Mc 1,14s) – ¹⁴Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito, e a sua fama espalhou-se por toda a região. ¹⁵E Ele ensinava nas suas sinagogas, sendo elogiado por todos.

ⁱ É evidente a dupla referência ao Espírito recebido no batismo. Com ele, Jesus vai vencer as tentações e dar início à sua missão (4,14.18).

^j Lc une Mc 1,13 (tentação durante os quarenta dias) com Mt 4,2 (três tentações ao fim de quarenta dias). O número quarenta designa, na Escritura, uma geração (1Sm 13,1), o tempo que Moisés passou na montanha (Ex 24,18), a caminhada de Elias (1Rs 19,8) e o tempo que Israel vagueou pelo deserto, antes de entrar na Terra Prometida (Js 5,6).

^k O nome *Diabo* (do grego *diábolos: aquele que divide*) designa o inimigo de Deus e do seu reino. O tentador retoma a palavra divina, pronunciada aquando do batismo (3,22: *Tu és o meu filho amado...*), provocando Jesus no sentido de tornar evidente a sua filiação divina.

^l Dt 8,3 e Mt 4,4.

^m Lit.: e respondendo Jesus disse-lhe.

ⁿ Dt 6,13.

^o Sl 91,11s.

^p Lit.: e respondendo disse-lhe Jesus.

^q Dt 6,16.

^r Lit.: e terminando toda a tentação.

Jesus na sinagoga de Nazaré: missão e rejeição (Mt 13,53-58; Mc 6,1-6) – ¹⁶Foi, então, a Nazaré, onde tinha sido criado, e, segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. ¹⁷Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías e, ao desenrolá-lo, encontrou a passagem onde estava escrito:

¹⁸*O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu
para anunciar a boa nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e a recuperação da vista aos cegos,
a mandar em liberdade os oprimidos,*

¹⁹*a proclamar o ano da graça do Senhor^a.*

²⁰Depois enrolou o livro, devolveu-o ao ajudante e sentou-se. Os olhos de todos na sinagoga estavam fixos nele. ²¹Começou, então, a dizer-lhes: «Cumpriu-se hoje^b esta Escritura que acabais de ouvir^c».

²²Todos davam testemunho em seu favor e admiravam-se com as palavras cheias de graça que saíam da sua boca. E diziam: «Não é este o filho de José?». ²³Disse-lhes Jesus^d: «Ireis certamente citar-me o provérbio: “Médico, cura-te a ti mesmo”. Faz também agora na tua terra^e o que ouvimos dizer que aconteceu em Cafarnaum».

²⁴E acrescentou: «Em verdade^f vos digo: nenhum profeta é aceite^g na sua terra. ²⁵Em verdade vos digo: havia muitas viúvas em Israel nos dias de Elias^h, quando o céu se fechou por três anos e seis meses e houve uma grande fome em toda a terra, ²⁶mas Elias não foi enviado a nenhuma delas, a não ser a uma viúva de Sarepta de Sídon.

²⁷Havia muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseuⁱ, mas nenhum deles foi purificado, a não ser o sírio Naamã».

²⁸Ao ouvir isto, todos na sinagoga se encheram de fúria. ²⁹Levantaram-se, lançaram-no para fora da cidade e levaram-no até ao cimo do monte em que a cidade estava edificada, para o lançarem dali abaixo. ³⁰Mas Jesus^j, passando pelo meio deles, seguiu adiante^k.

^a Lit.: *o ano aceitável do Senhor*. Nos vv.18s, Lc conjuga Is 61,1-2a e 42,7, cortando intencionalmente a parte final: *o dia da vingança da parte do nosso Deus* (Is 61 2b). *O ano da graça ou ano favorável* é o ano jubilar, celebrado em Israel de cinquenta em cinquenta anos (Lv 25,8-17).

^b É Lc quem mais destaca a atualidade da salvação (2,11; 5,26; 13,32; 19,9; 23,43).

^c Lit.: *nos vossos ouvidos*. *Hoje* destaca a atualidade da salvação, um tema enfatizado por Lc (2,11; 5,26; 13,32; 19,9; 23,43).

^d *Jesus* é acréscimo da tradução.

^e Apesar de não ter nascido lá, Nazaré é vista como a terra de origem de Jesus, pois foi aí que ele cresceu. Com base no passado, Jesus prevê a rejeição futura do seu povo.

^f Lit.: *amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^g *Dektós*, o mesmo termo do v.19 (traduzido por *favorável*).

^h Cf. 1Rs 17,1-24; 18,1; Tg 5,17.

ⁱ Cf. 2Rs 5,1-15.

^j Lit.: *Ele*.

^k A afirmação evidencia que nada nem ninguém pode deter o caminho de Jesus, que só terminará em Jerusalém (13,33).

Na sinagoga de Cafarnaum. Cura de um endemoniado (Mc 1,21-28) – ³¹Desceu, então, para Cafarnaum, cidade da Galileia, e pôs-se a ensiná-los ao sábado. ³²Estavam impressionados com o seu ensinamento, porque a sua palavra tinha autoridade.

³³Ora, estava na sinagoga um homem que tinha o espírito de um demónio impuro e começou a gritar com voz forte: ³⁴«Ah! Que há entre nós e ti, Jesus de Nazaré? Vieste para nos destruir? Sei quem Tu és: o Santo de Deus». ³⁵Jesus repreendeu-o severamente, dizendo: «Cala-te e sai desse homem!». E o demónio, arremessando-o para o meio dos presentes^m, saiu dele sem lhe fazer mal algum.

³⁶Ficaram todos espantados e falavam uns com os outros, dizendo: «Que espécie de palavra é esta? Dá ordens com autoridade e poder aos espíritos impuros, e eles saem!». ³⁷E a sua fama divulgava-se por todos os lugares daquela região.

Cura da sogra de Pedro (Mt 8,14s; Mc 1,29-31) – ³⁸Depois de deixar a sinagoga, entrou na casa de Simão. Ora, a sogra de Simãoⁿ estava tomada por uma grande febre, e pediram a Jesus por ela. ³⁹Inclinando-se sobre ela, Jesus^p repreendeu severamente a febre, e a febre^q deixou-a. Ela levantou-se imediatamente e começou a servi-los.

Curas e exorcismos (Mt 8,16; Mc 1,32-34) – ⁴⁰Ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos com vários tipos de doenças começaram a levá-los até Jesus^r; e Ele, impondo as mãos sobre cada um deles, curava-os. ⁴¹E de muitos também saíam demónios, que gritavam: «Tu és o Filho de Deus». Mas Ele, repreendendo-os severamente, não lhes permitia que falassem, porque sabiam que Ele era o Cristo.

Jesus sai para um lugar deserto (Mc 1,35-39) – ⁴²Quando se fez dia, saiu e foi para um lugar deserto. As multidões puseram-se à sua procura e, ao chegarem junto dele, tentavam retê-lo para que não os deixasse. ⁴³Mas Ele disse-lhes: «É necessário que eu anuncie a boa nova do reino de Deus também às outras cidades, porque foi para isso que fui enviado». ⁴⁴E foi pregando pelas sinagogas da Judeia^t.

S Pesca abundante e chamamento dos discípulos (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20) – ¹ Encontrando-se Jesus^u junto ao lago de Genesaré, a multidão comprimia-se^v à sua volta

^l Lit.: *dele*.

^m *Dos presentes* é acrescento da tradução.

ⁿ É a primeira referência a Simão, que seguirá Jesus a partir de 5,1-11.

^o Lit.: *pediram-lhe por ela*.

^p *Jesus* é acrescento da tradução.

^q *A febre* é acrescento da tradução.

^r Lit.: *Ele*.

^s O grego acrescenta *dizendo*.

^t Alguns mss. e também Mc 1,39 usam a palavra *Galileia*. Sendo o país dos judeus genericamente conhecido como Judeia, Lc usa esta terminologia no sentido de *país* e não de *região*.

^u Lit.: *Ele*.

^v Lit.: *aconteceu no comprimi-lo a multidão*.

para ouvir a palavra de Deus.² Ele viu, então, dois barcos que estavam à beira do lago. Os pescadores tinham desembarcado e estavam a lavar as redes.³ Jesus^a entrou num dos barcos, no que era de Simão, e pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra. Depois sentou-se e, do barco, pôs-se a ensinar as multidões.

⁴ Quando acabou de falar, disse a Simão: «Vai para águas profundas, e lançaí as vossas redes para a pesca». ⁵ Simão respondeu-lhe^b: «Mestre^c, afadigámo-nos toda a noite e não apanhámos nada. Mas, perante a tua palavra, lançarei as redes». ⁶ E, quando o fizeram, apanharam tão grande quantidade de peixes que as redes começaram a romper-se. ⁷ Fizeram, então, sinal aos companheiros que estavam no outro barco para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram ambos os barcos, de tal modo que quase se afundavam.

⁸ Ao ver isto, Simão Pedro^d caiu aos pés^e de Jesus, dizendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador». ⁹ O espanto tomara conta dele e de todos os que estavam com ele, por causa da quantidade de peixes que tinham apanhado. ¹⁰ O mesmo aconteceu a Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão.

Jesus disse a Simão: «Não tenhas medo! A partir de agora serás pescador de homens». ¹¹ E, depois de conduzirem os barcos para terra, eles deixaram tudo e seguiram-no^f.

Purificação e cura de um leproso (Mt 8,2-4; Mc 1,40-45) – ¹² Estando Jesus^g numa das cidades, apareceu um homem cheio de lepra^h. Ao ver Jesus, caiu com o rosto por terra e implorou-lhe, dizendo: «Senhor, se quiseres, podes purificar-me». ¹³ Então Ele estendeu a mão, tocou-lhe e disse: «Quero: fica purificado!». E imediatamente a lepra o deixou. ¹⁴ Ele ordenou-lhe que não o dissesse a ninguém, mas acrescentou: «Vai mostrar-teⁱ ao sacerdote e faz uma oferenda pela tua purificação, tal como Moisés prescreveu, para lhes servir de testemunho^j».

¹⁵ A sua fama difundia-se cada vez mais, e reuniam-se numerosas multidões para o ouvir e serem curadas das suas enfermidades. ¹⁶ Ele, porém, costumava retirar-se para o deserto para rezar.

^a Jesus é acrescento da tradução.

^b Lit.: e respondendo Simão disse.

^c *Epistátēs* (o que está acima, mestre) é um título que só se encontra em Lc e sempre na boca dos discípulos (8,24.45; 9,33.49), à exceção de 17,13.

^d É a única vez que Lc atribui a Pedro este duplo nome (Mc 16,16; Jo 21,2.3.7.11).

^e Lit.: aos joelhos.

^f Lc é o único evangelista a apresentar a necessidade de abandonar *tudo* como condição para seguir Jesus, ideia que sublinha várias vezes (v.28; 12,33; 14,33; 18,22).

^g Lit.: e aconteceu no Ele estar.

^h A lepra era vista como um castigo divino (Dt 28,27.35), fruto do pecado que exclui da comunidade (Lv 13-14).

ⁱ *A acrescentou* é acrescento da tradução.

^j Lit.: para testemunho a eles. Uma vez curado, o ex-leproso devia mostrar-se ao sumo sacerdote para o rito de purificação (Lv 14,2s).

Perdão e cura de um parálítico (Mt 9,1-8; Mc 2,1-12) – ¹⁷ Num dos dias^k em que Jesus estava a ensinar, encontravam-se também sentados a ouvir^l uns fariseus e mestres da Lei que tinham vindo de todas as povoações da Galileia, da Judeia e de Jerusalém^m. O poder do Senhor estava com Ele para curar. ¹⁸ Apareceramⁿ, então, uns homens, que traziam um parálítico numa enxerga; tentavam levá-lo para dentro e colocá-lo diante de Jesus^o. ¹⁹ Mas, como não encontravam modo de o levar para dentro por causa da multidão, subiram ao terraço e, através das telhas, fizeram-no descer na enxerga até ao meio dos presentes^p, diante de Jesus.

²⁰ Ao ver a fé daquela gente, Ele disse: «Homem, os teus pecados estão perdoados». ²¹ Os doutores da lei e os fariseus começaram a discutir entre si, dizendo: «Quem é Este que diz blasfémias? Quem pode perdoar os pecados, senão Deus somente?». ²² Mas Jesus, que conhecia os seus pensamentos, respondeu-lhes^q: «Que estais a pensar nos vossos corações? ²³ O que é mais fácil dizer: “Os teus pecados estão perdoados” ou^r “Levanta-te e anda?”». ²⁴ Mas, para que saibais que o Filho do Homem tem, sobre a terra, autoridade para perdoar os pecados» – disse Ele ao parálítico – «Eu te digo: levanta-te, toma a tua enxerga e vai para a tua casa». ²⁵ De imediato ele levantou-se diante de todos^s, tomou a enxerga onde estava deitado e foi para a sua casa, dando glória a Deus. ²⁶ O assombro tomou conta de todos e davam glória a Deus; cheios de temor, diziam: «Hoje vimos coisas extraordinárias!».

Chamamento de Levi. Os publicanos e pecadores (Mt 9,9-13; Mc 2,13-17) – ²⁷ Depois disto, Jesus^t saiu e viu um publicano chamado Leviⁿ, sentado no posto de cobrança de impostos, e disse-lhe: «Segue-me». ²⁸ E ele, deixando tudo, levantou-se e seguiu Jesus^v.

²⁹ Levi ofereceu-lhe um grande banquete na sua casa. Estava reclinado com eles à mesa um numeroso grupo de publicanos, assim como outras pessoas. ³⁰ Os fariseus e os seus doutores da lei começaram a murmurar e disseram aos discípulos de Jesus^w: «Por que razão comeis e bebeis com os publicanos e os pecadores?». ³¹ Jesus respon-

^k Lit.: e aconteceu num dos dias...

^l A *ouvir* é acrescido da tradução.

^m Lc reúne em 5,17-6,11 uma série de controvérsias de Jesus com as autoridades judaicas.

ⁿ O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^o Lit.: *dele*.

^p *Dos presentes* é acrescido da tradução.

^q Lit.: *respondendo disse para eles*.

^r O grego acrescenta *dizer*.

^s Lit.: *déles*.

^t *Jesus* é acrescido da tradução.

^u *Levi* é o nome dado por Lc e Mc a Mateus, o cobrador de impostos, que Jesus chamou para seu discípulo (Mt 9,9; Mc 2,14).

^v Lit.: *seguiu-o*.

^w Lit.: *dele*.

deu-lhes^a: «Não são os que estão saudáveis que precisam de médico, mas os que têm alguma espécie de mal. ³²Não vim chamar à conversão os justos, mas os pecadores».

O jejum (Mt 9,14-17; Mc 2,18-22) – ³³Eles, porém, disseram-lhe: «Os discípulos de João jejuam com frequência e recitam orações, e os discípulos dos fariseus^b também o fazem, mas os teus comem e bebem». ³⁴Jesus respondeu-lhes: «Podereis fazer com que os convidados da boda^c jejuem enquanto o noivo está com eles? ³⁵Dias virão em que o noivo lhes será tirado; então, naqueles dias, hão de jejuar».

O velho e o novo (Mc 2,21s; Mt 9,16s) – ³⁶Disse-lhes também uma parábola: «Ninguém rasga um pedaço de uma veste nova para o pôr numa veste velha; de outro modo, para além de se rasgar a nova, o pedaço retirado da nova de nada servirá à velha. ³⁷E ninguém deita vinho novo em odres velhos; de outro modo, o vinho novo romperá os odres, derramar-se-á, e os odres ficarão perdidos. ³⁸Deve deitar-se vinho novo em odres novos. ³⁹E ninguém que beba do velho quer o novo, pois diz: “O velho é que é bom!”»^d.

Espigas arrancadas ao sábado (Mt 12,1-8; Mc 2,23-28) – ¹Passando Ele num sábado pelas searas^e, os seus discípulos começaram a colher e a comer espigas, debulhando-as com as mãos. ²Disseram, então, alguns fariseus: «Porque fazeis o que não é permitido ao sábado?» ³Jesus respondeu-lhes^f: «Mas não lestes que foi isto que fez David quando sentiu fome, ele e os que estavam com ele? ⁴Como entrou na casa de Deus e tomou e comeu os pães da oferenda, que não é permitido comer senão aos sacerdotes, e os deu também aos que estavam com ele?»^g. ⁵E dizia-lhes: «O Filho do Homem é senhor do sábado».

Cura ao sábado (Mt 12,9-14; Mc 3,1-6) – ⁶Num outro sábado^h, Ele entrou na sinagoga e começou a ensinar. Estava lá um homem que tinha a mão direita paralisadaⁱ. ⁷Os doutores da lei e os fariseus puseram-se a observá-lo, para ver se o iria curar ao sábado, a fim de encontrarem forma de o acusar. ⁸Ele, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse ao homem que tinha a mão paralisada: «Levanta-te e põe-te no

^a Lit.: e respondendo Jesus disse para eles.

^b Lit.: os dos fariseus.

^c Lit.: os filhos do noivado. A expressão pode indicar quer os amigos do noivo, quer os convidados para as núpcias em sentido geral.

^d Os exemplos têm como finalidade levar à escolha entre o ritualismo judaico (o velho) e a novidade do evangelho (o novo). O assunto é versado também em Mt 9,17.

^e Lit.: mas aconteceu em sábado Ele passar por searas.

^f Lit.: e respondendo para eles disse Jesus.

^g À censura dos fariseus, Jesus responde com exemplos da Escritura (Lv 24,5-9; 1Sm 21,2-7). Sobre os pães da oferenda ou da proposição, cf. Ex 25,30; Lv 24,5-9; 1Sm 21,3-5; 1Cr 9,28-32; Ez 41,16-26.

^h Lit.: aconteceu que, num outro sábado.

ⁱ Lit.: ressequida.

meio». E ele levantou-se e ficou de pé. ⁹Disse-lhes Jesus: «Pergunto-vos: é permitido ao sábado fazer bem ou fazer mal, salvar uma vida ou destruí-la?». ¹⁰E, olhando em redor para todos eles, disse ao homem: «Estende a tua mão». Ele assim fez, e a sua mão ficou curada. ¹¹Eles encheram-se de fúria e começaram a discutir entre si o que haveriam de fazer a Jesus.

Eleição dos Doze (Mt 10,1-4; Mc 3,13-19) – ¹²Naqueles dias, Jesus saiu^k para o monte para rezar^l e passou a noite em oração a Deus. ¹³Quando se fez dia, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze de entre eles, a quem chamou apóstolos: ¹⁴Simão, a quem chamou Pedro^m, e o seu irmão André; Tiago e João; Filipe, Bartolomeu, ¹⁵Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zeloteⁿ; ¹⁶Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes^o, que foi quem o entregou.

As multidões ocorrem (Mt 4,23-25; 12,15s; Mc 3,7-12) – ¹⁷Desceu depois com eles e deteve-se num lugar plano juntamente com um numeroso grupo de discípulos seus e muito povo, uma multidão proveniente de toda a Judeia, de Jerusalém, e do litoral de Tiro e de Sídon, ¹⁸que tinha vindo para o ouvir e ser curada das suas doenças. Os atormentados por espíritos impuros eram curados, ¹⁹e toda a multidão procurava tocar-lhe, porque dele emanava um poder que a todos curava.

Bem-aventuranças e imprecações (Mt 5,3-12) – ²⁰Então Ele, erguendo os olhos para os seus discípulos, disse:

«Felizes vós, os pobres^p, porque é vosso o reino de Deus.

²¹Felizes vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados.

Felizes vós, os que agora chorais, porque haveis de rir^q.

²²Felizes sereis quando, por causa do Filho do Homem, os homens vos odiarem, vos rejeitarem, insultarem e proscreverem o vosso nome como infame. ²³Alegrai-vos nesse dia e exultai^r, pois é grande no céu a vossa recompensa. Era assim que os seus pais faziam aos profetas.

^j Lit.: *disse-lhe*.

^k Lit.: *aconteceu, naqueles dias, Ele sair...*

^l A entrega de Jesus à oração é típica de Lc e diz muito da importância que lhe dá.

^m A imposição de um novo nome significa a atribuição de uma missão (Ex 3,14-15; Lv 24,11; 1Sm 1,20; Pr 18,10; Is 1,26).

ⁿ Os zelotes opunham-se, de modo violento, à ocupação dos romanos.

^o *Judas, filho de Tiago*, é Judas Tadeu (Mt 10,3; Mc 3,18). *Iscariotes* pode significar *oriundo de Keriot* (povoação da Palestina meridional: Js 15,25; Am 2,2), *mentiroso* (raiz aramaica) ou *sicário* (como transcrição semítica da palavra latina *sicarius*).

^p Alguns mss. acrescentam *em espírito*, muito provavelmente para harmonizar com Mt 5,3.

^q Para além da preocupação de Deus com os pobres ser uma constante em todo o AT, também a afirmação de que os famintos serão saciados ecoa nos textos veterotestamentários (cf. Is 49,10; Jr 31,12.25; Ez 34,29; 36,29), tal como a ideia de que o pranto dará lugar à alegria (cf. Is 25,6-9).

^r Lit.: *saltai [de alegria]*.

²⁴Mas ai de vós, os ricos, porque já recebestes a vossa consolação!

²⁵Ai de vós, os que agora viveis na fartura, porque haveis de ter fome!

Ai de vós, os que agora rides, porque haveis de lamentar-vos e chorar!

²⁶Ai de vós, quando todos os homens disserem bem de vós! Pois o mesmo faziam os seus pais aos falsos profetas».

Amor aos inimigos (Mt 5,38-48) – ²⁷«Digo-vos a vós que me ouvís: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam. ²⁸Bendizeis os que vos amaldiçoam, rezai por aqueles que vos maltratam. ²⁹A quem te bater numa face, oferece também a outra; e a quem te levar a capa, não impeças que te leve também a túnica. ³⁰Dá a todo aquele que te pede; e a quem tirar o que é teu, não lho peças de volta. ³¹E, tal como quereis que os homens vos façam, fazei-lho vós também. ³²Se amais aqueles que vos amam, que agradecimento mereceis? Também os pecadores amam aqueles que os amam. ³³E se fizerdes bem a quem vos faz bem, que agradecimento mereceis? Também os pecadores o fazem. ³⁴E se emprestardes àqueles de quem esperais receber, que agradecimento mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, a fim de receberem outro tanto.

³⁵Vós, pelo contrário, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem nada esperar em troca: será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bondoso até para com os ingratos e os maus».

Não julgueis (Mt 7,1-5) – ³⁶«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. ³⁷Não julgueis e jamais sereis julgados. Não condeneis e jamais sereis condenados. Perdoai e sereis perdoados^b. ³⁸Dai e ser-vos-á dado: colocar-vos-ão^c no regaço uma boa medida, calcada, sacudida e a transbordar. Pois é com a medida que medirdes que também sereis medidos».

³⁹Disse-lhes também uma parábola: «Poderá um cego guiar outro cego? Não cairão ambos numa cova? ⁴⁰Um discípulo não está acima do mestre, mas todo aquele que ficou bem preparado será como o seu mestre. ⁴¹Porque vês o cisco que está no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? ⁴²Como podes dizer ao teu irmão: “Irmão, deixa que tire o cisco que está no teu olho”, e não vês a trave que está no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás com clareza para poderes tirar o cisco que está no olho do teu irmão».

A árvore boa (Mt 7,16-21; 12,33-35) – ⁴³«Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto. ⁴⁴Cada árvore conhece-se pelo seu fruto: não se apanham figos dos espinhos, nem se colhem uvas das silvas. ⁴⁵O homem bom, do bom

^a Depois das quatro bem-aventuranças, Lc apresenta quatro imprecizações sobre aqueles que pensam ter encontrado a felicidade neste mundo, segundo um esquema que vem já do AT (Is 3,10-11; Jr 17,5-8).

^b Os verbos conjugados na voz passiva deste v. são passivos teológicos (cf. Mt 16,6 nota).

^c Lit.: *darão*.

tesouro do seu coração, extrai o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração, extrai o mal^d; pois a sua boca fala da abundância do coração».

A casa sobre a rocha (Mt 7,24-27) – ⁴⁶«Porque me chamais “Senhor, Senhor” e não fazeis o que digo? ⁴⁷Vou mostrar-vos a quem é semelhante todo aquele que vem ter comigo, ouve as minhas palavras e as põe em prática. ⁴⁸É semelhante a um homem que edifica uma casa: escavou, aprofundou e colocou o alicerce sobre a rocha. Quando veio uma enchente, a torrente irrompeu contra aquela casa, mas não foi capaz de a abalar, por estar bem edificada. ⁴⁹Mas aquele que ouve as minhas palavras^e e não as põe em prática é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre a terra, sem alicerce. A torrente irrompeu contra aquela casa^f, que imediatamente desabou; e foi grande a sua ruína.».

7 Cura do servo do centurião (Mt 8,5-13; Jo 4,46-53) – ¹Quando acabou de dizer todas estas palavras ao povo que estava a ouvir^g, entrou em Cafarnaum.

²Um certo centurião^h tinha um servo a quem muito estimava e que se encontrava mal, prestes a morrer. ³Tendo ouvido falar de Jesus, enviou-lhe alguns anciãos dos judeus para lhe pedir que lhe fosse salvar o servo. ⁴Quando chegaram junto de Jesus, eles começaram a suplicar-lhe insistentemente, dizendo: «Ele merece que lhe façam isto, ⁵pois ama o nosso povo e foi ele que nos edificou a sinagoga».

⁶Jesus foi com eles. Já não se encontrava longe da casa, quando o centurião lhe enviou uns amigos para lhe dizer: «Senhor, não te incomodes, pois não sou digno de que entres em minha casaⁱ. ⁷Por isso, nem sequer me considere digno de ir ter contigo. Mas diz uma palavra, e o meu servo será curado. ⁸Pois também eu, embora seja um subalterno, tenho soldados sob as minhas ordens^j, e digo a um “vai”, e ele vai; e a outro “vem”, e ele vem; e ao meu servo “faz isto” e ele faz».

⁹Ao ouvir isto, Jesus ficou admirado com ele e, voltando-se para a multidão que o seguia, disse: «Digo-vos que nem mesmo em Israel encontrei uma tal fé».

¹⁰E, quando voltaram para casa, os enviados encontraram o servo com saúde.

Ressurreição do filho de uma viúva, em Naim – ¹¹Em seguida, Jesus foi^k para uma cidade chamada Naim. Acompanhavam-no os seus discípulos e uma numerosa multidão.

^d Lit.: e o mau do mau extrai o mal.

^e As *minhas palavras* é acrescento da tradução.

^f Lit.: *contra ela*.

^g Lit.: *aos ouvidos do povo*.

^h O centurião era um oficial do exército romano que comandava cerca de cem soldados. Lc refere explicitamente o bom relacionamento deste com os judeus (vv.3-5) e a sua humildade (vv.6-7). Ao dar-lhe importância, está a preparar terreno para a entrada dos gentios na Igreja.

ⁱ Lit.: *debaixo do meu teto*.

^j Lit.: *um homem sob autoridade, tendo sob mim soldados*.

^k Lit.: *e aconteceu [que] foi*.

¹²Quando se aproximou da porta da cidade, eis que estava a ser levado a sepulturar um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva. Com ela estava uma considerável multidão da cidade. ¹³Ao vê-la, o Senhor^a compadeceu-se profundamente dela e disse-lhe: «Não chores». ¹⁴E, aproximando-se, tocou no caixão^b. Os que o transportavam pararam, e Ele disse: «Jovem, Eu te digo: levanta-te!». ¹⁵O morto sentou-se e começou a falar; e Jesus^c entregou-o à sua mãe^d.

¹⁶O temor apoderou-se de todos e davam glória a Deus, dizendo: «Surgiu entre nós um grande profeta!» e: «Deus visitou o seu povo!». ¹⁷Este facto a seu respeito espalhou-se pela Judeia inteira e por toda a região.

Embaixada de João Baptista a Jesus (Mt 11,2-6) – ¹⁸Os discípulos de João contaram-lhe tudo isto. E, chamando a si dois dos seus discípulos, João ¹⁹enviou-os ao Senhor, para lhe perguntar: «És Tu o que está para vir, ou havemos de esperar outro?». ²⁰Ao chegarem junto de Jesus, os homens disseram: «João Batista enviou-nos a ti, para te perguntar: “És Tu o que está para vir, ou havemos de esperar outro?”».

²¹Naquela mesma hora, Jesus curou muitos das suas doenças, tormentos e espíritos malignos, assim como concedeu a muitos cegos a graça de ver. ²²E disse-lhes, em resposta: «Ide contar a João o que vedes e ouvis: *os cegos voltam a ver, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres*. ²³E feliz é aquele que não encontrar em mim motivo de escândalo».

Juízo de Jesus sobre João Batista (Mt 11,7-19) – ²⁴Depois de os mensageiros de João terem partido, Jesus^e começou a falar às multidões acerca de João: «Que fostes observar no deserto? Uma cana agitada pelo vento? ²⁵Então que fostes ver? Um homem vestido com vestes finas? Mas^h aqueles que usam vestes sumptuosas e que vivem no luxo estão nos palácios reais. ²⁶Então que fostes ver? Um profeta? Sim, digo-vos, e mais do que profeta. ²⁷É acerca dele que está escrito:

*Eis que envio o meu mensageiro à tua frente,
que preparará o teu caminho diante de ti.*

^a Ao contrário de Mt e Mc, que o utilizam apenas uma vez referido a Jesus (Mt 21,3; Mc 11,3), Lc aplica-lhe frequentemente este título, o que tem um particular significado, considerando que esta é a forma com que o AT se refere a Deus.

^b Na Palestina, os corpos eram levados para a sepultura numa padiola e envoltos num lençol. Lc apresenta a cena ao modo greco-romano. Tocar num cadáver era motivo de impureza (Nm 5,2).

^c *Jesus* é acrescento da tradução.

^d O episódio evoca o milagre de Elias (1Rs 17,23).

^e Lit.: *dizendo*, assim como no v.20.

^f Cf. Is 29,18 e 61,1. É com a linguagem de Isaías que Jesus fala dos seus milagres e da sua pregação.

^g *Jesus* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *vê/eis (que)* (cf. Mt 2,13 nota).

ⁱ Mt 3,1; a citação faz parte de um conjunto de textos que iluminavam a esperança messiânica, neste caso sobre a vinda de um profeta que haveria de preparar a chegada do dia do Senhor, e que os evangelhos identificam com João Batista (Jo 1,21; 6,14; 7,40)

²⁸Digo-vos: entre os nascidos de mulher ninguém é maior do que João; mas o mais pequeno no reino de Deus é maior do que ele. ²⁹Todo o povo que o ouviu, assim como os publicanos, reconheceram a justiça de Deus, ao serem batizados com o batismo de João; ³⁰mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram para si próprios o desígnio de Deus, ao não se deixarem batizar por ele.

³¹Por isso, a quem hei de comparar os homens desta geração, a quem são semelhantes? ³²São semelhantes às crianças sentadas na praça pública que se interpelam umas às outras, dizendo:

“Tocámos flauta para vós e não dançastes,
entoámos lamentações e não chorastes.”

³³Veio João Batista, que não come pão nem bebe vinho, e dizeis: “Tem um demónio”. ³⁴Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizeis: “É um comilão^j e beberrão, amigo de publicanos e pecadores”. ³⁵Mas a sabedoria foi reconhecida como justa^k por todos os seus filhos»^l.

Unção de Jesus por uma pecadora (Mt 26,6-13; Mc 14,3-9; Jo 12,3-8) – ³⁶Um dos fariseus pediu a Jesus^m que fosse comer consigoⁿ. Tendo entrado em casa do fariseu, reclinou-se à mesa. ³⁷Ora, uma mulher – uma pecadora que vivia na cidade – ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com bálsamo. ³⁸Colocou-se atrás dele, aos seus pés, e, a chorar, começou a lavar-lhe os pés com as lágrimas e a secá-los com os seus cabelos^o; beijava-lhe repetidamente os pés e ungião-as com o bálsamo.

³⁹Ao ver isto, o fariseu que o tinha convidado disse para consigo: «Se Ele fosse profeta, saberia quem é, e que tipo de mulher é esta que lhe está a tocar: uma pecadora».

⁴⁰Jesus tomou a palavra e disse-lhe: «Simão, tenho algo a dizer-te». «Diz, Mestre» – respondeu ele. ⁴¹Jesus continuou^p: «Um certo credor tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários^q, e o outro cinquenta. ⁴²Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Ora, qual deles o amará mais?». ⁴³Simão respondeu: «Aquele, suponho eu, a quem mais perdoou». Disse-lhe Jesus: «Julgaste bem».

^j Lit.: *eis um homem comilão*.

^k Lit.: *e foi justificada a sabedoria*.

^l Ou seja, por todos aqueles que reconhecem Jesus como Messias, por contraposição aos fariseus e aos doutores da lei.

^m Lit.: *pedia-lhe*.

ⁿ Ao contrário dos outros evangelhos, Lc apresenta uma atitude positiva de alguns fariseus em relação a Jesus, o que se reflete no convite que lhe fazem para uma refeição em suas casas (11,37; 14,1), e ainda no aviso de que Herodes procurava matá-lo (13,31).

^o Lit.: *os cabelos da cabeça dela*.

^p *Jesus continuou* é acrescento da tradução.

^q O denário era uma moeda romana (de um siclo, ou seja, doze gramas) e correspondia ao rendimento de um dia de trabalho agrícola.

^r Lit.: *respondendo Simão disse*.

⁴⁴E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: «Vês esta mulher? Entrei na tua casa, e não me deste água para os pés^a; mas ela lavou-me os pés com lágrimas e secou-os com os seus cabelos. ⁴⁵Não me deste um beijo; mas ela, desde que entrei, não parou de beijar-me os pés. ⁴⁶Não me ungieste a cabeça com azeite; mas ela ungiu-me os pés com bálsamo. ⁴⁷Graças a isso te digo: estão perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou. Mas a quem pouco se perdoa, é porque pouco ama». ⁴⁸E disse à mulher^b: «Os teus pecados estão perdoados».

⁴⁹Os que estavam à mesa com Ele começaram, então, a dizer entre si: «Quem é Este, que até pecados perdoa?». ⁵⁰Mas Jesus^c disse à mulher: «A tua fé te salvou. Vai em paz».

8 **As discípulas de Jesus** – ¹Depois disto, Ele pôs-se a percorrer todas as cidades e povoações, proclamando e anunciando a boa nova do reino de Deus. Acompanhavam-no os Doze^e e algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades. Eram elas: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demónios^d; ³Joana, mulher de Cusa, administrador de Herodes; Susana; e muitas outras, que os serviam com os seus bens.

Parábola do semeador (Mt 13,1-9; Mc 4,1-9) – ⁴Estando reunida uma numerosa multidão e continuando a acorrer a Ele gente de todas as cidades, Jesus^c falou-lhes por meio desta parábola^f: ⁵«Saiu o semeador a semear a sua semente. E enquanto a semeava, uma parte caiu à beira do caminho: foi pisada, e as aves do céu comeram-na. ⁶Outra parte caiu sobre a rocha: depois de ter germinado, secou por não ter humidade. ⁷Outra parte caiu no meio dos espinhos: os espinhos germinaram com ela e sufocaram-na. ⁸Outra parte caiu em boa terra: germinou e deu cem vezes mais fruto». Dito isto, exclamou: «Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!».

Porque fala Jesus em parábolas (Mt 13,10-17; Mc 4,10-12) – ⁹Os seus discípulos perguntaram-lhe o significado daquela parábola^g. ¹⁰Ele respondeu: «A vós foi dado conhecer

^a A água para os pés era, no mundo antigo, uma das exigências da hospitalidade (Gn 18,4; 19,2).

^b Lit.: *disse-lhe*.

^c *Jesus* é acrescento da tradução.

^d Na sua missão, Jesus forma uma comunidade nova, constituída pelos Doze e por diversas mulheres. Os Doze só vão ser enviados em missão em 9,1-2. A referência às mulheres como discípulas de Jesus (cf. Mt 27,55 e Mc 15,41) é um facto excecional no ambiente da Palestina e muito realçado por Lc. Em primeiro lugar, aparece Maria Madalena apresentada com uma expressão que realça a gravidade do seu problema e a dimensão da cura. Nada permite afirmar que esta seja a pecadora arrependida da narrativa anterior (Lc 7,36-50), como interpretações erradas no passado levaram a crer.

^e *Jesus* é acrescento da tradução.

^f O discurso parabólico de Lc é reduzido, quando comparado com Mt 13,1-52 e Mc 4,1-34, e apresenta duas partes e temas: 1) o reino de Deus constitui um mistério cujo conhecimento está reservado aos discípulos (v.10); 2) a proclamação deste, que os discípulos são chamados a fazer após a Páscoa (vv.16s).

^g Lit.: *que parábola seria esta*.

os mistérios do reino de Deus, mas aos outros tudo é apresentado em parábolas^h, para que *vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam*»ⁱ.

Explicação da parábola (Mt 13,18-23; Mc 4,13-20) – ¹¹«O significado da parábola é este: a semente é a palavra de Deus. ¹²Os que estão à beira do caminho são aqueles que ouvem, mas logo vem o Diabo e arranca a Palavra do seu coração, para que não aconteça que, ao acreditarem, se salvem. ¹³Os que estão sobre a rocha são aqueles que, quando ouvem, acolhem a Palavra com alegria; mas como não têm raiz, é por pouco tempo que acreditam e, no tempo da provação, perdem-se. ¹⁴A parte que caiu entre os espinhos são aqueles que ouvem, mas que se deixam levar pelas preocupações, pelas riquezas e pelos prazeres da vida, acabando sufocados, sem deixar que o fruto amadureça. ¹⁵A parte que cai em terra boa são aqueles que, ouvindo a Palavra com um coração nobre e bom^k, a guardam e que, pela perseverança, dão fruto».

Parábola da candeia (Mc 4,21-25) – ¹⁶«Ninguém acende uma candeia para a cobrir com um vaso ou para a colocar debaixo da cama; pelo contrário, coloca-a num candilabro, para que quem entra veja a luz. ¹⁷Pois nada há escondido que não se torne visível, nem nada secreto que não venha a ser conhecido à luz do dia^l.

¹⁸Portanto, prestai atenção ao que estais a ouvir! Pois àquele que tem ser-lhe-á dado, e àquele que não tem, até o que julga ter lhe será tirado».

A verdadeira família de Jesus (Mt 12,46-50; Mc 3,31-35) – ¹⁹Vieram ter com Ele a sua mãe e os seus irmãos^m, mas não conseguiam chegar junto dele por causa da multidão. ²⁰Foram, então, informá-lo: «A tua mãe e os teus irmãos estão lá fora e querem ver-te». ²¹Mas Ele respondeu-lhesⁿ: «A minha mãe e os meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática».

A tempestade acalmada (Mt 8,18.23-27; Mc 4,35-41) – ²²Num daqueles dias^o, Ele subiu para um barco com os seus discípulos e disse-lhes: «Atravessemos para a outra margem do lago»^p; e partiram. ²³Enquanto navegavam, Ele adormeceu. Entre-

^h Lit.: *para os restantes, porém, em parábolas.*

ⁱ Lc cita uma parte do texto de Is 6,9s (cf. também Dt 29,3; Sl 115,6). O texto completo é citado em At 28,26s.

^j Lit.: *é esta a parábola.*

^k Ou *coração belo e bom.*

^l Lit.: *que não seja conhecido e vá para visível.*

^m *Irmãos* é uma palavra que deve ser enquadrada e entendida no contexto da família patriarcal com que se designavam não apenas os filhos do mesmo casal (linha direta), mas também os dos tios (linha colateral), como se pode ver em Gn 13,8 e Dt 1,16. A tónica colocada na palavra de Deus escutada e posta em prática não elimina os laços familiares, antes os alarga e ultrapassa (Lc 11,28).

ⁿ Lit.: *Ele porém respondendo disse para eles.*

^o Lit.: *aconteceu num dos dias.*

^p O mar, neste caso o lago, era visto como repositório das forças do Mal (Is 51,9s; Dn 7,2-7; Sl 65,8; 89,10; 93,3s). Com esta sua atitude, Jesus manifesta ter poder sobre elas e ser senhor das forças da natureza.

tanto, abateu-se sobre o lago um tão grande vendaval que eles começaram a ficar inundados e em perigo. ²⁴Aproximaram-se dele e acordaram-no, dizendo: «Mestre, mestre, vamos morrer!». E Ele, tendo acordado, repreendeu severamente o vento e as ondas^a, que amainaram; e fez-se bonança. ²⁵Perguntou-lhes, então: «Onde está a vossa fé?». Cheios de temor, estavam admirados e diziam uns aos outros: «Quem é Este, que até aos ventos e à água dá ordens, e eles obedecem-lhe?».

Cura do endemoniado de Gérasa (Mt 8,28-34; Mc 5,1-20) – ²⁶Navegaram, então, até à região dos gerasenos^b, que fica no lado oposto à Galileia. ²⁷Quando Ele saiu para terra, veio ao seu encontro um homem da cidade, que tinha vários demónios e que há muito tempo não usava roupa nem morava numa casa, mas nos sepulcros. ²⁸Ao ver Jesus, pôs-se a gritar, caiu diante dele e disse com voz forte: «Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes». ²⁹De facto, Jesus tinha ordenado ao espírito impuro que saísse do homem, pois o espírito apoderara-se dele há já muito tempo; amarravam-no com correntes e prendiam-no com grilhões, mas ele quebrava as cadeias e era empurrado pelo demónio para o deserto^c.

³⁰Jesus perguntou-lhe: «Qual é o teu nome?». Ele respondeu: «Legião», porque eram muitos os demónios que tinham entrado nele. ³¹Estes suplicavam-lhe que não os mandasse ir para o abismo. ³²Ora, estava ali no monte uma grande vara de porcos^d a pastar, e os demónios^e suplicaram-lhe que lhes permitisse entrar neles. Ele permitiu. ³³Os demónios saíram do homem e entraram nos porcos. Então a vara lançou-se ao lago, pelo precipício abaixo^f, e afogou-se.

³⁴Ao verem o que tinha acontecido, os que os estavam a apascentar os porcos^g fugiram e foram contá-lo para a cidade e para os campos. ³⁵Os habitantes^h saíram, então, para ver o que tinha acontecido e foram ter com Jesus. Encontraram o homem, de quem tinham saído os demónios, sentado aos pés de Jesusⁱ, vestido e de perfeito juízo, e ficaram com medo. ³⁶Os que tinham visto contaram-lhes como o endemoniado fora salvo^j.

^a Lit.: *a agitação da água*.

^b A região dos gerasenos (Mc) ou gadarenos (Mt) situava-se na margem oriental do Lago de Tiberíades (também conhecido por Lago de Genesaré), e era considerada território pagão pelos judeus.

^c No enquadramento da mentalidade bíblica, também aqui o deserto aparece como o lugar onde habitam forças demoníacas (Lv 16,10; Is 13,21; 34,12.14; Tb 8,3; Br 4,35).

^d Lit.: *uma vara de bastantes porcos*. Os porcos, que eram considerados animais impuros (Dt 14,8), sublinham aqui o carácter pagão, e portanto impuro, da região onde Jesus se encontra (Mc 5,11).

^e *Os demónios* é acrescento da tradução.

^f Lit.: *e precipitou-se no lago*.

^g *Os porcos* é acrescento da tradução.

^h *Os habitantes* é acrescento da tradução.

ⁱ *Sentado aos pés de Jesus* é uma das atitudes que caracterizam o discipulado, na medida em que assinala a disponibilidade para a escuta e aprendizagem (cf. 10,39; At 22,3).

^j O verbo *salvar* tanto designa a cura física (cf. 6,9; 8,48.50; 17,19; 18,42; 23,35.37.39) como a regeneração espiritual (cf. 7,50; 8,12; 19,10).

³⁷Então toda aquela gente^k da região dos Gerasenos pediu a Jesus^l que se afastasse deles, porque estavam tomados por um grande medo. E Ele subiu para um barco e regressou.

³⁸O homem, de quem tinham saído os demónios, pedira-lhe para ficar com Ele, mas Jesus mandou-o embora, dizendo: ³⁹«Regressa para tua casa e conta o quanto Deus te fez». E ele partiu, proclamando por toda a cidade o quanto Jesus lhe fizera.

Cura da mulher que sofria de hemorragias e ressurreição da filha de Jairo (Mt 9,18-26; Mc 5,21-43) – ⁴⁰Quando Jesus regressou, a multidão recebeu-o, pois estavam todos à sua espera. ⁴¹Nisto^m veio um homem, chamado Jairo, que era chefe da sinagoga. Caíndo a seus pés, suplicava-lhe que entrasse na sua casa, ⁴²porque tinha uma filha única, com cerca de doze anos, que estava a morrer. Enquanto Ele se dirigia para lá, as multidões quase que o sufocavam.

⁴³Entretanto, uma mulher que tinha um fluxo de sangue havia doze anos e que já tinha gasto todos os seus bens com os médicos, mas que não tinha conseguido ser curada por nenhum, ⁴⁴aproximou-se por trásⁿ, tocou na franja da veste de Jesus^o, e imediatamente se lhe estancou o fluxo de sangue. ⁴⁵Jesus perguntou: «Quem me tocou?». Como todos negavam, Pedro^p respondeu: «Mestre, é a multidão que te comprime e aperta». ⁴⁶Mas Jesus disse: «Alguém me tocou, pois Eu percebi que saía de mim uma força». ⁴⁷Vendo que não passara despercebida, a mulher veio a tremer, caiu diante dele e, na presença de todo o povo, contou a razão pela qual lhe tinha tocado e como ficara imediatamente curada. ⁴⁸Ele disse-lhe: «Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz».

⁴⁹Ainda Ele falava, quando alguém da casa do chefe da sinagoga veio dizer: «A tua filha está morta. Não incomodes mais o Mestre». ⁵⁰Mas Jesus, ao ouvir isto, respondeu-lhe: «Não tenhas medo! Acredita apenas, e ela será salva».

⁵¹Ao chegar à casa, não deixou que ninguém entrasse com Ele, a não ser Pedro, João e Tiago^q, e o pai e a mãe da menina. ⁵²Estavam todos a chorar e a bater no peito^r por causa dela. Ele, porém, disse: «Não choreis, pois ela não morreu; está a dormir». ⁵³E começaram a rir-se dele, por saberem que estava morta. ⁵⁴Ele, porém, agarrando-lhe a mão, chamou-a, dizendo: «Menina, levanta-te». ⁵⁵O espírito dela regressou, e ela levantou-se imediatamente. Ele mandou, então, que lhe dessem de

^k Lit.: *toda a multidão*.

^l Lit.: *pediu-lhe*.

^m Lit.: *vê/eis (que)* (cf. Mt 2,13 nota).

ⁿ Por causa do sangue, esta mulher era considerada legalmente impura (Lv 15,1), o que que justifica o seu comportamento cauteloso.

^o Lit.: *da sua veste*.

^p Testemunhos antigos acrescentam: *e os seus companheiros*.

^q São os discípulos que acompanham o Mestre noutros momentos importantes: o da transfiguração (9,28) e o de Getsémani (Mt 26,37 e Mc 14,33). Ao contrário de Mc, Lc menciona João antes de Tiago, como em 9,28 e At 1,13.

^r Lit.: *golpeavam-se*.

comer^a. ⁵⁶Os seus pais ficaram espantados, mas Ele ordenou-lhes que não dissessem a ninguém o que tinha acontecido.

9 Missão dos Doze (Mt 10,1.5-14; Mc 6,7-13) – ¹Tendo chamado os Doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demónios e para curarem doenças. ²Enviou-os a proclamar o reino de Deus e a curar os doentes, ³e disse-lhes: «Não leveis nada para o caminho: nem bastão, nem bolsa, nem pão, nem dinheiro^b; e não tendes sequer duas túnicas. ⁴Permanecei na casa em que entrardes, até sairdes dessa lugar. ⁵Quanto àqueles que não vos acolherem, ao sairdes dessa cidade sacudi o pó dos vossos pés^c como testemunho contra eles».

⁶Eles partiram e foram anunciando a boa nova por todas as povoações e realizando curas por toda a parte.

Dúvidas de Herodes sobre Jesus (Mt 14,1s; Mc 6,14-16) – ⁷O tetrarca^d Herodes ouviu falar de tudo o que estava a acontecer e andava perplexo porque alguns diziam que João tinha ressuscitado dos mortos; ⁸outros, que Elias aparecera^e; e outros, ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado. ⁹Mas Herodes disse: «A João, mandei-o eu decapitar. Ora, quem é Este sobre o qual ouço tais coisas?». E procurava vê-lo.

Multiplicação dos pães e dos peixes (Mt 14,13-21; Mc 6,30-44; Jo 6,1-13) – ¹⁰Quando regressaram, os apóstolos contaram-lhe tudo o que tinham feito. Tomando-os consigo, retirou-se^f para uma cidade chamada Betsaida. ¹¹Mas quando as multidões o souberam, começaram a segui-lo. E Ele acolheu-as: falava-lhes do reino de Deus e curava os que tinham necessidade^g.

¹²O dia começou a declinar. Então os Doze foram ter com Ele e disseram-lhe: «Manda embora a multidão, para irem às povoações e campos em redor a ver se encontram alojamento e comida, porque aqui estamos num lugar deserto». ¹³Disse-lhes Ele: «Dai-lhes vós de comer». Eles, porém, responderam: «Não temos mais do que cinco pães e dois peixes. A não ser que vamos nós mesmos comprar alimentos para todo este povo». ¹⁴Eram, de facto, cerca de cinco mil homens. Disse, então, aos seus discípulos: «Fazei-os reclinar-se em grupos de cinquenta»^h. ¹⁵Eles assim fizeram, e todos se reclinaram. ¹⁶De seguida, Ele tomou os cinco pães e os dois peixes

^a O episódio evoca o milagre operado por Elias (cf. 1Rs 17,1-22).

^b Lit.: *prata*.

^c O gesto, que já aparece no AT, assinala expressivamente a resposta àqueles que se recusam a acolher a mensagem; quem o fazia era considerado pagão e a sua terra impura (Ne 5,13).

^d Cf. Mt 14,1 nota.

^e O regresso de Elias é predito por Ml 3,23 (cf. também Mt 17,19 e Mc 9,11).

^f O grego acrescenta *em particular*.

^g O grego acrescenta *de cura*.

^h Os grupos de cinquenta recordam a forma como Israel se organizava durante o seu peregrinar no deserto (cf. Ex 18,21.25).

e, erguendo os olhos ao céu, pronunciou a bênçãoⁱ; depois partiu-os e deu-os^j aos discípulos para que os distribuíssem à multidão. ¹⁷Todos comeram e ficaram saciados. Recolheram-se, então, os pedaços que lhes sobram: doze cestas.

Confissão messiânica de Pedro e primeiro anúncio da paixão e ressurreição (Mt 16,13-21; Mc 8,27-31) – ¹⁸Em certa ocasião^k, estando Jesus^l a rezar em particular, estavam com Ele apenas os discípulos. Perguntou-lhes, então^m: «Quem dizem as multidões que Eu sou?». ¹⁹Eles responderamⁿ: «Uns que és^o João Batista; outros, Elias; e outros, que um dos antigos profetas ressuscitou». ²⁰Perguntou-lhes, então: «Vós, porém, quem dizeis que Eu sou?». Pedro tomou a palavra e disse: «És o Cristo de Deus»^p. ²¹Mas Ele, repreendendo-os severamente, ordenou-lhes que não dissessem isso a ninguém^q. ²²E acrescentou: «É necessário o Filho do Homem sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos doutores da lei, ser morto e ao terceiro dia ressuscitar».

Condições para seguir Jesus (Mt 16,24-28; Mc 8,34-9,1) – ²³E, depois, disse a todos: «Se alguém quer vir atrás de mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias^r e siga-me. ²⁴Pois aquele que quiser salvar a sua vida há de perdê-la, mas aquele que perder a vida por causa de mim há de salvá-la. ²⁵De facto, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se e a arruinar-se a si próprio? ²⁶Pois se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória, na glória do Pai e dos santos anjos. ²⁷Em verdade vos digo: alguns dos que estão aqui presentes não provarão a morte sem terem visto o reino de Deus».

Transfiguração de Jesus (Mt 17,1-9; Mc 9,2-8) – ²⁸Uns oito dias depois destas palavras^s, Ele tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu ao monte para rezar. ²⁹Enquanto rezava^t, o aspeto do seu rosto alterou-se, e a sua veste ficou de uma brancura refulgen-

ⁱ Lit.: *bendisse-os*, no sentido de dar graças a Deus por causa dos alimentos.

^j Os verbos utilizados para referir as ações de Jesus evocam os da eucarística (cf. 22,19; 24,30).

^k Lit.: *e aconteceu que*.

^l Lit.: *Ele*.

^m O grego acrescenta *dizendo*.

ⁿ Lit.: *eles, porém, respondendo disseram*.

^o *Uns que és* é acrescento da tradução.

^p Jesus já tinha sido proclamado Cristo (ou Messias) pelos anjos (1,32-33; 2,11), por Simeão (2,26-30) e pelos demónios (4,41), mas é Pedro o primeiro dos discípulos a dar-lhe este título.

^q Lc não refere o motivo do segredo messiânico, mas deduz-se: Pedro pensa num messianismo temporal, e Jesus aponta para outro, como se infere do anúncio da paixão que se segue.

^r Lc acrescenta a expressão *todos os dias* em relação a Mt e Mc, sublinhando o carácter permanente do discipulado.

^s O grego introduz o v. com *mas aconteceu que*.

^t Lit.: *e aconteceu no Ele rezar*.

te.³⁰Nisto apareceram dois homens que conversavam com Ele^a: eram eles Moisés e Elias³¹ que, tendo aparecido em glória, falavam da partida de Jesus^b que estava prestes a cumprir-se em Jerusalém^c.

³²Pedro e os que encontravam com ele estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus^d e os dois homens que estavam com Ele. ³³Quando estes se começaram a afastar de Jesus, Pedro disse-lhe^e: «Mestre, que bom é estarmos aqui! Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias». Não sabia o que estava a dizer.

³⁴Enquanto ele dizia isto, surgiu uma nuvem^f que os cobriu de sombra, e ficaram cheios de medo ao entrarem na nuvem. ³⁵Da nuvem veio, então, uma voz, que disse: «Este é o meu Filho, o eleito^g: escutai-o!»^h. ³⁶E no momento em que se ouviu a voz, Jesus ficou sozinhoⁱ. Eles guardaram silêncio e por aqueles dias não contaram a ninguém o que tinham visto.

Cura de um jovem endemoniado (Mt 17,14-21; Mc 9,14-29) – ³⁷No dia seguinte^j, quando eles estavam a descer do monte, veio ao encontro de Jesus^k uma numerosa multidão. ³⁸Nisto^l, um homem começou a clamar no meio da multidão, dizendo: «Mestre, peço-te que venhas ver o meu filho, que é o meu filho único^m». ³⁹Um espírito apodera-se dele e começa de imediato a gritar, a sacudi-lo com violência e a fazê-lo espumarⁿ. Só a muito custo se retira dele, deixando-o desfeito. ⁴⁰Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram». ⁴¹Jesus respondeu^o: «Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei junto de vós e vos hei de suportar? Traz aqui o teu filho».

^a Lit.: e *vê/eis (que) dois homem conversavam com Ele*.

^b Lit.: *do êxodo dele*, eufemismo para falar da morte de Jesus, mas não como um fim último; o seu «êxodo» passará pela morte, mas tem como horizonte a ressurreição e a ascensão, narradas por Lc como uma partida (24,50s). Naturalmente que na mente do leitor ecoa a experiência da saída (*êxodo*) de Israel do Egito.

^c Moisés e Elias aparecem e falam da glória de Jesus porque foram associados à obra de Deus (Ex 34,29-35; 2Cor 3,7-11) e partiram para o Senhor de modo misterioso (Dt 34,5s; 2Rs 2,11s).

^d Lit.: *a glória dele*.

^e Lit.: *dêle, Pedro disse a Jesus*.

^f A nuvem que envolve evoca Lc 1,35 e sugere as teofanias veterotestamentárias (Ex 40,35; Nm 9,18,22; 10,34).

^g O *escolhido* ou *eleito* é um título que volta a aparecer em Lc 23,35. Provém certamente de Is 49,7 e encontra-se nos escritos apocalípticos do judaísmo.

^h No batismo, a voz do céu apresenta Jesus como Filho muito amado (3,22), usando palavras do Sl 2,7; na transfiguração, apresenta-o como o profeta a quem se deve escutar (cf. At 3,22, citando Dt 18,15).

ⁱ Lit.: e *no surgir a voz, Jesus foi encontrado sozinho*.

^j Lit.: e *aconteceu que, no dia seguinte*.

^k Lit.: *dêle*.

^l Lit.: *vê/eis (que)* (cf. Mt 2,13 nota).

^m Como em 7,12 e 8,42, Lc volta a referir a condição de *filho único*, o que mais uma vez evoca o milagre de Elias (1Rs 17,12).

ⁿ Lit.: *contorce-o com espuma*.

^o Lit.: *respondendo, porém, Jesus disse*.

⁴²Ainda ele se aproximava, o demónio atirou-o ao chão e começou a sacudi-lo com violência. Mas Jesus repreendeu severamente o espírito impuro, curou o menino e entregou-o ao pai. ⁴³Todos estavam impressionados perante a grandeza de Deus.

Segundo anúncio da paixão e ressurreição (Mt 17,22s; Mc 9,30-32) – Estando todos admirados com tudo o que Ele fazia, Jesus disse aos seus discípulos: ⁴⁴«Quanto a vós, ouvi bem isto que vos digo^p: o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens». ⁴⁵Eles, porém, não compreendiam estas palavras; estava-lhes velado para que as não percebessem. E tinham medo de lhe fazer perguntas acerca disso.

Discussão entre os discípulos: quem é o maior? (Mt 18,1-5; Mc 9,33-37) – ⁴⁶Gerou-se, então, uma discussão entre eles sobre qual deles seria o maior. ⁴⁷Conhecendo o pensamento do seus corações, Jesus pegou numa criança, colocou-a junto de si e ⁴⁸disse-lhes: «Quem acolher esta criança em meu nome, é a mim que acolhe; e quem me acolher, acolhe Aquele que me enviou. Pois aquele que for o mais pequeno entre todos vós, esse é que é grande».

Uso do nome de Jesus (Mc 9,38-41) – ⁴⁹Tomando a palavra, João disse: «Mestre, vimos alguém a expulsar demónios em teu nome, e tentámos impedi-lo, porque ele não segue connosco». ⁵⁰Mas Jesus respondeu-lhe: «Não o impeçais, pois quem não é contra vós é a vosso favor».

IV O CAMINHO DE JESUS PARA JERUSALÉM (9,51-19,28)

Hostilidade dos samaritanos – ⁵¹Quando se estavam a completar os dias da sua elevação deste mundo^q, Jesus tomou a firme decisão^r de ir para Jerusalém e ⁵²enviou mensageiros à sua frente^s. Eles foram e entraram numa povoação de samaritanos, a fim de lhe preparar hospedagem^t. ⁵³Mas não o quiseram acolher, porque Ele ia para Jerusalém^u. ⁵⁴Ao ver isto, os discípulos Tiago e João disseram: «Senhor, queres que

^p Lit.: *vós ponde nos vossos ouvidos estas palavras.*

^q Lit.: *mas aconteceu que no completar-se os dias da elevação dele. A elevação evoca quer a morte, quer a ascensão de Jesus.*

^r Lit.: *Ele fixou a sua face/endureceu o seu rosto (Is 50,7).* A expressão sublinha a liberdade de Jesus a caminho da sua paixão.

^s Lit.: *à frente da sua face.*

^t Lit.: *para preparar para Ele.*

^u Lit.: *não o acolheram, porque o rosto dele estava indo para Jerusalém.* Os judeus evitavam qualquer tipo de contacto com os samaritanos (e vice-versa), dadas as divergências religiosas e o facto de os considerarem impuros, em virtude da sua origem pagã (2Rs 17,24-41; Sir 50,25-26; Jo 4,9). Jesus desvaloriza tudo isso (10,33-37; 17,16-19).

digamos *que desça um fogo do céu^a e os extermine?*». ⁵⁵Mas Ele voltou-se e repreendeu-os severamente. ⁵⁶E foram para outra povoação.

Seguir Jesus (Mt 8,18-22) – ⁵⁷Enquanto iam no caminho, disse-lhe alguém: «Seguir-te-ei para onde quer que vás». ⁵⁸Jesus respondeu-lhe: «As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça».

⁵⁹Disse a outro: «Segue-me». Mas ele respondeu: «Senhor, permite-me que vá primeiro sepultar o meu pai». ⁶⁰Disse-lhe Jesus^b: «Deixa que os mortos sepultem os seus mortos. Tu, porém, vai anunciar o reino de Deus».

⁶¹Disse-lhe ainda outro: «Seguir-te-ei, Senhor, mas permite-me que vá primeiro despedir-me da minha família^c». ⁶²Jesus respondeu-lhe: «Quem lança a mão ao arado e se põe a olhar para trás não está apto para o reino de Deus»^d.

10 **A missão dos setenta e dois (Mt 9,37s; 10,14) –** ¹Depois disto, o Senhor designou outros setenta e dois^e e enviou-os dois a dois à sua frente a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. ²E dizia-lhes: «A seara^f é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pede, pois, ao senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. ³Ide. Eis que vos envio como cordeiros para o meio de lobos. ⁴Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias, nem saudeis ninguém pelo caminho. ⁵Quando entrardes numa casa, dizei primeiro: “Paz a esta casa!”. ⁶E se lá houver gente de paz^g, a vossa paz repousará sobre eles; de contrário, regressará a vós. ⁷Permaneça em essa casa, comei e bebei do que tiverem, pois o trabalhador merece o seu salário.

Não andeis de casa em casa. ⁸E, quando entrardes numa cidade e aí vos acolherem, comei o que vos apresentarem, ⁹curai os doentes que nela houver e dizei-lhes: “Está próximo de vós o reino de Deus”. ¹⁰Mas, quando entrardes numa cidade e não vos acolherem, sai para as suas praças e dizei: ¹¹“Até o pó da vossa cidade, que se apegou aos nossos pés, sacudimos para vós. No entanto, ficai a saber: o reino de Deus está próximo”. ¹²Digo-vos: naquele dia, haverá mais tolerância para Sodoma do que para essa cidade».

^a Alusão ao castigo de Elias sobre os enviados de Acazias, rei da Samaria (2Rs 1,10-12).

^b *Jesus é acrescento da tradução.*

^c Lit.: *dos da minha casa.*

^d Estes dois vv., exclusivos de Lc, recordam não apenas o chamamento de Eliseu por Elias (1Rs 19,19-21), apresentando Jesus com uma exigência maior (pois Elias permite que Eliseu se despeça dos seus), mas também o episódio da mulher de Lot, que ao *olhar para trás* acabou por encontrar a perdição (Gn 19,17.26).

^e Em alguns mss. lê-se *setenta* (o mesmo acontece no v.17). Em ambos os casos, Lc pretende indicar o número das nações pagãs, segundo Gn 10 (70, na versão hebraica; 72, na versão grega). Lc segue a versão grega e encontra neste envio uma antecipação da missão aos pagãos, que só começou depois da Páscoa e do Pentecostes (Lc 24,47; At 1,8). O episódio é exclusivo de Lc.

^f A palavra usada em grego diz respeito ao ato de colher no tempo próprio e, por extensão de sentido, à própria seara. A imagem da ceifa/colheita é usada pelos profetas para designar o julgamento de Deus (Is 41,15.16; Jl 4,13).

^g Lit.: *filho da paz*, um semitismo para designar aquele que acolhe de Deus o dom da paz.

Impecações contra as cidades incrédulas (Mt 11,20-24) – ¹³«Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e Sídon se tivessem realizado as ações poderosas^h que entre vós se realizaram, há muito que se teriam convertido, vestindo-se com pano grosseiroⁱ e sentando-se na cinza. ¹⁴Aliás, haverá mais tolerância para Tiro e Sídon no juízo do que para vós. ¹⁵E tu, Cafarnaum, *serás elevada até ao céu? Até ao inferno^j é que descerás.* ¹⁶Quem vos escuta é a mim que escuta, e quem vos rejeita é a mim que rejeita; mas quem me rejeita, rejeita Aquele que me enviou».

Retorno dos discípulos – ¹⁷Os setenta e dois voltaram cheios de alegria, dizendo: «Senhor, até os demónios se submetem a nós em teu nome». ¹⁸Ele respondeu-lhes: «Via Satanás como um relâmpago a cair do céu. ¹⁹Dei-vos^k o poder de pisar serpentes e escorpiões e de dominar toda a força do inimigo^l, e nada vos poderá causar dano. ²⁰Contudo, não vos alegreis porque os espíritos se submetem a vós; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão inscritos nos céus».

Revelação aos humildes (Mt 11,25-27) – ²¹Nesse mesmo instante Jesus^m exultou de alegria no Espírito Santo e disse: «Louvo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e eruditos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. ²²Tudo me foi entregue por meu Pai; ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar».

²³E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes em particular: «Felizes os olhos que veem o que estais a ver. ²⁴Pois digo-vos que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vedes e não viram, e ouvir o que vós ouvis e não ouviram».

Parábola do bom samaritano (Mt 22,35-40; Mc 12,28-31) – ²⁵Nistoⁿ, levantou-se um doutor da lei que perguntou para o pôr à prova: «Mestre, que hei de fazer para receber como herança a vida eterna?». ²⁶Jesus^o disse-lhe: «Que está escrito na Lei? Como lês tu?». ²⁷Ele respondeu-lhe^p: «*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua força,* e com todo o teu entendimento, e o teu pró-

^h Lit.: *poderes (dynaméis)*; habitualmente este termo é traduzido por *milagre*, mas a etimologia do termo grego remete mais para o *poder* daquele que realiza tais ações e não tanto para a reação que causa em quem as vê, como sugere a palavra portuguesa *milagre* (do latim *miraculum, coisa admirável*, ou seja *digna de se ver*).

ⁱ Lit.: *em saco*, tecido áspero e por isso nada confortável. Vestir-se de saco e cobrir-se de cinza eram sinais exteriores do arrependimento e da conversão (Jn 3,7-10).

^j Lit.: *Hades*, o submundo na mitologia grega.

^k O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^l Lit.: *sobre todo o poder do inimigo*.

^m *Jesus* é acrescento da tradução, tal como no v.28.

ⁿ Lit.: *vê/eis (que)* (cf. Mt 2,13 nota).

^o Lit.: *Ele*.

^p Lit.: *ele, porém, respondendo disse*.

ximo como a ti mesmo»^a. ²⁸Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem. Faz isso e viverás». ²⁹Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: «E quem é o meu próximo?». ³⁰Jesus disse então^b: «Um homem descia de Jerusalém para Jericó^c e caiu nas mãos de salteadores que, depois de o despirem e de o espancarem, foram-se embora, deixando-o meio morto. ³¹Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou adiante. ³²De igual modo, passou também por aquele lugar um levita que, ao vê-lo, passou adiante. ³³Mas um samaritano^d, que seguia no caminho, passou por onde ele estava e, ao vê-lo, ficou profundamente compadecido. ³⁴Aproximou-se dele, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirou dois denários, deu-os ao estalajadeiro e disse: “Cuida dele e o que gastares a mais eu to pagarei quando voltar”. ³⁶Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?». ³⁷O doutor da lei^e respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele». ³⁷Disse-lhe Jesus: «Vai e faz o mesmo»^f.

Marta e Maria – ³⁸Prosseguiram, então, a viagem^g, e Ele entrou numa certa povoação. Acolheu-o uma mulher, chamada Marta. ³⁹Esta tinha uma irmã chamada Maria^h que, sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra. ⁴⁰Marta, porém, andava de um lado para o outro com muito serviço. Entretanto, parou e disse: «Senhor, não te importa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe que venha ajudar-me». ⁴¹O Senhor respondeu-lheⁱ: «Marta, Marta, andas preocupada e agitada com muitas coisas, ⁴²quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada».

11 **A oração do Senhor (Mt 6,9-13)** – ¹Numa ocasião, estava Ele a rezar num certo lugar e, quando terminou, disse-lhe um dos seus discípulos: «Senhor, ensina-nos a rezar, tal como João ensinou os seus discípulos». ²Disse-lhes Jesus^j: «Quando rezardes, dizei:

“Pai^k,
santificado seja o teu nome,

^a O texto junta Dt 6,4-9 e Lv 19,18.

^b Lit.: *tomando, Jesus disse*.

^c C. 25 km separam Jerusalém de Jericó. A estrada que liga as duas cidades atravessa o deserto da Judeia.

^d Sobre os samaritanos, cf. 9, 53 nota.

^e Lit.: *ele*.

^f A parábola aparece emoldurada por duas ordens com o verbo *fazer* (vv.25.28). A tónica não é colocada no saber e no dizer, mas no fazer.

^g Lit.: *no ir eles*.

^h Marta e Maria são seguramente as duas irmãs de que fala também Jo 11,1-40; 12,1-3.

ⁱ Lit.: *respondendo, porém, disse-lhe o Senhor*.

^j *Jesus* é acrescento da tradução.

^k A tradicionalmente chamada *Oração do Senhor* é mais breve em Lc do que em Mt; a invocação *Pai*, sem adjetivo ou pronome, liga esta a outras orações de Jesus (10,21; 22,42; 23,34.46).

venha o teu reino,
³dá-nos a cada dia o nosso pão quotidiano¹,
⁴perdoa-nos os nossos pecados,
 pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende,
 e não nos deixes cair na tentação^m».

Parábola do amigo importuno – ⁵Disse-lhes ainda: «Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite para lhe dizer: “Amigo, empresta-me três pães,
⁶visto que um amigo meu chegou de viagem e nada tenho para lhe pôr à frente”;
⁷e se ele, lá de dentro, lhe responderⁿ: “Não me incomodes; a porta já está fechada, e os meus filhos já estão na cama comigo: não posso levantar-me para te dar os pães^o”,
⁸Eu vos digo que, se ele não se levantar para lhes dar por ser seu amigo, levantar-se-á por causa da sua descarada insistência, para lhe dar tudo aquilo de que precisa».

Confiança na oração (Mt 7,7-11) – ⁹«Também Eu vos digo: pedi e ser-vos-á dado, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á;
¹⁰pois todo aquele que pede recebe, quem procura encontra, e a quem bate abrir-se-á.

¹¹Haverá entre vós algum pai a quem o filho peça^p um peixe, e em vez do peixe lhe dê uma serpente?
¹²Ou que peça um ovo e lhe dê um escorpião?
¹³Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem».

Exorcismos e sinais do reino (Mt 12,22-30, Mc 3,22-27) – ¹⁴Certa vez, Jesus estava a expulsar^q um demónio que era mudo. Quando o demónio saiu^r, o mudo começou a falar, e a multidão ficou admirada.
¹⁵Mas alguns deles disseram: «É por Belzebu^s, o chefe dos demónios, que Ele expulsa os demónios!».
¹⁶Outros, para o porem à prova, pediam-lhe um sinal do céu.
¹⁷Mas Jesus^t, que conhecia os seus pensamentos, disse-lhes: «Todo o reino dividido contra si mesmo acaba transformado num deserto, e cairá casa sobre casa.
¹⁸Ora, se Satanás também está dividido contra si mesmo, como pode o seu reino subsistir? Isto porque dizeis que é por Belzebu que Eu expulso os demónios.
¹⁹Ora, se Eu expulso os demónios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos filhos? Por isso, serão eles os vossos juízes.
²⁰Mas, se é

¹ Sobre esta petição, cf. Mt 6,11 nota.

^m Lit.: e não nos levas à tentação.

ⁿ Lit.: e [se] aquele de dentro respondendo disser.

^o Os pães é acréscimo da tradução.

^p Alguns mss. acrescentam *um pão, lhe dará uma pedra*.

^q Lit.: e estava expulsando.

^r Lit.: mas aconteceu, ao sair o demónio.

^s Sobre este nome, cf. Mt 10,25 nota.

^t Lit.: Ele.

pelo dedo de Deus^a que Eu expulso os demónios, então é porque chegou a vós o reino de Deus.

²¹Quando aquele que é forte está bem armado e guarda o seu palácio, todos os seus bens estão em segurança. ²²Mas, quando vem um mais forte do que ele e o vence, tira-lhe as armas em que confiava e distribui os seus despojos. ²³Quem não está comigo está contra mim, e quem não recolhe comigo dispersa»^b.

O espírito impuro pode voltar para o homem (Mt 12,43-45) – ²⁴«Quando o espírito impuro sai do homem, anda por lugares áridos em busca de repouso. Como não o encontra, diz: “Vou regressar à minha casa, de onde saí”. ²⁵Ao chegar, encontra varrida e em ordem. ²⁶Então vai e toma consigo outros sete espíritos^c piores do que ele, que entram e ali estabelecem a sua morada. O estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro».

A verdadeira felicidade – ²⁷Enquanto Ele dizia^d estas coisas, uma mulher ergueu a voz no meio da multidão e disse-lhe: «Feliz o ventre que te carregou e os peitos que te amamentaram». ²⁸Ele, porém, respondeu: «Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a guardam».

Jesus e o sinal de Jonas (Mt 12,38-42; Mc 8,11s) – ²⁹Como a multidão se aglomerasse, Ele começou a dizer: «Esta geração é uma geração má! Procura um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, a não ser o sinal de Jonas. ³⁰Assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas^e, assim o será também o Filho do Homem para esta geração. ³¹No dia do juízo^f, a rainha do sul levantar-se-á juntamente com os homens desta geração e há de condená-los, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e eis aqui quem é maior que Salomão^g. ³²No dia do juízo, os homens de Nínive levantar-se-ão juntamente com esta geração e hão de condená-la, porque se converteram perante a pregação de Jonas, e eis aqui quem é maior que Jonas».

A vista, candeia do corpo (Mt 6,22) – ³³«Ninguém que acenda uma candeia a coloca num lugar escondido ou debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro, para que aque-

^a A expressão *dedo de Deus* é usada no AT (cf. Ex 8,15; 31,18; Dt 9,10; Sl 8,4) para evocar a intervenção divina, enquanto a expressão *mão de Deus* sublinha sobretudo o seu poder (cf., por ex., 2Cr 30,12).

^b A severidade da sentença (Mt 12,30), em claro contraste com 9,50 e Mc 9,40, explica-se pelo contexto polémico em que é proferida.

^c Cf. 8,2. O número sete é, na Bíblia, símbolo de totalidade, pelo que a afirmação revela a total submissão da pessoa..

^d Lit.: *e aconteceu no dizer Ele*.

^e O apelo à conversão, que fez de Jonas um sinal para os habitantes de Nínive (Jn 3,2-5), fará de Jesus, o Filho do Homem, um sinal para esta geração.

^f Lit.: *no juízo*, assim como no v.32.

^g *Rainha do sul* designa a rainha de Sabá (1Rs 10,1-10). Salomão é, na cultura judaica, a personificação da sabedoria (1Rs 3; 5,9-14).

les que entram vejam a luz.³⁴ A candeia do corpo é o teu olho. Quando o teu olho é límpido, todo o teu corpo fica iluminado; mas quando ele é mau, o teu corpo fica nas trevas.³⁵ Toma, pois, cuidado, para que a luz que há em ti não seja trevas!³⁶ Portanto, se todo o teu corpo está iluminado, sem que parte alguma esteja nas trevas, todo ele será luminoso, como acontece quando a candeia te ilumina com o seu brilho ».

Crítica aos doutores da lei e fariseus (Mt 23,1-36) –³⁷ Ainda Ele falava, quando um fariseu lhe pediu que tomasse uma refeição com ele. Jesus^h entrou e reclinou-se à mesa.³⁸ O fariseu admirou-se ao ver que Ele não se tinha lavado primeiro, antes da refeição.³⁹ Disse-lhe o Senhor: «Vós, os fariseus, purificais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapinaⁱ e de maldade.⁴⁰ Insensatos! Quem fez o exterior não fez também o interior?⁴¹ Dai, antes, de esmola^j o que está dentro, e, então^k, para vós tudo será puro.⁴² Mas ai de vós, fariseus, porque pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de toda a verdura, mas negligenciais a justiça^l e o amor de Deus! Era necessário fazer estas coisas, sem pôr aquelas de lado.⁴³ Ai de vós, fariseus, porque amais o primeiro assento nas sinagogas e as saudações nas praças públicas!⁴⁴ Ai de vós, porque sois como os sepulcros que não estão assinalados^m, e sobre os quais os homens caminham sem se aperceberem!».

⁴⁵ Um dos doutores da lei tomou, então, a palavra e disse-lhe: «Mestre, ao dizeres isso também nos insultas a nós!».⁴⁶ Ele, porém, respondeu: «E ai de vós, doutores da lei, porque carregais os homens com fardos difíceis de suportar e vós nem com um só dos vossos dedos tocais nesses fardos!⁴⁷ Ai de vós, porque edificais os sepulcros dos profetasⁿ que os vossos pais mataram!⁴⁸ Portanto, sois testemunhas e coniventes com as obras dos vossos pais, porque eles os mataram e vós edificais os sepulcros.⁴⁹ Foi por isso que a sabedoria de Deus disse: “Vou enviar-lhes profetas e apóstolos – a alguns dos quais há de matar e perseguir –⁵⁰ a fim de que se peça contas a esta geração do sangue de todos os profetas, derramado desde a fundação do mundo,⁵¹ desde o sangue de Abel^o até ao sangue de Zacarias, que morreu entre o altar e o santuário^p”. Sim, Eu vos digo: serão pedidas contas a esta geração.⁵² Ai de

^h *Jesus é acrescentado da tradução.*

ⁱ Na continuidade do que já Deus faz no AT, Jesus censura a religião apenas formalista, que esquece o essencial, ou seja, o interior do ser humano.

^j Lc dá uma particular importância à esmola (cf. 12,33; 16,9; 19,8).

^k Lit.: *vê/eis (que)* (cf. Mt 2,13 nota).

^l *Justiça* traduz aqui *krisis*, que diz respeito ao exercício da justiça propriamente dita, ou seja, ao julgamento.

^m Era costume os túmulos estarem assinalados, a fim de não serem calcados. Lc evoca a dissimulação dos fariseus, mas não deixa de referir que Deus conhece bem os seus corações (16,15).

ⁿ De facto, há registo arqueológico suficiente para atestar a existência de túmulos para os profetas, particularmente a partir de Herodes, o Grande..

^o A morte de Abel e de Zacarias são a primeira e a última das mortes reportadas no texto hebraico da Bíblia (Gn 4,8-10; 2Cr 24,20-22), pelo que evocam a totalidade dos crimes da história sagrada. Segundo a mentalidade do povo da Bíblia, a geração presente deve assumir as responsabilidades das anteriores.

^p Lit.: *a casa*, ou seja, no espaço entre o altar e o Santo dos Santos.

vós, doutores da lei, porque tirastes a chave do conhecimento: vós não entrastes e impedistes os que queriam entrar!».

⁵³Quando Ele saiu dali, os doutores da lei e os fariseus começaram a tratá-lo de forma particularmente hostil e a fazê-lo falar sobre muitas coisas, ⁵⁴armando-lhe ciladas para o apanharem nalguma coisa que saísse da sua boca.

12 **O fermento dos fariseus** (Mt 10,26s) – ¹Entretanto, tinha-se reunido uma multidão de milhares de pessoas; eram tantas que se pisavam^a umas às outras. E Ele começou a dizer, em primeiro lugar para os seus discípulos: «Tende cuidado com o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia! ²Nada há encoberto que não venha a descobrir-se, nem escondido que não venha a conhecer-se. ³Assim, tudo o que tiverdes dito às escuras será ouvido às claras; e o que tiverdes dito ao ouvido, no interior das casas, será proclamado sobre os telhados».

Confessar Jesus sem medo (Mt 10,19.28-33; 12,32; Mc 3,11.29) – ⁴«Digo-vos a vós, meus amigos: não tenhais medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer. ⁵Vou mostrar-vos a quem deveis temer: deveis temer Aquele que, depois de matar, tem o poder de lançar na Geena^b. Sim, Eu vos digo: é Esse que deveis temer. ⁶Não se vendem cinco passarinhos por duas moedas^c? E nem um deles fica esquecido diante de Deus. ⁷Mais ainda, até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais medo: valeis muito mais do que todos os passarinhos.

⁸Digo-vos ainda: todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, também o Filho do Homem se há de declarar por ele diante dos anjos de Deus. ⁹Aquele, porém, que me tiver negado diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus. ¹⁰A todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do Homem ser-lhe-á perdoado; mas àquele que tiver blasfemado contra o Espírito Santo não será perdoado. ¹¹Quando vos levarem às sinagogas, aos magistrados e às autoridades, não vos preocupeis como haveis de vos defender ou com o que haveis de dizer, ¹²pois nessa mesma hora o Espírito Santo vos ensinará o que é necessário dizer»^d.

Perigo das riquezas – ¹³Disse-lhe alguém do meio da multidão: «Mestre, diz ao meu irmão que divida a herança comigo»^e. ¹⁴Ele respondeu-lhe: «Homem, quem me constituiu juiz^f ou árbitro entre vós?». ¹⁵E disse aos presentes^g: «Vede bem:

^a Lit.: *a ponto de se pisarem*.

^b Para a origem e sentido da palavra, cf. Mt 5,22 nota.

^c Lit.: *dois asses* (moeda romana, de cobre, com c. 10 gramas de peso).

^d Lc apresentará esta mesma promessa de modo diferente em 21,15 e mostra a sua realização em At 4,8; 5,32; 7,55.

^e Este tipo de arbitragem ou mediação era pedido, com frequência, aos rabinos.

^f Ao recusar uma missão de ordem temporal, Jesus distingue-se de Moisés (Ex 2,14) e dos rabinos do seu tempo.

^g Lit.: *a eles*.

guardai-vos de toda a ganância, porque, mesmo que alguém viva na abundância, a sua vida não depende dos seus bens».

¹⁶Disse-lhes, então, uma parábola^h: «O campo de um homem rico tinha produzido uma grande colheita. ¹⁷E ele pôs-se a pensar consigo próprio: “Que hei de fazer, dado que não tenho onde recolher a minha colheita?”. ¹⁸E disse: “Já sei o que vou fazer: vou destruir os meus celeiros, edificar outros maiores e aí recolher todo o trigo e os meus bens. ¹⁹Então direi à minha alma: “Minhaⁱ alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te!”. ²⁰Mas Deus disse-lhe: “Insensato! Esta noite a tua vida^k ser-te-á reclamada. O que preparaste, para quem será?”. ²¹Assim acontece àquele que acumula para si e não se torna rico diante de Deus».

Desprendimento e confiança em Deus (Mt 6,25-34) – ²²Disse, então, aos seus discípulos: «Por isso vos digo: não vos preocupeis com a vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o corpo, quanto ao que haveis de vestir, ²³pois a vida é mais do que o alimento, e o corpo mais do que a roupa.

²⁴Reparai nos corvos: não semeiam nem ceifam, não têm despensa nem celeiro, e Deus alimenta-os. Quanto mais não vales vós do que as aves! ²⁵Quem de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um pouco que seja^l ao tempo da sua vida? ²⁶Por tanto, se nada podeis fazer em relação a isso^m, porque vos preocupais com o resto?

²⁷Reparai como crescem os lírios: não se afadigam nem fiam. Digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestia como um deles. ²⁸Ora, se Deus veste assim a erva, que hoje existe no campo e amanhã é lançada ao forno, quanto mais não fará por vós, gente de pouca fé?

²⁹Não andeis à procura do que comer e do que beber, nem vivais ansiosos, ³⁰pois os pagãos é que andam à procura de todas estas coisas. O vosso Pai bem sabe que precisais delas. ³¹Procurai antes o seu reino e tudo isso vos será dado por acréscimo. ³²Não tenhas medo, pequenino rebanhoⁿ, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino».

O tesouro do céu (Mt 6,19-21) – ³³«Vendei os vossos bens e dai esmola. Fazei para vós bolsas que não se estraguem, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão

^h Lit.: *disse-lhes uma parábola, dizendo*.

ⁱ O grego acrescenta *dizendo*.

^j *Minha* é acrescento da tradução.

^k Em grego *psykhé* (alma ou vida), a mesma palavra do v.19, que significa aqui, como no AT, o ser vivo por inteiro, a pessoa.

^l Lit.: *um cúbito*, unidade de medida que corresponde a c. 50 centímetros.

^m Lit.: *não podeis o pequeno*.

ⁿ A imagem do rebanho é muito frequente no AT, em que designa o povo de Deus (Gn 48,15; Os 4,16; 13,4-6; Mq 2,2-13; 4,6s; 7,14; Sf 3,19; Jr 31,10; 50,19; Ez 34; Is 40,11; 49,9s; Sl 23,1; 95,7), e é aplicada por Jesus a Israel (Mt 9,36; Mc 6,34), aos hebreus pecadores (Mt 10,6; 15,24; Lc 15,4s; 19,10) ou, como aqui, ao grupo dos discípulos (Mt 26,31; Mc 14,27).

não chega nem a traça destrói. ³⁴Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração».

Vigilância (Mt 24,43s; Mc 13,35) – ³⁵«Estejam os vossos rins cingidos^a e as candeias acesas. ³⁶E vós, sede semelhantes a homens que estão à espera que o seu senhor regresse das bodas, para que, quando ele vier e bater à porta^b, lha abram imediatamente. ³⁷Felizes aqueles servos que o senhor, quando vier, encontrar vigilantes! Em verdade^c vos digo: há de cingir-se, recliná-los à mesa e, passando por eles, há de servi-los. ³⁸Se vier na segunda ou na terceira vigília da noite, felizes serão eles se assim os encontrar! ³⁹Compreendi isto: se o dono da casa soubesse a que horas viria o ladrão, não deixaria arrombar a sua casa. ⁴⁰Estai também vós preparados, porque à hora em que menos pensais virá o Filho do Homem».

Parábola do servo fiel e do servo infiel (Mt 24,45-51) – ⁴¹Disse Pedro: «Senhor, é para nós que dizes esta parábola ou é também para todos?». ⁴²O Senhor respondeu: «Quem será, então, o administrador fiel e prudente que o senhor colocará à frente da sua casa, para dar a cada um, no tempo oportuno, a sua porção de trigo? ⁴³Feliz aquele servo que o seu senhor, quando vier, o encontrar a proceder assim. ⁴⁴Em verdade vos digo: colocá-lo-á à frente de todos os seus bens.

⁴⁵Mas, se aquele servo disser no seu coração: “O meu senhor tarda em vir”, e começar a bater nos servos e nas servas, a comer, a beber e a embriagar-se, ⁴⁶o seu senhor^d virá no dia em que menos espera e na hora que não conhece: há castigá-lo severamente^e e dar-lhe a sorte dos infieis. ⁴⁷Aquele servo que conhecia a vontade do seu senhor e não se preparou, ou não procedeu segundo a sua vontade, levará muitas vergastadas. ⁴⁸Mas aquele que não a conhecia e fez coisas merecedoras de chicote levará poucas vergastadas. A quem muito foi dado, muito lhe será exigido; a quem muito foi confiado, mais lhe será pedido»^f.

Divisões por causa de Jesus (Mt 10,34-36) – ⁴⁹«Eu vim lançar fogo sobre a terra^g, e como desejo que ele já se tivesse ateadado! ⁵⁰Mas tenho um batismo para receber^h e que angústia sinto, até que ele se consuma!

^a Rins cingidos é sinal de prontidão para o trabalho (v.37; 17,8) ou para o caminho, como parece evocar a referência às lâmpadas acesas. De facto, foi essa a atitude dos hebreus quando, em Ex 12,11, se preparavam para celebrar a Páscoa.

^b *À porta* é acrescido da tradução.

^c Lit.: *amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^d Lit.: *o senhor daquele servo*.

^e Lit.: *parti-lo-á ao meio*. Cf. Mt 24,51 nota.

^f A frase final salienta a particular responsabilidade que têm os chefes das Igrejas.

^g O fogo de que aqui se fala é certamente aquele que acompanha o julgamento divino nas descrições escatológicas (Is 66,15-16; Ez 38,22; 39,6; Ml 3,19; Jdt 16,17).

^h Lit.: *tenho um batismo para ser batizado*.

⁵¹Pensais que vim trazer paz à terra? Eu vos digo que não. Pelo contrário, vim trazer a divisãoⁱ. ⁵²De facto, a partir de agora estarão cinco divididos numa casa: três contra dois e dois contra três. ⁵³Estarão divididos o pai contra o filho e *o filho contra o pai*, a mãe contra a filha e *a filha contra a mãe*, a sogra contra a nora e *a nora contra a sogra*»^j.

Discernimento dos sinais. Juízo e reconciliação (Mt 5,25s; 16,2s) – ⁵⁴Dizia também às multidões: «Quando vedes uma nuvem levantar-se do poente, imediatamente dizeis: “Vem aí chuva”, e assim acontece. ⁵⁵E quando sopra o vento sul, dizeis: “Vai estar um calor ardente”, e assim acontece. ⁵⁶Hipócritas! Se sabeis discernir o aspeto da terra e do céu, como é que não sabeis discernir o tempo que estais a viver^k?

⁵⁷Porque não julgais, também por vós próprios, o que é justo? ⁵⁸Assim, quando fores com o teu adversário à presença das autoridades, esforça-te por te pones de acordo com ele no caminho; não aconteça que ele te arraste até ao juiz, o juiz te entregue ao oficial de justiça, e o oficial de justiça te lance na prisão. ⁵⁹Digo-te: não sairás de lá, enquanto não tiveres restituído a última moeda^l».

13 Apelo à conversão – ¹Nesse momento, chegaram alguns com notícias sobre os galileus^m, cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que eles estavam a oferecerⁿ. ²Ele respondeu-lhes^o: «Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem sofrido tal castigo^p? ³Não, digo-vos Eu. Mas, se não vos converterdes, haveis de morrer todos de modo semelhante. ⁴Ou aqueles dezoito homens^q sobre os quais caiu a torre em Siloé^r, que os matou? Julgais que eles eram mais culpados do que todos os habitantes de Jerusalém^s? ⁵Não, digo-vos Eu. Mas, se não vos converterdes, haveis de morrer todos de modo semelhante».

Parábola da figueira – ⁶Disse, então, esta parábola: «Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi procurar o fruto que nela houvesse, mas não o

ⁱ Lit.: *não, digo-vos, mas antes divisão*.

^j A divisão das famílias é, na tradição profética, um dos sinais do fim dos tempos (Mq 7,6; Ag 2,22; Ml 3,24).

^k Lit.: *este tempo*.

^l Em grego *leptón [nómisma]*, ou seja, *moeda de menor valor*.

^m Lit.: *estiveram presentes alguns anunciando-lhe*. Lc evoca uma intervenção sanguinária de Pilatos que, embora não seja referida em nenhum outro sítio, se enquadra nos diferentes atos de repressão por ele cometidos e referenciados por Flávio Josefo (*Ant.Jud.*, XX,5,3; *Bell.Jud.*, II,14,3).

ⁿ Lit.: *com os sacrifícios deles*.

^o Lit.: *e respondendo disse-lhes*.

^p Lit.: *estas coisas*.

^q *Homens* é acrescento da tradução.

^r Esta torre fazia parte das muralhas de Jerusalém; a sua queda aparentemente accidental é usada para colocar em causa o princípio da retribuição divina, que via nas desgraças um castigo pelo pecado cometido.

^s Lit.: *todos os homens que habitavam Jerusalém*.

encontrou. ⁷Disse, então, ao vinhateiro: “Há três anos^a que venho procurar fruto nesta figueira e não o encontro. Portanto, corta-a; para que há de estar a ocupar inutilmente a terra?”. ⁸Mas ele respondeu-lhe^b: “Senhor, deixa-a ficar ainda este ano. Entretanto, vou cavar à sua volta e deitar-lhe estrume, ⁹e pode ser que, no futuro, venha a dar fruto; de contrário, cortá-la-ás”».

Cura de uma mulher ao sábado – ¹⁰Estava Ele a ensinar a um sábado numa das sinagogas, ¹¹e encontrava-se lá uma mulher^c que um espírito mantinha enferma^d há dezoito anos: andava encurvada e não se conseguia endireitar completamente. ¹²Ao vê-la, Jesus chamou-a a si e disse-lhe: «Mulher, estás livre da tua enfermidade». ¹³Impôs-lhe as mãos, e ela imediatamente se endireitou e começou a dar glória a Deus^e.

¹⁴Mas^f o chefe da sinagoga, indignado por Jesus ter curado ao sábado, pôs-se a dizer à multidão: «Há seis dias em que se deve trabalhar; vinde ser curados nesses dias^g e não ao sábado». ¹⁵O Senhor respondeu-lhe^h: «Hipócritas! Mesmo que seja sábado, não solta cada um de vós o seu boi ou seu jumento do estábulo para o levar a beber? ¹⁶Ora, não seria necessário que esta mulher, que é filha de Abraão e que Satanás aprisionou há dezoito anos, fosse libertada de tal prisão, mesmo em dia de sábado?».

¹⁷Quando Jesusⁱ disse isto, todos os que se lhe opunham ficaram envergonhados, enquanto toda a multidão se alegrava por todas as ações gloriosas realizadas por Ele.

Parábola do grão de mostarda (Mt 13,31s; Mc 4,30-32) – ¹⁸Disse-lhes, então: «A que é semelhante o reino de Deus, a que hei de compará-lo? ¹⁹É semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou na sua horta. Cresceu, tornou-se árvore e as aves do céu fizeram o ninho nos seus ramos».

Parábola do fermento (Mt 13,33) – ²⁰E disse ainda: «A que hei de comparar o reino de Deus? ²¹É semelhante ao fermento^j que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo fermentado».

^a O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^b Lit.: *ele, porém, respondendo diz-lhe*.

^c Lit.: *e vê/eis* (*que*) *uma mulher*.

^d Lit.: *tinha um espírito de enfermidade*.

^e As curas ao sábado são sempre objeto de controvérsia entre Jesus e os fariseus (6,6-11; 14,1-4), ainda para mais quando a doença da mulher durava há já muito tempo, pelo que Ele podê-la-ia curar noutro dia.

^f O grego acrescenta *respondendo*.

^g *Dias* é acrescento da tradução.

^h O grego acrescenta *e disse*.

ⁱ Lit.: *Ele*.

^j Sobre o fermento, cf. Mt 13,33. Uma medida (em grego, *sáton*) corresponde a c. 10 litros.

A porta estreita – ²²Continuou, então, a viagem para Jerusalém^k, ensinando por todas as cidades e povoações por onde passava. ²³Alguém lhe perguntou: «Senhor, são poucos os que se salvam?». Ele disse aos presentes^l: ²⁴«Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar e não serão capazes. ²⁵A partir do momento em que o dono da casa se levante e feche a porta, vós ficareis do lado de fora e começareis a bater à porta, dizendo: “Abre-nos, senhor!”. Mas ele responder-vos-á^m: “Não sei de onde sois”. ²⁶Então começareis a dizer: “Comemos e bebemos na tua presença, e ensinaste nas nossas praças”. ²⁷E ele responder-vos-áⁿ: “Não sei de onde sois. Afastai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade”. ²⁸Aí haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus Abraão, Isaac e Jacob e todos os profetas, e vós a serdes lançados fora. ²⁹Virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e reclinar-se-ão à mesa no reino de Deus. ³⁰Há^o últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos».

Aproximação da morte de Jesus em Jerusalém (Mt 23,37-39) – ³¹Nesse momento foram ter com Ele alguns fariseus, que lhe disseram: «Sai daqui e vai-te embora, porque Herodes quer matar-te». ³²Ele respondeu-lhes: «Ide dizer a essa raposa: Eu expulso demónios e realizo curas hoje e amanhã; e ao terceiro dia levo a minha obra à consumação^p. ³³Mas hoje, amanhã e no dia seguinte, é necessário que continue o meu percurso, porque não é admissível que um profeta morra fora de Jerusalém^q.

³⁴Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis reunir os teus filhos, como uma galinha reúne os seus pintainhos debaixo das asas, e vós não quisestes! ³⁵Eis que *a vossa casa vos é deixada abandonada^r*. Com efeito, digo-vos que não voltareis a ver-me até que digais: *Bendito o que vem em nome do Senhor!*»^s.

14 Cura de um hidrópico ao sábado – ¹Jesus entrou^t a um sábado em casa de um dos chefes dos fariseus para tomar uma refeição^u, e eles puseram-se a obser-

^k Esta referência à subida de Jesus para Jerusalém parece indicar uma nova secção (13,22 – 17,10).

^l Lit.: *a eles*.

^m Lit.: *e respondendo dir-vos-á*.

ⁿ Lit.: *e dirá, dizendo a vós*.

^o O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^p Lit.: *vê/eis* (*que*) *expulso ... e consumo/sou consumado ao terceiro [dia]*.

^q Jesus anuncia a sua morte em Jerusalém, como a dos profetas rejeitados por Israel (6,23; Os 6,1-3; Mt 16,21; Mc 8,31; Jo 2,19; At 10,40).

^r Cf. Jr 12,7. Deus abandonará o seu Templo e deixá-lo-á arruinar-se (21,6), para permitir que caia o castigo sobre o seu povo, tal como frequentemente anunciam os profetas (Mq 3,12; Jr 7,1-15; 26; Ez 8-11).

^s Frase do Sl 118,26 que será usada em 19,38, na entrada messiânica de Jesus em Jerusalém.

^t Lit.: *e aconteceu no entrar Ele*.

^u Lit.: *comer pão*.

vá-lo. ²Em frente dele^a estava um homem que era hidrópico^b. ³Tomando a palavra, Jesus disse aos doutores da lei e aos fariseus: «É permitido ou não curar ao sábado^c?». ⁴Eles, porém, permaneceram calados. Então Ele tomou o homem pela mão, curou-o^d e mandou-o embora. ⁵E disse-lhes: «Se um filho vosso ou um boi cair num poço em dia de sábado, qual de vós não o vai imediatamente tirar de lá^e?». ⁶Mas eles não foram capazes de responder a isto.

Humildade e caridade – ⁷ Ao reparar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, disse-lhes esta parábola^f: ⁸«Quando fores convidado por alguém para uma boda, não te reclines no primeiro lugar, não aconteça que tenha sido convidado^g alguém mais importante do que tu ⁹e aquele que vos convidou a ambos te venha dizer: “Dá o lugar a este”. E, envergonhado, terias de passar a ocupar o último lugar. ¹⁰Pelo contrário, quando fores convidado, vai reclinar-te no último lugar, para que, quando vier aquele que te convidou, te diga: “Amigo, sobe mais para cima”. Isto será uma honra para ti, perante todos aqueles que estiverem à mesa contigo. ¹¹Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado»^h.

¹²Jesusⁱ disse ainda a quem o tinha convidado: «Quando ofereceres um almoço ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos, não aconteça que, por sua vez, eles te convidem e sejas assim retribuído. ¹³Quando ofereceres um banquete, convida, pelo contrário, os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos^l. ¹⁴Serás feliz por não terem como retribuir-te, pois ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos».

Parábola do banquete (Mt 22,1-10) – ¹⁵ Ao ouvir isto, um dos que estavam reclinados com Ele à mesa disse-lhe: «Feliz aquele que comer o pão no reino de Deus». ¹⁶Ele respondeu-lhe: «Um homem fez um grande banquete e convidou muita gente. ¹⁷Na hora do banquete, enviou o seu servo a dizer aos convidados: “Vinde, porque já está tudo preparado”. ¹⁸Mas, um a um, começaram todos a desculpar-se. O primeiro disse-lhe: “Comprei um campo e preciso de ir vê-lo; peço-te que me dispenses”.

^a O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^b A hidropisia consiste na acumulação anormal de líquido nos tecidos ou em certas cavidades de um organismo.

^c Sobre a cura em dia de sábado, cf. 6,7 e 13,16.

^d Lit.: *e tomando, curou-o*.

^e *De lá* é acresceto da tradução.

^f O grego acrescenta *dizendo-lhes*.

^g O grego acrescenta *por ele*.

^h Esta máxima sapiencial inspira-se em Ez 21,31 e condena a orgulhosa segurança dos fariseus (16,15). Será retomada em 18,14.

ⁱ *Jesus* é acresceto da tradução.

^j O conselho de Jesus vai ao arrepio de todos os usos e costumes da época. As categorias referidas são associadas, na mentalidade bíblica, à pobreza e a situações de dependência/mendicidade, pelas quais o Senhor tem especial predileção (cf. 6,20).

¹⁹Outro disse: “Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; peço-te que me dispenses”. ²⁰Outro disse: “Casei-me^k e, por isso, não posso ir”.

²¹Ao regressar, o servo contou tudo isso ao seu senhor. Então, irado, o senhor da casa disse ao seu servo: “Sai depressa para as praças e ruas da cidade e traz para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos”. ²²Quando regressou^l, disse o servo: “Senhor, fiz o que mandaste, mas ainda há lugares”. ²³O senhor disse então ao servo: “Sai pelos caminhos e veredas e força toda a gente^m a entrar para que a minha casa fique cheia. ²⁴Pois digo-vos: nenhum daquelesⁿ que foram convidados provará do meu banquete”».

Exigências do discipulado (Mt 10,37-39) – ²⁵Acompanhavam-no numerosas multidões. Voltando-se para elas, Jesus^o disse-lhes: ²⁶«Se alguém vem a mim e não me amar mais do que ao pai, à mãe, à esposa, aos filhos, aos irmãos, às irmãs e até à própria vida^p, não pode ser meu discípulo. ²⁷Aquele que não carrega a sua cruz e vem atrás de mim não pode ser meu discípulo. ²⁸Quem de vós, ao querer edificar uma torre, não se senta primeiro a calcular o custo, para ver se tem com que terminá-la? ²⁹Não aconteça que, depois de ter colocado o alicerce, e não sendo capaz de a concluir, todos os que olharem comecem a escarnecer dele, ³⁰dizendo: “Este homem começou a edificar mas não foi capaz de concluir”. ³¹Ou qual é o rei que, ao partir para a guerra contra outro rei, não se senta primeiro a examinar se é capaz de se opor, com dez mil homens, a um outro que vem contra ele com vinte mil? ³²Se chegar à conclusão de que não é capaz^q, enquanto o outro ainda está longe, envia-lhe uma delegação a pedir-lhe as condições de paz. ³³Assim, todo aquele que de entre vós não renunciar a todos os seus bens não pode ser meu discípulo».

A força do sal (Mt 5,13; Mc 9,50) – ³⁴«O sal é bom, mas se o sal se tornar insípido, com que há de ser temperado? ³⁵Não serve nem para a terra nem para estreme, e deitam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça».

15 Parábola da ovelha perdida (Mt 18,12-14) – ¹Os publicanos e os pecadores aproximavam-se todos de Jesus^r para o ouvir. ²Então os fariseus e doutores da lei começaram a murmurar, dizendo: «Este acolhe pecadores e come com eles».

^k Lit.: *despousei uma mulher*.

^l *Quando regressou* é acrescento da tradução.

^m *Toda a gente* é acrescento da tradução.

ⁿ O grego acrescenta *homens*.

^o *Jesus* é acrescento da tradução.

^p Lit.: *e não odiar o pai, a mãe, a esposa...* A tradução apresentada justifica-se pelo facto de o verbo usado em grego (*miséo, odiar*) corresponder na mentalidade semita a *amar menos* (Gn 29,31.33; Dt 21,15-16; Is 60,15; Ml 1,3; Lc 16,13). Esta é uma expressão própria para sublinhar uma relação em que uma das partes é preterida face a outra, sem que por isso deixe de ser amada e apreciada.

^q Lit.: *se não*.

^r Lit.: *dele*.

³Ele disse-lhes, então, esta parábola^a: ⁴«Quem de entre vós, que tenha cem ovelhas e tenha perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto para ir à procura da que se perdeu, até a encontrar? ⁵Quando a encontra, põe-na aos ombros cheio de alegria ⁶e, ao chegar a casa, chama os amigos e os vizinhos, e diz-lhes: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida”. ⁷Digo-vos que assim haverá mais alegria no céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de conversão»^b.

Parábola da dracma perdida – ⁸«Ou qual é a mulher que, possuindo dez dracmas^c e tendo perdido uma delas, não acende uma candeia, varre a casa e procura com cuidado até a encontrar? ⁹Quando a encontra, chama as amigas e vizinhas e diz: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que tinha perdido”. ¹⁰Do mesmo modo vos digo: há alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se converte».

Parábola do pai misericordioso – ¹¹Disse ainda: «Um homem tinha dois filhos. ¹²O mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte do património que me toca”. O pai repartiu entre eles os seus bens^d. ¹³Poucos dias depois, o filho mais novo juntou tudo e partiu para uma região distante e por lá esbanjou o seu património numa vida dissoluta. ¹⁴Depois de ter gasto tudo, surgiu uma grande fome naquela região, e ele começou a passar privações. ¹⁵Foi pôr-se, então, ao serviço de um dos habitantes daquela região, que o mandou para os seus campos guardar porcos^e. ¹⁶Bem desejava ele matar a fome com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. ¹⁷Então, caindo em si, disse: “Quantos assalariados de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! ¹⁸Vou levantar-me, vou ter com meu pai e dizer-lhe: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti! ¹⁹Já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus assalariados’”. ²⁰Levantou-se, então, e foi ter com o pai.

Ainda ele estava longe, quando o pai o viu: compadeceu-se profundamente e foi a correr ao seu encontro^f, lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. ²¹Disse-lhe o filho: “Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho”. ²²Mas o pai disse aos seus servos: “Trazei depressa a melhor veste^g e vesti-lha;

^a Lit.: *disse-lhes esta parábola, dizendo*.

^b A relação de Deus com Israel é expressa muitas vezes no AT recorrendo à imagética do pastor e do seu rebanho (Ez 34, Jr 23; cf. Gn 48,15; Sl 23,1; 28,9; 80,2; Is 40,10s); também já Ez 34,11-16 expressa a preocupação de Deus com a salvação do seu povo mediante a metáfora do pastor em busca da ovelha perdida.

^c A dracma é uma moeda grega, de 6 gramas, que equivale ao *beqá*^g; meio siclo hebraico e meio denário romano.

^d Lit.: *ele repartiu a vida*; o substantivo refere-se aos bens necessários para viver (tal como no v.30).

^e Para o carácter impuro dos porcos, cf. 8,31 nota.

^f *Ao seu encontro* é acrescento da tradução.

^g Lit.: *a primeira túnica*.

dai-lhe um anel para pôr no dedo e sandálias para pôr nos pés^h; ²³trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos comer e festejar, ²⁴porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado”. E começaram a festejar.

²⁵Ora, o seu filho mais velho estava no campoⁱ. Quando voltou e se aproximou da casa, ouviu músicas e danças. ²⁶Chamou, então, um dos servos e procurou saber o que era aquilo. ²⁷Ele disse-lhe: “O teu irmão voltou, e o teu pai matou o vitelo gordo, porque o recebeu de volta são e salvo”. ²⁸Ele ficou irado e não queria entrar. Então o pai saiu e suplicava-lhe que entrasse^j. ²⁹Mas ele respondeu ao pai^k: “Há tantos anos que te sirvo, sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para eu festejar com os meus amigos. ³⁰Mas, quando veio esse teu filho, que devorou os teus bens com prostitutas, mataste-lhe o vitelo gordo”. ³¹Disse-lhe o pai^m: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu; ³²mas era necessário festejar e alegrarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado”».

16 **Parábola do administrador infiel** – ¹Disse ainda aos discípulos: «Havia um homem rico que tinha um administrador que lhe foi denunciado por lhe andar a esbanjar os bens. ²Então chamou-o e disse-lhe: “Que é isto que ouço dizer de ti? Presta contas da tua administração, pois não podes continuar a administrar”. ³O administrador disse para consigo: “Que hei de fazer, dado que o meu senhor me vai tirar a administração? De cavar, não sou capaz; de pedir esmola, tenho vergonha. ⁴Já sei o que hei de fazer para que, quando for retirado da administração, haja quem me acolha em sua casa”. ⁵Chamou, então, um por um, os devedores do seu senhor e disse ao primeiro: “Quanto deves ao meu senhor?”. ⁶Ele respondeu: “Cem barrisⁿ de azeite”. Ele, porém, disse-lhe: “Toma a conta, senta-te depressa e escreve cinquenta”. ⁷Disse depois a outro: “E tu, quanto deves?”. Ele respondeu: “Cem medidas^o de trigo”. O administrador^p disse-lhe: “Toma a conta e escreve oitenta”.

⁸E o senhor elogiou o administrador iníquo^q por ter agido com esperteza. De facto, os filhos deste mundo são mais astutos a lidar com os seus do que os filhos da luz».

^h Lit.: *anel para a sua mão e sandálias para os pés*. O anel é sinal da aliança refeita e da autoridade recuperada (Gn 41,42; Est 3,10; 8,2), e as sandálias parecem indicar a liberdade recuperada (cf. Ex 12,11).

ⁱ A linguagem e o comportamento do filho mais velho espelham os dos fariseus e doutores da lei em relação aos pecadores (v.2), representados no filho mais novo.

^j *Que entrasse* é acrescento da tradução.

^k Lit.: *ele, porém, respondendo disse ao seu pai*.

^l O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^m Lit.: *ele*.

ⁿ Lit.: *bátos*, uma medida que, segundo alguns autores, corresponde a c. 45 litros.

^o Lit.: *kóros*, uma medida que corresponde a 10 *bátos* (cf. nota anterior).

^p *O administrador* é acrescento da tradução.

^q Lit.: *administrador da injustiça*.

Servir a Deus ou ao dinheiro (Mt 6,24) – ⁹«Também Eu vos digo: fazei amigos com o vil dinheiro, para que, quando este vier a faltar, eles vos acolham nas moradas^a eternas. ¹⁰Quem é fiel no pouco também é fiel no muito, e quem é iníquo no pouco também é iníquo no muito. ¹¹Portanto, se não fostes fiéis com o vil dinheiro, quem vos confiará o verdadeiro bem^b? ¹²E se não fostes fiéis no bem alheio, quem vos entregará aquilo que é vosso? ¹³Nenhum servo^c pode servir a dois senhores, pois ou menospreza um e ama o outro, ou dedica-se a um e despreza o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro^d».

A reação dos fariseus. Questão do divórcio (Mt 5,32; 19,9; Mc 10,11) – ¹⁴Os fariseus, que eram amigos do dinheiro, ouviam tudo isto e troçavam dele. ¹⁵Jesus^e disse-lhes, então: «Vós pretendes passar por justos^f diante dos homens; mas Deus conhece os vossos corações. Porque aquilo que entre os homens é exaltado é abominável diante de Deus. ¹⁶A Lei e os Profetas chegaram até João. Desde então, o reino de Deus é anunciado como boa nova e todos se esforçam para nele entrar. ¹⁷Mas é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um só traço de uma letra da Lei. ¹⁸Todo aquele que repudia a sua esposa e casa com outra comete adultério^g; e quem casa com uma mulher^h repudiada pelo marido comete adultério^g».

Parábola do homem rico e do pobre Lázaro – ¹⁹«Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e se banqueteara esplendidamente todos os dias. ²⁰Um pobre, chamado Lázaroⁱ, jazia ao seu portão, coberto de chagas, ²¹desejando saciar-se com o que caía da mesa do rico, mas até os cães^j vinham lambe-lhe as chagas. ²²Ora, aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão^k. Morreu também o rico e foi sepultado.

²³No inferno^l, estando em tormentos, levantou os olhos e, ao longe, viu Abraão e Lázaro no seu seio. ²⁴Então, gritando, disse: “Pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro para que molhe a ponta do seu dedo em água e me refresque a

^a Lit.: *tendas*.

^b Bem é acrescento da tradução.

^c Lit.: *(servo) doméstico*.

^d Lit.: *e a Mamona* (cf. Mt 6,24 nota).

^e Jesus é acrescento da tradução.

^f Lit.: *vós sois os que se declaram a si mesmos justos*.

^g A proibição do repúdio é uma das mais claras ruturas de Jesus com a Lei de Moisés (Dt 24,1).

^h Mulher é acrescento da tradução.

ⁱ É o único caso em que um personagem de uma parábola possui nome. Lázaro significa *Deus ajuda*. Embora alguns autores o tenham identificado com o Lázaro de Jo 11, o texto não o permite, na medida em que este não é apresentado como pobre.

^j A Escritura considera os cães animais repugnantes e maus (Sl 22,17,21; Pr 26,11; Mt 7,6).

^k A expressão *no seio de Abraão* poderá ser uma referência à intimidade filial (cf. Jo 1,18; 13,23,25) ou a uma posição de honra, na medida em que nos banquetes as almofadas estão colocadas de maneira a que a cabeça de um comensal se encontre à altura do peito de quem está ao seu lado.

^l Lit.: *Hades*, o submundo na mitologia grega.

língua, porque estou atormentado nestas chamas”.²⁵ Abraão respondeu-lhe: “Filho, recorda-te que recebeste os teus bens durante a tua vida e Lázaro apenas os males. Agora, aqui ele é consolado enquanto tu és atormentado.”²⁶ Além disso, entre nós e vós foi estabelecido um grande abismo, de modo que, se alguém quisesse passar daqui para junto de vós, não o poderia fazer, tal como não poderia fazê-lo alguém que quisesse atravessar daí para junto de nós^m.

²⁷Mas o rico insistiuⁿ: “Peço-te, então, pai, que o envies à casa do meu pai, ²⁸pois tenho cinco irmãos, a fim de os advertir, para que não venham também eles para este lugar de tormento”. ²⁹Abraão respondeu: “Têm Moisés e os Profetas. Que os ouçam!” ³⁰Mas ele disse: “Não, pai Abraão; se alguém de entre os mortos for ter com eles, hão de converter-se”. ³¹Abraão^o respondeu-lhe: “Se não ouvem Moisés e os Profetas, também não se deixariam convencer, mesmo que alguém ressuscitasse dos mortos”».

17 Escândalo e perdão (Mt 18,6s; Mc 9,42) – ¹Disse, então, aos seus discípulos: «É impossível que não surjam escândalos^p, mas ai daquele que os provoca!^q ²Melhor seria para ele que lhe atassem uma pedra de moinho à volta do pescoço e o lançassem ao mar, do que ser motivo de escândalo para um destes pequeninos! ³Tende cuidado convosco! Se o teu irmão pecar, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe. ⁴E, se pecar contra ti sete vezes ao dia e sete vezes voltar para te dizer “estou arrependido”, tu lhe perdoarás».

Fé e serviço (Mt 17,20; 21,21; Mc 11,22s) – ⁵Disseram, então, os apóstolos ao Senhor: «Aumenta a nossa fé^r». «O Senhor respondeu: «Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda^s, diríeis a esta amoreira: “Arranca-te e planta-te no mar”, e ela vos obedeceria.

⁷Quem de entre vós, que tenha um servo a lavar ou a apascentar, lhe dirá quando ele regressar do campo: “Vem imediatamente reclinar-te à mesa”? ⁸Não lhe dirá antes: “Prepara-me algo para cear, cinge-te e serve-me enquanto como e bebo, e depois comerás e beberás tu”? ⁹Terá de agradecer ao servo, por ter feito o que lhe foi ordenado? ¹⁰Assim também vós, quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: “Somos servos inúteis: fizemos o que devíamos fazer”».

^m Lit.: *de modo que os que querem passar daqui para vós não podem, e não atravessam daí para nós.*

ⁿ Lit.: *Disse, porém.*

^o *Abraão* é acrescento da tradução.

^p Sobre os escândalos, cf. Mt 5,29.

^q Lit.: *mas ai por meio do qual vêm.*

^r Ou *desperta-nos a fé.*

^s *Tamanho* é acrescento da tradução. Sublinha-se *grão de mostarda* como a mais pequena de todas as sementes (Mt 13,32; Mc 4,31).

Cura dos dez leprosos – ¹¹No percurso para Jerusalém^a, quando Ele passava entre a Samaria e a Galileia^b, ¹²entrou numa povoação e vieram ao seu encontro dez leprosos. Conservando a distância^c, ¹³disseram em alta voz^d: «Jesus, Mestre^e, tem misericórdia de nós!». ¹⁴Ao vê-los, Ele disse-lhes: «Ide mostrar-vos aos sacerdotes^f». E aconteceu que, enquanto eles iam a caminho^g, ficaram purificados. ¹⁵Um deles, ao ver que fora curado, voltou atrás, dando glória a Deus com voz forte, ¹⁶e caiu com o rosto por terra aos pés de Jesus^h, dando-lhe graças. Era um samaritano. ¹⁷Jesus perguntou-lheⁱ: «Não eram dez os que foram purificados? Onde estão os outros nove? ¹⁸Não se encontrou quem voltasse para dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro?». ¹⁹Disse-lhe, então: «Levanta-te e vai; a tua fé te salvou».

A vinda do reino de Deus e o dia do Filho do Homem – ²⁰Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus^j, Ele respondeu-lhes^k: «O reino de Deus não vem de forma visível^l, ²¹nem poderão dizer: “Ei-lo aqui” ou “Ei-lo ali”, pois^m o reino de Deus está entre vós».

²²Depois disse aos discípulos: «Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis. ²³E, então, hão de dizer-vos: “Ei-lo ali” ou “Ei-lo aqui”; não vades nem os sigais. ²⁴Pois assim como o relâmpago, quando resplandece, brilha de uma extremidade à outra do céuⁿ, assim será o Filho do Homem no seu dia. ²⁵Mas primeiro é necessário que Ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração.

²⁶E tal como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem: ²⁷comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca; e, então, veio o dilúvio que os matou a todos. ²⁸O mesmo aconteceu nos dias de Lot: comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam

^a Lit.: *e aconteceu no ir para Jerusalém*. A nova referência ao caminhar de Jesus marca o início de uma nova etapa no percurso para Jerusalém, no caso a terceira e última, tal como já tinha acontecido nas anteriores (9,51 e 13,22).

^b Apesar de serem regiões limítrofes, era expectável a lógica geográfica, referindo-se primeiro a Galileia e depois a Samaria.

^c Os leprosos deviam permanecer à distância, a fim de não contaminar ninguém (Lv 13,46).

^d Lit.: *e eles levantaram a voz, dizendo*.

^e Para o termo, cf. 5,5 nota; esta é a única ocorrência em Lc da expressão dita por alguém que não é discípulo.

^f Sobre o dever de os leprosos, uma vez curados, se apresentarem ao sacerdote, cf. 5,14; Lv 13,49; 14,2-32.

^g *A caminho* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *aos pés dele*.

ⁱ Lit.: *respondendo, porém, Jesus disse*.

^j Os judeus tinham uma grande expectativa quanto à chegada e aos sinais do reino de Deus (cf. Dn 9,2), a qual se manterá no posterior período rabínico.

^k Lit.: *respondeu-lhes e disse*.

^l Lit.: *com observação*.

^m O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

ⁿ Lit.: *de sob o céu a sob o céu*, segundo a ideia empírica da época de que o céu pousa numa e noutra das extremidades visíveis da terra.

e edificavam. ²⁹Mas, no dia em que Lot saiu de Sodoma, choveu fogo e enxofre do céu que os matou a todos.

³⁰Assim será no dia em que o Filho do Homem se revelar. ³¹Naquele dia, quem estiver no terraço e tiver as suas coisas em casa não desça para as tirar e, do mesmo modo, quem estiver no campo não volte atrás. ³²Recordai-vos da mulher de Lot.

³³Aquele que procurar salvar a sua vida há de perdê-la, e aquele que a perder há de conservá-la. ³⁴Digo-vos que, nessa noite, estarão dois num leito: um será levado e o outro deixado; ³⁵estarão duas mulheres^o a moer, no mesmo lugar: uma será levada e a outra deixada». [³⁶p. ³⁷Eles perguntaram-lhe^q: «Senhor, onde será isso?»^r. Ele respondeu-lhes: «Onde estiver o corpo, aí se reunirão os abutres^s».

18 **Parábola do juiz e da viúva** – ¹Disse-lhes^s, depois, uma parábola^u sobre a necessidade de rezar sempre, sem desanimar: ²«Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens. ³Havia também, naquela cidade, uma viúva que ia ter com ele e lhe dizia: “Faz-me justiça contra o meu adversário”. ⁴Por algum tempo ele não quis, mas depois disse para consigo: “Embora eu não tema a Deus nem respeite os homens, ⁵dado que esta viúva está sempre a importunar-me, vou fazer-lhe justiça para que não esteja continuamente a azucrinar-me^v».

⁶Disse o Senhor: «Escutai o que diz o juiz injusto! ⁷E não haveria Deus de fazer justiça aos seus eleitos, que por Ele clamam dia e noite? Iria fazê-los esperar? ⁸Digo-vos que em breve lhes fará justiça. Mas será que, quando o Filho do Homem vier, encontrará a fé sobre a terra?».

Parábola do fariseu e do publicano – ⁹Disse também esta parábola para alguns que estavam convencidos de que eram justos, mas desprezavam os outros: ¹⁰«Dois homens subiram ao templo para rezar; um era fariseu e o outro publicano. ¹¹O fariseu, de pé, rezava assim no seu interior: “Ó Deus, dou-te graças porque não sou como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem como este publicano. ¹²Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto adquirei”. ¹³O publicano, porém, mantendo-se à distância, nem se atrevia a levantar os olhos ao céu; pelo contrário, batia no peito e dizia: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador”. ¹⁴Digo-vos:

^o *Mulheres* é acrescento da tradução.

^p Alguns mss. acrescentam: *estarão dois num campo: um será levado e o outro deixado*.

^q Lit.: *e respondendo dizem-lhe*.

^r À questão do lugar corresponde a da data (v.20) e denuncia que os discípulos ainda têm do reino de Deus uma concepção predominantemente humana, localizável em termos de tempo e espaço.

^s Os *abutres* são referidos regularmente nos textos do juízo final, no AT (Js 18,6; 34,15-16; Jr 7,33; 12,9; 15,3; Ez 29,17). Esta imagem sugere que ninguém escapará ao juízo.

^t Lit.: *dizia-lhes ... (v.4) dizendo*.

^u Depois de o ter feito na parábola do *amigo importuno* (11,5-8), Jesus volta a sublinhar a importância da persistência na oração.

^v Lit.: *golpear-me debaixo dos olhos*.

este desceu justificado para sua casa, ao contrário do outro. Porque todo aquele que se exalta será humilhado, mas quem se humilha será exaltado».

Jesus e as crianças (Mt 19,13-15; Mc 10,13-16) – ¹⁵Traziam-lhe também as criancinhas para que Ele lhes tocasse; mas, ao verem isso, os discípulos repreendiam-nas severamente. ¹⁶Jesus, porém, chamou-as a si, e disse: «Deixai as crianças vir a mim, não as impeçais, pois o reino de Deus é dos que são como elas. ¹⁷Em verdade^a vos digo: quem não acolher o reino de Deus como uma criança, jamais nele entrará».

O homem rico (Mt 19,18-30; Mc 10,17-22) – ¹⁸Então um dos chefes perguntou-lhe^b: «Bom Mestre, que hei de fazer para receber como herança a vida eterna?». ¹⁹Jesus respondeu-lhe: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus. ²⁰Sabes os mandamentos: *Não cometas adultério; não mates; não roubes; não levantes falso testemunho; honra o teu pai e a tua mãe*». ²¹Ele retorquiu: «Tudo isso tenho observado desde a juventude». ²²Ao ouvir isto, Jesus disse-lhe: «Resta-te ainda uma coisa: vende tudo o que tens, distribui pelos pobres e terás um tesouro nos céus. Então vem e segue-me». ²³Quando ouviu isto, ele ficou muito triste, porque era muito rico.

Os ricos e o reino de Deus (Mt 19,23-26; Mc 10,23-27) – ²⁴Ao vê-lo ficar tão triste, Jesus disse: «Como é difícil para os que têm riquezas entrar no reino de Deus! ²⁵De facto, é mais fácil entrar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus». ²⁶Os que ouviram disseram: «Quem pode, então, ser salvo?». ²⁷Mas Ele respondeu: «O que é impossível aos homens é possível a Deus».

Recompensa pelo desprendimento (Mt 19,27-30; Mc 10,28-31) – ²⁸Disse-lhe Pedro: «Olha que nós deixámos o que tínhamos^c para te seguir!». ²⁹Ele respondeu-lhes: «Em verdade^d vos digo: não há ninguém que tenha deixado casa, ou mulher^e, ou irmãos, ou pais ou filhos por causa do reino de Deus ³⁰que não receba muito mais neste tempo e, no tempo que há de vir, a vida eterna».

Terceiro anúncio da paixão e ressurreição (Mt 20,17-19; Mc 10,32-34) – ³¹Então Ele tomou consigo os Doze e disse-lhes: «Eis que subimos para Jerusalém, e vai consumir-se tudo o que, por meio dos Profetas, foi escrito acerca do Filho do Homem:

^a Lit.: *amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^b O grego acrescenta *dizendo*.

^c Lit.: *as nossas próprias coisas*.

^d Lit.: *amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^e A total renúncia, inclusivamente da mulher (a que apenas Lc faz referência), sublinha a radicalidade do discipulado no âmbito do reino de Deus, que Jesus vem inaugurar e cuja plenitude as primeiras comunidades julgavam estar para breve; isto fazia com que as diferentes e antigas relações fossem secundarizadas.

³²Ele será entregue aos pagãos, escarnecido, injuriado e cuspido. ³³E, depois de o chicotear, matá-lo-ão; mas ao terceiro dia ressuscitará».

³⁴Eles, porém, não entenderam nada: o sentido destas palavras estava-lhes velado^f, e não percebiam o que estava a ser dito.

Cura do cego de Jericó (Mt 20,29-34; Mc 10,46-52) – ³⁵Quando Ele se aproximava^g de Jericó, estava um cego sentado à beira do caminho a pedir esmola. ³⁶Ao ouvir a multidão a passar, procurou saber o que estava a acontecer. ³⁷Informaram-no, então: «É Jesus, o Nazareno, que está a passar». ³⁸E ele começou a clamar, dizendo: «Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!». ³⁹Os que iam à frente repreendiam-no severamente para que se calasse, mas ele gritava ainda mais: «Filho de David, tem misericórdia de mim!».

⁴⁰Então Jesus parou e ordenou que lho trouxessem. E, quando ele se aproximou, perguntou-lhe: ⁴¹«Que queres que te faça?» . Ele respondeu: «Senhor, que eu volte a ver!». ⁴²Jesus disse-lhe: «Volta a ver. A tua fé te salvou». ⁴³Imediatamente ele voltou a ver e começou a seguir Jesus^h, dando glória a Deus. Todo o povo, ao ver isto, deu louvor a Deus.

19 Conversão de Zaqueu – ¹Jesusⁱ entrou em Jericó e começou a atravessar a cidade^j. ²Um homem, chamado Zaqueu^k, que era chefe de publicanos e rico, ³procurava ver quem era Jesus; mas por causa da multidão não conseguia, por ser de pequena estatura. ⁴Então correu mais à frente e subiu a um sicómoro para o poder ver, porque Ele estava prestes a passar por ali. ⁵Quando chegou àquele lugar, Jesus olhou para cima e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois é necessário que Eu hoje fique em tua casa». ⁶Ele desceu apressadamente e acolheu Jesus^l cheio de alegria. ⁷Ao ver isto, todos murmuravam, dizendo: «Foi hospedar-se em casa de um pecador»^m.

⁸Mas Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: «Senhorⁿ, vou dar metade dos meus bens aos pobres e, se defraudei alguém, vou restituir-lhe quatro vezes mais». ⁹Disse-lhe Jesus: «Hoje a salvação entrou nesta casa^o, porque também Zaqueu^p é filho de Abraão. ¹⁰Pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido».

^f Lit.: *esta palavra estava escondida deles*.

^g Lit.: *mas aconteceu no Ele aproximar-se*.

^h Lit.: *e seguia-o*.

ⁱ Jesus é acrescento da tradução.

^j Cidade é acrescento da tradução.

^k Lit.: *vê/eis (que) um homem chamado com o nome Zaqueu*.

^l Lit.: *acolheu-o*.

^m Lit.: *entrou para se hospedar junto de um homem pecador*. Na mentalidade judaica, frequentar a casa de um pecador significava contrair impureza (5,30; 7,34; 15,2).

ⁿ O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^o Lit.: *surgiu para esta casa*.

^p Lit.: *ele*.

Parábola das minas (Mt 25,14-30) – ¹¹Enquanto estavam a ouvir estas coisas, Ele acrescentou ainda uma parábola, por estar perto de Jerusalém e porque eles pensavam que o reino de Deus estava prestes^a a manifestar-se. ¹²Disse, então:

«Um homem nobre partiu para uma região distante, a fim de tomar posse de um reino e depois voltar. ¹³Chamou, então, dez dos seus servos, confiou-lhes dez minas^b e disse-lhes: “Fazei-as render até que eu venha”. ¹⁴Mas os seus conterrâneos odiavam-no e enviaram uma embaixada atrás dele para dizer: “Não queremos que ele reine sobre nós”.

¹⁵Depois de ter tomado posse do reino, ele voltou^c e mandou chamar à sua presença os servos a quem dera o dinheiro, para saber o que tinham lucrado. ¹⁶Apresentou-se o primeiro e disse: “Senhor, a tua mina rendeu dez minas”. ¹⁷Ele respondeu-lhe: “Muito bem, servo bom! Porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades”. ¹⁸Veio o segundo e disse: “A tua mina, Senhor, deu cinco minas”. ¹⁹A este respondeu de igual modo: “Fica também tu à frente de cinco cidades”. ²⁰Veio o outro e disse: “Senhor, eis aqui a tua mina que eu guardei num lenço, ²¹pois tinha medo de ti, porque és um homem severo; tiras o que não depositaste e ceifas o que não semeaste”. ²²Ele respondeu-lhe: “Servo mau, pela tua boca te julgo! Sabias que eu sou um homem severo, que tiro o que não depositei e ceifo o que não semeiei. ²³Então por que razão não entregaste o meu dinheiro ao banco^d? Ao voltar, eu tê-lo-ia reclamado com juros”. ²⁴Depois disse aos que estavam presentes: “Tirai-lhe a mina e dai-a àquele que tem as dez^e”. ²⁵Mas eles responderam-lhe: “Senhor, ele já tem dez minas”. ²⁶Eu vos digo: a todo aquele que tem ser-lhe-á dado, mas àquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. ²⁷Quanto a esses meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e degolai-os diante de mim».

²⁸E, dito isto, Jesus continuou a caminhar^f à sua frente^f, subindo para Jerusalém.

V

A REALIZAÇÃO SALVÍFICA EM JERUSALÉM

(19,29-24,53)

Entrada messiânica em Jerusalém (cf. Mt 21,1-9; Mc 11,1-10; Jo 12,12-19) – ²⁹Quando se aproximou^g de Betfagé^h e Betânia, junto ao monte, chamado das Oliveiras, enviou

^a O grego antepõe *imediatamente*. Como todos os judeus, os discípulos esperavam que o reino de Deus viesse de um momento para o outro (Mc 10,37; At 1,6). Esta parábola é uma advertência contra a impaciência e lembra aos discípulos que há muito a fazer antes da vinda do seu Senhor.

^b A mina é um peso semita, da ordem dos 600 gramas, equivalente a 100 dracmas e a 50 siclos.

^c Lit.: e aconteceu no ele voltar.

^d O termo grego refere-se mais especificamente a uma mesa (*trápeza*) onde se sentava um cambista ou um agiota que emprestava dinheiro a juros; não se deve ler o termo *banco* tal como o compreendemos hoje, pois ainda não se tratava de uma instituição enquanto tal.

^e O grego acrescenta *minas*.

^f Lit.: e dizendo isto caminhava à frente.

^g Lit.: e aconteceu que quando.

^h Betfagé era uma pequena povoação próxima de Jerusalém, sobre o Monte das Oliveiras. É também referida em Mc 11,1.

dois dos discípulos, ³⁰ dizendo: «Ide à povoação em frente. Quando nela entrardes, encontrareis um jumentinho preso, que nunca ninguém montou. Soltai-o e trazei-o. ³¹E se alguém vos perguntar: “Por que razão o soltais?”, respondereis assim: “O Senhor tem necessidade dele”».

³²Os enviados partiram e encontraram tudo como Ele lhes tinha dito. ³³Quando estavam a soltar o jumentinho, os donos disseram-lhes: «Porque soltais o jumentinho?». ³⁴Eles responderam: «O Senhor tem necessidade dele».

³⁵Trouxeram-no, então, a Jesus e, depois de terem lançado as suas capas sobre o jumentinho, ajudaram Jesus a montar. ³⁶Enquanto Jesusⁱ avançava, iam estendendo as suas capas no caminho. ³⁷E quando Ele já estava próximo da descida do Monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos começou, cheia de alegria, a louvar com voz forte a Deus por todas as ações poderosas que tinham visto. ³⁸E diziam:

«*Bendito o rei que vem em nome do Senhor!*

Paz no céu e glória nas alturas!»ⁱ.

³⁹Alguns fariseus, no meio da multidão, disseram-lhe: «Mestre, repreende os teus discípulos». ⁴⁰Mas Ele respondeu^k: «Digo-vos que, se eles se calarem, gritarão as pedras».

Lamentações sobre Jerusalém – ⁴¹Quando Jesus^l se aproximou e viu a cidade, chorou sobre ela, ⁴²e disse: «Se ao menos neste dia também tu reconhecesses o que te pode trazer a paz^m! Mas agora isso está escondido aos teus olhos. ⁴³Dias virão sobre ti em que os teus inimigos te rodearão de trincheiras, te farão cerco e apertarão de todos os lados; ⁴⁴hão de aniquilar-te, a ti e aos teus filhos, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, por não teres reconhecido o tempo em que foste visitada»ⁿ.

Expulsão dos vendedores do templo (Mt 21,12s; Mc 11,15-18; Jo 2,13-16) – ⁴⁵Entrou depois no templo e começou a expulsar os vendedores, ⁴⁶dizendo-lhes: «Está escrito: *A minha casa será casa de oração*, mas vós fizestes dela um *antro de salteadores*»^o.

ⁱ Lit.: *Ele*.

^j Lc cita Sl 118,25, mas sem a palavra *bossana* (cf. Mc 11,9 nota) e introduzindo o epíteto de *rei*, tal como uma expressão que evoca o canto de louvor dos anjos, ouvido pelos pastores aquando do nascimento de Jesus (2,14). A insistência na forma como Jesus entra em Jerusalém (montado num jumento) apresenta a cena como cumprimento da profecia de Zc 9,9s, e juntamente com a referência à aclamação do povo recorda a entronização de Salomão (cf. 1Rs 1,33.38.40).

^k Lit.: *e respondendo disse*.

^l *Jesus* é acrescento da tradução.

^m Este lamento de Jesus é o primeiro dos três anúncios da destruição de Jerusalém (19,43-44; 21,20-24; 23,28-31), que Lc vê como uma prefiguração do juízo escatológico.

ⁿ Lit.: *o tempo da tua visita*, expressão que aponta para a visita de Deus à cidade, na pessoa de Jesus. Lc refere-se muito possivelmente ao assédio romano a Jerusalém, que culminou na destruição do templo em 70 d.C. (cf. 21,20-24).

^o *Casa de oração* evoca Is 56,7, ao passo que *antro de salteadores* remete para Jr 7,11.

⁴⁷Estava todos os dias no templo a ensinar. Os chefes dos sacerdotes e os doutores da lei procuravam matá-lo, assim como os chefes do povo,⁴⁸mas não encontravam modo de o fazer, pois todo o povo ficava embevecido ao ouvi-lo^b.

20 **Controvérsia sobre a autoridade de Jesus (Mt 21,23-27; Mc 11,27-33)** – ¹Num dos dias^c em que Ele estava no templo a ensinar o povo e a anunciar a boa nova, apresentaram-se os chefes dos sacerdotes e os doutores da lei com os anciãos,²que lhe disseram^d: «Diz-nos com que autoridade fazes estas coisas, ou quem é que te deu tal autoridade». ³Ele respondeu-lhes: «Vou fazer-vos também Eu uma pergunta. Dizei-me: ⁴o batismo de João era do céu ou dos homens?». ⁵Eles começaram a discutir entre si, dizendo: «Se dissermos “do céu”, Ele dirá: “Por que razão não acreditastes nele?”; ⁶se dissermos “dos homens”, todo o povo nos apedrejará, pois está convencido de que João é um profeta». ⁷Responderam, então, que não sabiam de onde era. ⁸E Jesus disse-lhes: «Nem Eu vos digo com que autoridade faço estas coisas».

Parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-46; Mc 12,1-12) – ⁹Começou, então, a dizer ao povo esta parábola^f: «Um homem plantou uma vinha, arrendou-a a uns agricultores e partiu de viagem por muito tempo. ¹⁰No tempo oportuno, enviou um servo aos agricultores para que lhe dessem parte do fruto da vinha; mas os agricultores espancaram-no e mandaram-no embora sem nada. ¹¹Enviou de novo outro servo; mas eles também a esse espancaram, ultrajaram e mandaram embora sem nada. ¹²Enviou ainda um terceiro; mas eles, depois de o ferirem, expulsaram-no.

¹³Disse, então, o senhor da vinha: “Que hei de fazer? Enviarei o meu amado filho, talvez o respeitem”. ¹⁴Mas, ao vê-lo, os agricultores começaram a falar entre si, dizendo: “Este é o herdeiro; matemo-lo, para que a herança se torne nossa”. ¹⁵E, depois de o lançarem para fora da vinha, mataram-no. Ora, que lhes fará o senhor da vinha? ¹⁶Virá, exterminará esses agricultores e dará a vinha a outros».

Os que estavam a ouvir isto disseram: «Que nunca aconteça tal coisa!». ¹⁷Jesus^g, fixando neles o olhar, disse: «Que significa, então, isto que está escrito:

*A pedra que rejeitaram os construtores
tornou-se pedra angular^h?*

^a A expressão refere-se provavelmente à aristocracia laica do sínédrio, que Lc inclui entre os responsáveis pela morte de Jesus (23,13.35; 24,20).

^b Lit.: *estava preso a Ele, ouvindo*. Lc insiste no contraste entre a atitude do povo, que escutava as palavras de Jesus, e a dos seus responsáveis, que procuravam dar-lhe a morte (20,19; 21,38; 23,27.35).

^c Lit.: *e aconteceu que num dos dias*.

^d Lit.: *e disseram-lhe, dizendo*.

^e Lit.: *respondendo, porém, disse para eles*.

^f Esta parábola evoca Is 5,1-7, onde se afirma claramente: *A vinha do Senhor do universo é a casa de Israel* (v.7).

^g *Jesus* é acrescento da tradução.

^h Cita-se o Sl 118,22 (cf. Is 28,16), e que o cristianismo releu à luz da morte e ressurreição de Jesus (At 4,11; 1Pd 2,4.7).

¹⁸«Todo aquele que cair sobre essa pedra ficará despedaçado, e ela esmagará aquele sobre o qual cair»¹.

¹⁹Nessa mesma hora, os doutores da lei e os chefes dos sacerdotes procuraram deitar-lhe as mãos, pois perceberam que tinha sido para eles que dissera esta parábola, mas tiveram medo do povo.

O imposto a César (Mt 22,15-22; Mc 12,13-17) – ²⁰Puseram-se, então, a observá-lo atentamente e enviaram espiões, que se fingiam justos, para o apanharem nas suas afirmações e poderem assim entregá-lo ao poder e à autoridade do governador.

²¹Fizeram-lhe a seguinte pergunta: «Mestre, sabemos que falas e ensinas com retidão e não tens em consideração as aparências, mas ensinas o caminho de Deus^k de acordo com a verdade. ²²É-nos lícito ou não pagar tributo a César?».

²³Mas, apercebendo-se da sua malícia, Ele disse-lhes: ²⁴«Mostrai-me um denário. De quem é a imagem e a inscrição?».

Eles responderam: «De César».

²⁵Disse-lhes Ele: «Então devolvei a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus».

²⁶E não foram capazes de o surpreender em nada diante do povo e, admirados com a sua resposta, calaram-se.

Os saduceus e a ressurreição (Mt 22,23-33; Mc 12,18-27) – ²⁷Aproximaram-se alguns saduceus – que negam haver ressurreição^l – e perguntaram-lhe^m: ²⁸«Mestre, Moisés deixou-nos escrito: se morrer a alguém um irmão, que tinha esposa mas não teve filhos, esse homem casará com a viúva para dar descendência ao irmãoⁿ».

²⁹Ora, havia sete irmãos. O primeiro casou-se com uma mulher e morreu sem filhos. ³⁰Também o segundo ³¹e o terceiro casaram com ela, e o mesmo aconteceu aos sete: não deixaram filhos e morreram. ³²Por fim, morreu também a mulher.

³³Na ressurreição, de qual deles será ela esposa? É que todos os sete a tiveram por mulher».

³⁴Disse-lhes Jesus: «Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento. ³⁵Mas quanto àqueles que forem considerados dignos de alcançar o mundo que há de vir e a ressurreição dos mortos, nem eles se casam nem elas são dadas em casamento.

ⁱ Cf. Is 8,14s e Dn 2,44. A obra de Deus é perdição para o incrédulo e salvação para o crente (2,34; Rm 9,33; 1Pd 2,5-8).

^j Lit.: *e interrogaram-no dizendo*.

^k A expressão *o caminho de Deus* (Sl 25,4.9; 27,11; 51,15) é muito usada, no livro dos Atos, para designar a comunidade cristã (9,2; 16,17; 18,25-26; 19,9,23; 22,4; 24,4.22).

^l Os saduceus não partilhavam com os fariseus a fé na ressurreição dos mortos e procuram ridicularizar Jesus, apresentando-lhe uma hipótese académica a que Jesus responde não com o livro de Daniel, que eles não aceitavam, mas com a Torá, incontestada por todos.

^m O grego acrescenta *dizendo*.

ⁿ Lit.: *tome a mulher* (na acção de *desposar*) e *levantando semente*. Este v. cita livremente Dt 25,5s. Trata-se da lei do levirato (do latim *levir* = cunhado) que se apoia em Dt 25,5-10, mas é proibida por Lv 18,16 e 20,21. Segundo esta lei, o cunhado desposa a viúva de seu irmão, se ele não deixou filhos, a fim de perpetuar o nome da família e de assegurar um herdeiro ao defunto. Este uso, comum aos hititas e aos assírios, perdeu importância quando as filhas começaram a poder herdar (Nm 36).

³⁶Com efeito já não podem morrer, pois são semelhantes aos anjos. E, por serem filhos da ressurreição^a, são filhos de Deus. ³⁷E que os mortos ressuscitam também Moisés o indicou no episódio da sarça, quando disse: *O Senhor é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob*. ³⁸Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para Ele^b».

³⁹Tomando a palavra, disseram alguns doutores da lei: «Mestre, falaste bem». ⁴⁰E já não ousavam interrogá-lo sobre nada.

O Messias, Senhor de David (Mt 22,41-45; Mc 12,35-37) – ⁴¹Mas Ele disse-lhes: «Como podem dizer que o Cristo é filho de David? ⁴²O próprio David afirma no livro dos Salmos:

Disse o Senhor ao meu Senhor: “Senta-te à minha direita,

⁴³*até que ponha os teus inimigos como estrado dos teus pés”^c.*

⁴⁴Portanto, David chama-lhe “Senhor”. Como pode, então, ser seu filho?».

Crítica aos doutores da lei (Mt 23,1.5-7.14; Mc 12,38-40) – ⁴⁵Estando todo o povo a ouvir, disse Ele aos seus discípulos: ⁴⁶«Tende cuidado com os doutores da lei que gostam de caminhar com vestes longas, que se deleitam com as saudações nas praças públicas, com os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes, ⁴⁷eles que devoram as casas das viúvas usando longas orações como pretexto. Estes receberão uma condenação mais severa».

21 A generosidade da viúva pobre (Mc 12,41-44) – ¹Ao erguer os olhos, Jesus^d viu os ricos a deitar os seus donativos na arca do tesouro. ²Viu também uma viúva muito pobre a deitar lá duas pequenas moedas ³e disse: «Em verdade vos digo: esta viúva pobre deitou mais do que todos; ⁴pois todos eles deitaram como donativo daquilo que lhes sobrava, mas ela, na sua penúria, deitou tudo o que tinha para viver^e».

A destruição do templo (Mt 24,1s; Mc 13,1s) – ⁵Estando alguns a comentar como o templo estava ornado com belas pedras e ofertas votivas^f, Ele disse: ⁶«Dias virão em que, de tudo o que estais a contemplar, não ficará pedra sobre pedra; tudo será destruído^g».

^a Semitismo que significa *ser herdeiros do mundo novo e da sua vida*.

^b Ou *por Ele*.

^c Sl 110,1 LXX (cf. At 2,34; Heb 1,13).

^d *Jesus é acrescento da tradução*.

^e Lit.: *deitou toda a vida que tinha*.

^f A reconstrução do templo, embora iniciada depois do regresso do exílio, só foi concluída no tempo de Herodes, o Grande, pelo ano 19 a.C.. As ofertas dos fiéis (2Mac 2,13) tanto podiam ser elementos da construção como da decoração do templo.

^g Lit.: *que não venha a ser destruída*. O tema da destruição do templo não é novo. Diversos profetas tinham anunciado a destruição do primeiro templo (Jr 7,1-15; 26,1-19; Ez 8-11; Mq 3,12), como

Sinais antecedentes do fim: falsos messias, guerras e perseguições (Mt 10,17-22; 24,3-14; Mc 13,3-13) – ⁷Eles perguntaram-lhe^h: «Mestre, quando acontecerá isso, e qual será o sinal quando essas coisas estiverem prestes a acontecer?». ⁸Ele respondeu: «Tende cuidado, não vos deixeis enganar!ⁱ Pois muitos virão em meu nome^j, dizendo: “Sou eu” e “O tempo está próximo”. Não vades atrás deles. ⁹Quando ouvirdes falar de guerras e de rebeliões^k, não fiquéis aterrorizados; é necessário que estas coisas aconteçam primeiro, mas não será imediatamente o fim».

¹⁰Disse-lhes, então: «Há de levantar-se povo contra povo e reino contra reino; ¹¹haverá grandes terremotos e, por todo o lado, fomes e pestes; haverá fenómenos medonhos e grandes sinais no céu.¹² Mas, antes de tudo isto, hão de deitar-vos as mãos e perseguir-vos, entregando-vos às sinagogas e às prisões^l, levando-vos à presença de reis e governadores por causa do meu nome. ¹³Será para vós ocasião de dar testemunho^m.¹⁴ Tende esta certeza nos vossos corações: não vos deveis preocupar com a vossa defesaⁿ, ¹⁵pois Eu vos darei a palavra^o e a sabedoria a que nenhum dos vossos adversários poderá resistir ou contradizer. ¹⁶Sereis entregues até pelos vossos pais, irmãos, familiares e amigos. Causarão a morte a alguns de vós, ¹⁷e sereis odiados por todos por causa do meu nome. ¹⁸Mas nem um só cabelo da vossa cabeça se perderá. ¹⁹É pela vossa perseverança que salvareis as vossas almas».

Sinais antecedentes do fim: destruição de Jerusalém (Mt 24,15-22; Mc 13,14-20) – ²⁰«Quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, sabeí, então, que a sua desolação está próxima. ²¹Então os que estiverem na Judeia fujam para os montes, os que estiverem dentro da cidade^p afastem-se dela, e os que estiverem nos campos não entrem nela; ²²porque esses serão dias de punição^q, para que se cumpra tudo o que está escrito.

sinal e consequência de uma aliança que se rompe entre Deus e o povo. Jesus anuncia a destruição do segundo templo, como sinal e consequência do facto de o não terem recebido enquanto enviado de Deus.

^h O grego acrescenta *dizendo*.

ⁱ O verbo grego aqui empregue pode traduzir-se por *seduzir* ou *induzir em erro* e pertence à terminologia da literatura apocalíptica hebraica. Tanto alude às seduções messiánicas (Mt 24,5.11.24), diabólicas ou políticas (Ap 2,20; 12,9; 13,14), como às doutrinais (1Jo 1,8; 2,26; 3,7).

^j Jesus refere-se aos falsos messias, caracterizados por discursos escatológicos manipuladores (cf. 17,23).

^k Possível referência à agitação que se seguiu à morte de Nero, em 68 d.C., ou mais provavelmente aos acontecimentos dos anos 70, em Jerusalém.

^l Em cada sinagoga havia um pequeno sínédrio, composto de vinte elementos, que julgava os casos menores (Mt 10,17). Depois da destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., estes sínédrios locais tornaram-se muito importantes.

^m Lit.: *para testemunho*. O testemunho, na obra de Lucas, é a principal missão dos Doze (24,48; At 1,8.22; 2,32; 3,15; 4,33; 5,32; 10,39; 13,31), de Estêvão (At 22,20) e de Paulo (At 18,5; 20,21; 22,15.18; 23,11; 26,16.22; 28,23).

ⁿ Lit.: *ponde nos vossos corações não preparar antecipadamente defender-se*.

^o Lit.: *boca*.

^p Lit.: *no meio dela*.

^q Cf. 18,7s. Outra hipótese de tradução seria *vingança*.

²³ Ai daquelas que tiverem um filho no ventre e das que andarem a amamentar naqueles dias, pois haverá uma grande calamidade na terra e ira contra este povo! ²⁴ Cairão ao fio da espada^a e serão levados como cativos para todas as nações. E Jerusalém será espezinhada pelos pagãos, até que o tempo dos pagãos se cumpra»^b.

Vinda gloriosa do Filho do Homem (Mt 24,29-31; Mc 13,24-27) – ²⁵ «Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas e, sobre a terra, angústia entre as nações, desesperadas perante o bramido do mar e das ondas. ²⁶ Os homens morrerão de medo, na expectativa do que vai sobrevir ao mundo habitado, pois *os poderes dos céus* serão abalados. ²⁷ Então hão de ver *o Filho do Homem vir numa nuvem* com poder e grande glória. ²⁸ Quando isto começar a acontecer, erguei-vos e levantai a cabeça, porque está próxima a vossa libertação».

Parábola da figueira (Mt 24,32-35; Mc 13,28-32) – ²⁹ E disse-lhes uma parábola: «Olhai para a figueira e para as outras árvores: ³⁰ quando vedes que começam a deitar rebento, ficais a saber que^c o verão está próximo. ³¹ Assim também, quando virdes estas coisas acontecer, sabeis que está próximo o reino de Deus. ³² Em verdade^d vos digo: não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam. ³³ Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão».

Necessidade de estar vigilante – ³⁴ «Tende cuidado convosco, não aconteça que os vossos corações se tornem pesados com a intemperança^e, a bebedeira e as preocupações da vida, e aquele dia caia inesperadamente sobre vós ³⁵ como uma armadilha^f, pois ele virá sobre todos os que habitam a face da terra^g. ³⁶ Mantende-vos despertos, rezando em todo o tempo, a fim de conseguirdes fugir de tudo isto que está para acontecer, e de comparecerdes diante do Filho do Homem».

Últimos dias do ministério de Jesus – ³⁷ Durante o dia, Jesus estava no templo a ensinar, mas à noite saía e pernoitava no monte, chamado das Oliveiras. ³⁸ E todo o povo vinha de madrugada ter com Ele ao templo para o ouvir.

^a Lit.: *à boca da espada*, uma expressão bíblica (cf. Gn 34,26; Js 8,24; 19,47; Jz 1,8; Sir 28,18; Heb 11,34).

^b A expressão pode ser entendida em dois sentidos: o tempo da evangelização dos pagãos (24,47), no fim do qual Israel poderá finalmente aceitar Jesus como salvador (13,35; Rm 11,25-27); o tempo do domínio dos pagãos sobre Jerusalém, ao qual Deus fixou um limite (Ap 11,2).

^c Lit.: *quando já lançam, vindo por vós próprios sabeis*.

^d Lit.: *amén* (cf. Mt 5,18 nota).

^e Lit.: *ressaca*, e por extensão de sentido, o comportamento desregrado, gerado pela embriaguez.

^f Lit.: *laço*.

^g Lit.: *sobre a face de toda a terra*.

22 **Determinação em matar Jesus (Mt 26,3-5; Mc 14,1s)** – ¹Entretanto, aproximava-se a Festa dos Ázimos, chamada Páscoa^h. ²E os chefes dos sacerdotes e os doutores da lei procuravam uma forma de o matar, pois tinham medo do povo.

Traição de Judas (Mt 26,14-16; Mc 14,10s) – ³Satanás entrou em Judasⁱ, chamado Iscariotes, que era um dos Doze^j, ⁴e ele foi falar com os chefes dos sacerdotes e os oficiais^k sobre como lhes haveria de entregar Jesus^l. ⁵Eles alegraram-se e combinaram dar-lhe dinheiro. ⁶Ele concordou e pôs-se à procura do momento oportuno, em que a multidão não estivesse, para lho entregar.

Preparação da ceia pascal (Mt 26,17-19; Mc 14,12-16) – ⁷Chegou, então, o dia dos Ázimos, em que era necessário imolar a Páscoa. ⁸Jesus enviou Pedro e João, dizendo: «Ide fazer os preparativos para comermos a Páscoa^m». ⁹Eles perguntaram-lhe: «Onde queres que façamos os preparativos?». ¹⁰Ele respondeu-lhes: «Ao entrardesⁿ na cidade, virá ao vosso encontro um homem carregando uma bilha de água^o. Segui-o até à casa em que entrar¹¹ e direis ao dono da casa: «O Mestre pergunta-te: “Onde é a sala em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?”». ¹²Ele vos mostrará uma sala grande e mobilada no andar superior. Fazei ali os preparativos». ¹³Eles partiram, encontraram tudo tal como Jesus^p lhes dissera e prepararam a Páscoa.

A ceia do Senhor (Mt 26,20-29; Mc 14,17-25; Jo 13,2,21-26; 1Cor 11,23-25) – ¹⁴Quando chegou a hora, Jesus reclinou-se à mesa e os apóstolos com Ele. ¹⁵E disse-lhes: «Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes de padecer; ¹⁶pois digo-vos que não mais a comerei até que ela se cumpra plenamente^q no reino de Deus».

¹⁷Tomou, então, um cálice, deu graças e disse: «Tomai-o e partilhai-o entre vós, ¹⁸pois digo-vos que, a partir de agora, não mais beberei do fruto da videira até que venha o reino de Deus». ¹⁹Depois tomou o pão, deu graças, partiu-o e deu-lho,

^h Com origem diversa, a Festa da Páscoa e a dos Ázimos (pães sem fermento) estavam de tal modo associadas (Dt 16,1-8) que no tempo de Jesus era muito difícil distingui-las.

ⁱ Desaparecido desde 4,13, Satanás reaparece agora, tal como ali fora anunciado.

^j Lit.: *sendo do número dos Doze*.

^k Os oficiais ou guardas seriam talvez levitas responsáveis pela vigilância e segurança do templo. Apenas são referidos na obra de Lucas (vv.4.52; At 4,1; 5,24.26).

^l Lit.: *o modo de o entregar*.

^m Lit.: *indo preparai-nos a Páscoa, para que comamos*.

ⁿ O grego antepõe *eis* (que) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^o É provável que se trate de um sinal combinado, pois normalmente eram apenas as mulheres que iam buscar água.

^p *Jesus* é acrescento da tradução, tal como no v. seguinte.

^q *Plenamente* é acrescento da tradução. Embora a Páscoa já se cumpra na celebração da Eucaristia, atingirá o seu cumprimento pleno no final dos tempos.

dizendo: «Isto^a é o meu corpo entregue por vós. Fazei isto em memória de mim»^b.
²⁰Depois de terem ceado, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova aliança^c no meu sangue, derramado por vós. ²¹No entanto^d, está comigo à mesa a mão daquele que me vai entregar. ²²De facto, o Filho do Homem parte, como está estabelecido, mas ai daquele homem por quem Ele é entregue!»^e ²³Eles começaram, então, a perguntar uns aos outros qual deles iria fazer tal coisa.

Os chefes devem servir (Mt 20,24-28; Mc 10,41-45) – ²⁴Gerou-se também uma discussão entre eles, sobre qual deles deveria ser considerado o maior. ²⁵Mas Jesus^e disse-lhes:

«Os reis das nações exercem domínio sobre elas, e os que têm autoridade sobre elas são chamados benfeitores^f. ²⁶Vós, porém, não sejais assim. Pelo contrário, o maior entre vós seja como o mais novo^g, e o que manda como o que serve. ²⁷Quem é, de facto, o maior: o que está reclinado à mesa ou o que serve? Não é o que está reclinado à mesa? Ora, Eu estou no meio de vós como o que serve. ²⁸Vós sois os que perseverastes comigo nas minhas provações, ²⁹e Eu disponho^h para vós um reino como o meu Pai o dispôs para mim, ³⁰para que comais e bebais à minha mesa, no meu reino, e vos senteis em tronos a julgar as doze tribos de Israel».

Anúncio da negação de Pedro (Mt 26,30-35; Mc 14,27-31; Jo 13,36-38) – ³¹«Simão, Simão, Satanás já vos reclamouⁱ para vos joeirar como se faz ao trigo. ³²Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos». ³³Pedro respondeu-lheⁱ: «Senhor, estou disposto a ir contigo, até mesmo para a prisão e para a morte». ³⁴Disse-lhe Jesus: «Digo-te, Pedro: não cantarás hoje o galo sem que por três vezes tenhas negado conhecer-me».

A iminência da provação – ³⁵E disse-lhes: «Quando vos enviei sem bolsa, nem alforge, nem sandálias, faltou-vos alguma coisa?». Eles responderam: «Nada». ³⁶Disse-lhes Jesus^k: «Mas, agora, quem tiver bolsa pegue nela, assim como no alforge;

^a Ou *este*.

^b *Em memória de mim* (v.20 e 1Cor 11,24) é uma expressão ausente nos relatos de Mt e Mc e que encontra o seu significado no contexto da ceia pascal judaica, que era considerada um memorial (cf. Ex 12,14; 13,9; Dt 16,3). Para a comunidade cristã, o memorial que é chamada a celebrar é o da morte e ressurreição do Senhor, que por isso se atualiza em cada eucaristia.

^c Apenas aqui e em 1Co 11,25 se qualifica a aliança como *nova*, apresentando desta forma o sacrifício de Jesus como o cumprimento de Jr 31,31-34.

^d O grego acrescenta *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^e Lit.: *Ele*.

^f O título *benfeitor* é, no mundo grego, atribuído frequentemente aos deuses, heróis e reis.

^g No mundo palestinese e no mundo clássico em geral, o mais novo era o último na escala hierárquica.

^h O termo grego aqui empregue pode significar tanto a conclusão de uma aliança (v.20) como a formulação de um testamento (Heb 2,16).

ⁱ Lit.: *vê/eis (que) Satanás vos reclamou*.

^j Lit.: *ele, porém, disse-lhe* (tal como no início do v.34).

^k *Jesus* é acrescento da tradução.

e quem não tiver espada, que venda a sua capa e compre uma.³⁷ Pois digo-vos que é necessário que seja consumado em mim o que está escrito: *Foi contado entre os malfeitores*¹. É, de facto, o que está escrito acerca de mim vai ter consumação.³⁸ Eles disseram: «Senhor, estão^m aqui duas espadas». Mas Ele respondeu-lhes: «Basta!».

Oração de Jesus no Monte das Oliveiras (Mt 26,30.36-46; Mc 14,26.32-38) –³⁹Então saiu e foi, como de costume, para o Monte das Oliveiras, e o seus discípulos seguiram-no.⁴⁰ Quando chegou ao lugar, disse-lhes: «Rezai para não cairdesⁿ em tentação». ⁴¹Depois afastou-se deles até à distância do lançamento de uma pedra e, ajoelhando-se, começou a rezar,⁴² dizendo: «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice^o! No entanto, não se faça a minha vontade mas a tua». ⁴³Apareceu-lhe, então, um anjo do céu que o fortalecia.

⁴⁴Entrando em agonia, pôs-se a rezar com maior intensidade, e o suor tornou-se-lhe em espessas gotas de sangue, que caíam na terra^p. ⁴⁵Depois de rezar, levantou-se^q e foi ter com os discípulos, mas encontrou-os a dormir de tristeza. ⁴⁶E disse-lhes: «Porque estais a dormir? Levantai-vos e rezai, para não cairdes em tentação».

Prisão de Jesus (Mt 26,47-56; Mc 14,43-50; Jo 18,3-11) –⁴⁷ Ainda Ele falava, quando apareceu uma multidão^r. Um dos Doze, chamado Judas, vinha à frente e aproximou-se de Jesus para o beijar. ⁴⁸Mas Jesus disse-lhe: «Judas, é com um beijo que entregas o Filho do Homem?».⁴⁹ Ao verem o que iria acontecer, os que estavam com Jesus^s disseram: «Senhor, vamos atacá-los com a espada?». ⁵⁰E um deles atacou o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. ⁵¹Mas Jesus disse: «Deixai! Basta!».⁵² E, tocando-lhe na orelha, curou-o. ⁵²Depois Jesus disse aos chefes dos sacerdotes, aos guardiães do templo e aos anciãos que tinham vindo para o prenderⁿ: «Saístes com espadas e varapaus, como se Eu fosse um salteador? ⁵³Durante estes dias, enquanto estive convosco no templo, não me deitastes as mãos. Contudo, esta é, de facto, a vossa hora e o poder das trevas».

Pedro renega Jesus (Mt 26,57s.69-75; Mc 14,53s.64-72; Jo 18,12-18.25-27) –⁵⁴ Apoderaram-se, então, de Jesus, levaram-no e fizeram-no entrar na casa do sumo sacerdote. Pedro

¹ Is 53,12.

^m Lit.: *eis*.

ⁿ Lit.: *entrardes* (assim como no v.46).

^o Na imagética do AT, o cálice é muitas vezes associado ao sofrimento (Sl 75,9; Is 51,17-22; Jr 25,15; Ez 23,31-34).

^p Alguns importantes mss. omitem os vv.43s, o que parece ter sido intencional: alguns copistas devem ter considerado a demonstração da fraqueza de Jesus incompatível com a sua natureza divina.

^q Lit.: *e levantando-se da oração*.

^r Lit.: *e eis uma multidão*.

^s Lit.: *Ele*.

ⁿ Lit.: *respondendo, porém, Jesus disse*.

^m Lit.: *sobre Ele*.

seguia-o de longe.⁵⁵ Acenderam uma fogueira no meio do pátio, sentaram-se todos^a juntos, e Pedro foi sentar-se no meio deles.

⁵⁶Ao vê-lo sentado junto do lume, uma jovem serva olhou-o atentamente e disse: «Este também estava com Ele». ⁵⁷Mas ele negou, dizendo: «Não o conheço, mulher!». ⁵⁸Pouco depois, um outro, ao vê-lo, afirmou: «Tu também és um deles». Mas Pedro afirmou: «Ó homem, não sou». ⁵⁹E, cerca de uma hora depois, um outro insistia, dizendo: «Na verdade, também este estava com Ele, pois também é galileu». ⁶⁰Pedro respondeu: «Ó homem, não sei o que dizes».

E, imediatamente, ainda ele falava, um galo cantou. ⁶¹O Senhor voltou-se e fixou o olhar em Pedro. Pedro recordou-se, então, daquilo que o Senhor lhe dissera: «Antes que hoje cante o galo, três vezes me negarás». ⁶²E, saindo para fora, chorou amargamente.

Jesus é ultrajado (Mt 26,67; Mc 14,65) – ⁶³Entretanto, os homens que o guardavam escarneciam dele e espancavam-no. ⁶⁴Depois de lhe cobrirem o rosto^b, perguntavam-lhe^c: «Ora profetiza lá: quem é que te bateu?». ⁶⁵E, insultavam-no, dizendo-lhe muitas outras coisas.

Jesus diante do Sinédrio (Mt 27,1; 26,57.63-65; Mc 15,1; 14,53.61-64; Jo 18,19-24) – ⁶⁶Quando se fez dia, o conselho dos anciãos do povo, os chefes dos sacerdotes e os doutores da lei reuniram-se e levaram Jesus^d ao seu sinédrio. ⁶⁷Disseram-lhe, então: «Se Tu és o Cristo, diz-nos». Ele respondeu-lhes: «Se vos disser, não acreditareis⁶⁸ e, se vos perguntar, não respondereis. ⁶⁹A partir de agora *o Filho do Homem estará sentado à direita do poder de Deus*»^e. ⁷⁰Disseram todos: «Tu és, então, o Filho de Deus?». Ele respondeu-lhes: «Vós mesmos dizeis que Eu sou». ⁷¹Eles exclamaram: «Que necessidade temos ainda de testemunhas? Nós próprios o ouvimos da sua boca!».

23 **Jesus perante Pilatos** (Mt 27,2.11-14; Mc 15,1-5; Jo 18,28-38) – ¹Levantou-se, então, toda a assembleia^f, e levaram-no à presença de Pilatos. ²Começaram, então, a acusá-lo, dizendo: «Encontrámos este homem^g a incitar o nosso povo, a impedir que se pague o tributo a César e a dizer que Ele próprio é o Cristo, o rei^h». ³Pilatos

^a *Todos* é acrescento da tradução.

^b *O rosto* é acrescento da tradução, tendo em conta Mc 14,65, que usa o mesmo verbo.

^c O grego acrescenta *dizendo*.

^d Lit.: *levaram-no*.

^e Sl 110,1.

^f Lit.: *a multidão deles*.

^g *Homem* é acrescento da tradução.

^h A acusação sobre o tributo é falsa, como é evidente em 20,20-26. O título de rei é hipocritamente contestado pelos inimigos de Jesus, pois consideram que para Pilatos o termo soará como um perigo à autoridade romana. De facto, será esta a razão que conduzirá à condenação de Jesus (23,30).

perguntou-lheⁱ: «Tu és o rei dos judeus?». Ele respondeu-lhe^j: «Tu o dizes». ⁴Pilatos disse, então, aos chefes dos sacerdotes e às multidões: «Não encontro culpa alguma neste homem». ⁵Mas eles insistiam, dizendo: «Instiga o povo, ensinando por toda a Judeia, desde a Galileia, onde começou, até aqui».

Jesus perante Herodes – ⁶Ao ouvir isto, Pilatos indagou se o homem era galileu ⁷e, ao perceber que era da jurisdição de Herodes^k, remeteu-o a Herodes^l, que também estava em Jerusalém nesses dias. ⁸Ao ver Jesus, Herodes ficou muito contente. De facto, há já bastante tempo que o queria ver, por causa do que dele se ouvia dizer, e esperava ver algum sinal feito por Ele. ⁹Fez-lhe muitas perguntas^m, mas Ele nada lhe respondeu. ¹⁰Estavam presentes os chefes dos sacerdotes e os doutores da lei, que o acusavam com veemência. ¹¹Então Herodes, juntamente com as suas tropas, tratou-o com desprezo e, para escarnecer dele, revestiu-o com uma esplêndida veste e remeteu-o a Pilatos. ¹²Herodes e Pilatos, que eram inimigos, tornaram-se amigos nesse dia.

A condenação de Jesus à morte (Mt 27,20-26; Mc 15,11-15; Jo 18,38-19,1) – ¹³Pilatos convocou, então, os chefes dos sacerdotes, as autoridades e o povo ¹⁴e disse-lhes: «Trouxestes-me este homem como agitador do povo mas, ao interrogá-lo na vossa presença, não encontrei neleⁿ culpa alguma em relação àquilo de que o acusais. ¹⁵E Herodes também não, uma vez que o remeteu para nós. Ele não cometeu nada que mereça a morte^o. ¹⁶Por isso, depois de o castigar, vou soltá-lo». ^{[17]p}.

¹⁸E todos se puseram a gritar, dizendo: «Mata esse e solta-nos Barrabás»^q. ¹⁹Este último fora metido na prisão por causa de uma revolta que tinha acontecido na cidade e por assassínio.

²⁰Pilatos, querendo soltar Jesus, interpelou-os de novo. ²¹Eles, porém, vociferavam, dizendo: «Crucifica-o! Crucifica-o!». ²²Ele disse-lhes, pela terceira vez: «Mas que mal fez Ele? Não encontro nele culpa alguma punível com a morte^r. Por isso, depois de o castigar, vou soltá-lo». ²³Eles, porém, insistiam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado, e os seus gritos iam-se impondo cada vez mais.

ⁱ Lit.: *perguntou-lhe, dizendo*.

^j Lit.: *Ele respondendo-lhe disse*.

^k Lit.: *era da autoridade de Herodes*.

^l Trata-se de Herodes Antipas, tetrarca da Galileia (3,1), que estaria em Jerusalém muito provavelmente por causa da peregrinação da Páscoa, e que apenas Lc apresenta como interveniente na paixão de Jesus (At 4,27).

^m Lit.: *interrogou-o em bastantes assuntos/palavras*.

ⁿ Lit.: *vê/eis (que) eu não encontrei neste homem*.

^o Lit.: *vê/eis (que) nada digno de morte foi cometido por Ele*.

^p Alguns mss. acrescentam: *tinha o costume de lhes libertar um [preso] pela festa*, provavelmente por influência de Mt 27,15 ou de Mc 15,6.

^q Barrabás significa *Filho do pai* em aramaico (*bar-‘abbas*).

^r Lit.: *nenhuma culpa de morte*.

²⁴Pilatos decidiu, então, fazer o que eles pediam: ²⁵soltou quem eles reclamavam – aquele que tinha sido lançado na prisão por revolta e assassinio – e entregou-lhes Jesus para o que eles queriam^a.

A caminho do Calvário (Mt 27,31s; Mc 15,20s; Jo 19,16s) – ²⁶Enquanto o levavam, agarraram um certo Simão, de Cirene^b, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz em cima para a levar atrás de Jesus. ²⁷Seguia-o o povo em grande número, assim como muitas mulheres^c que batiam no peito e se lamentavam por Ele. ²⁸Mas Jesus voltou-se para elas e disse: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos, ²⁹porque^d dias virão em que se dirá: “Felizes as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram”. ³⁰Começarão, então, a dizer aos montes: “Caí sobre nós”, e às colinas: “Escondei-nos”. ³¹Porque se fazem isto com o madeiro verde, o que acontecerá com o seco?».

³²Levavam também^e dois malfeitores para serem executados com Ele.

Crucificação de Jesus (Mt 27,32-44; Mc 15,21-32; Jo 19,17-27.29) – ³³Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, bem como aos dois malfeitores, um à direita e o outro à esquerda. ³⁴Jesus dizia: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem»^f. Depois *repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte*^h. ³⁵O povo estava presente a *observar*. E os chefes, por sua vez, *troçavam*, dizendo: «Salvou outros, que se salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o eleito!»ⁱ. ³⁶Também os soldados escarneciam dele; aproximando-se, ofereciam-lhe *vinagre*³⁷ e diziam: «Se Tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!».

³⁸Por cima dele havia um leiteiro: «Este é o rei dos judeus». ³⁹Um dos malfeitores que tinham sido crucificados^j insultava-o, dizendo: «Não és Tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!». ⁴⁰Mas^k o outro repreendeu-o severamente, dizendo: «Nem

^a Lit.: *à vontade deles*.

^b Cirene era uma colónia grega, no norte de África, onde se tinham estabelecido numerosos hebreus (At 2,10; 11,20). O modelo do discipulado vê-se espelhado na atitude de Simão de Cirene ao levar a cruz atrás de Jesus (14,27).

^c Lit.: *seguiu-o grande multidão de povo e de mulheres*. Este episódio, que testemunha a benevolência do povo em relação a Jesus, é específico de Lc e parece recordar Zc 12,10-14 (cf. Lc 23,48).

^d O grego antepõe *eis (que)* (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^e O grego acrescenta *outros*.

^f Alguns importantes mss. não apresentam esta primeira frase do v.

^g *Depois e entre si* é acréscimo da tradução.

^h Sl 21,19 (LXX). Lit.: *lançando sortes*. Há outras referências aos Salmos, nos vv.35.36.46.49, como também ao Êxodo (v.44) e a Zacarias (v.48). Estas alusões ao AT sublinham a ideia de que, na paixão de Jesus, se realizam as Escrituras (Lc 24,25-27.44-46).

ⁱ O silêncio contemplativo do povo é posto em contraste com a ironia incrédula dos chefes. *Eleito* é um título que alude à palavra do Pai, em 9,45, retomando Is 49,7, onde designa o Servo escolhido por Deus para a sua obra de salvação e desprezado pelos homens.

^j Lit.: *um dos malfeitores suspensos*.

^k O grego acrescenta *respondendo*.

sequer temes a Deus, tu que sofres a mesma pena?».⁴¹ Quanto a nós, fez-se justiça^m, pois recebemos o que as nossas ações mereciam, mas Ele nada fez de mal». ⁴²E dizia: «Jesus, recorda-te de mim quando fores para o teu reino». ⁴³Ele respondeu-lhe: «Em verdadeⁿ te digo: hoje estarás comigo no paraíso».

Morte de Jesus (Mt 27,45-56; Mc 15,33-41; Jo 19,25.28-30) – ⁴⁴Era já quase meio-dia^o e fizeram-se trevas sobre toda a terra, até às três horas da tarde^p, ⁴⁵porque o sol se tinha eclipsado; o véu do templo rasgou-se^q a meio, e ⁴⁶Jesus gritou com voz forte^r: «Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito»^s. Dito isto, expirou.

⁴⁷Ao ver o que acontecera, o centurião pôs-se a dar glória a Deus, dizendo: «Realmente, este homem era justo!»^t. ⁴⁸E toda a multidão que se tinha reunido para aquele espetáculo, ao observar o que sucedera, regressava batendo no peito. ⁴⁹Todos os conhecidos de Jesus^u, bem como as mulheres que o seguiam desde a Galileia, estavam presentes a ver estas coisas, mas ao longe.

Sepultura de Jesus (Mt 27,57-61; Mc 15,42-47; Jo 19,38-42) – ⁵⁰Um homem chamado José, membro do Conselho e que era um homem bom e justo, ⁵¹não tinha concordado com a decisão nem com o procedimento dos outros. Era de Arimateia, uma cidade dos judeus, e esperava o reino de Deus. ⁵²Foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. ⁵³E, depois de o ter descido da cruz^v, envolveu-o num lençol e pô-lo num sepulcro escavado na rocha^w, onde ainda ninguém tinha sido posto. ⁵⁴Era o dia da preparação, e estava a despontar o sábado. ⁵⁵As mulheres que tinham vindo da Galileia com Jesus^x seguiram-no e observaram o sepulcro e como foi posto o corpo de Jesus^y. ⁵⁶Ao regressar, prepararam aromas e perfumes; e no sábado repousaram, de acordo com o mandamento.

^l Lit.: *tu que estás na mesma condenação.*

^m Lit.: *e nós justamente.*

ⁿ Lit.: *amém* (cf. Mt 5,18 nota).

^o Lit.: *hora sexta.*

^p Lit.: *hora nona.*

^q Certamente o pano que separava o Santo dos Santos (espaço onde apenas o sumo sacerdote podia entrar) do altar dos sacrifícios (Ex 26,33). O facto de rasgar-se sugere o livre acesso a Deus (Heb 6,19-20; 9,3.6-12), assim como o fim de uma etapa e o início de uma outra, no processo da história da salvação.

^r Lit.: *e chamando com voz grande Jesus disse.*

^s Jesus reza com o Sl 31,6, mas introduz a petição com a palavra *Pai* (10,21; 22,42; 23,34).

^t Ao afirmar que Jesus era justo, o centurião declara a sua inocência (como Pilatos, em 23,4.14.22). Mt e Mc usam o título *Filho de Deus*, mas Lc troca-o por *justo*, provavelmente para evitar que um título assim, nos lábios de um pagão, pudesse gerar equívocos.

^u Lit.: *a Ele.*

^v *Da cruz* é acrescento da tradução.

^w *Na rocha* é acrescento da tradução.

^x Lit.: *Ele.*

^y Lit.: *dele.*

24 O sepulcro aberto e o anúncio da ressurreição (Mt 28,1-8; Mc 16,1-4; Jo 20,1-13) – ¹No primeiro dia da semana, ao amanhecer, as mulheres foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado^a. ²Encontraram a pedra removida^b do sepulcro ³e, ao entrarem, não encontraram o corpo do Senhor Jesus^c. ⁴Estando elas perplexas^d com isto, eis que se lhes apresentaram dois homens em vestes resplandecentes. ⁵Elas ficaram cheias de medo e inclinaram o rosto para a terra. Eles disseram-lhes: «Porque procurais entre os mortos Aquele que está vivo?» ⁶Não está aqui; ressuscitou. Recordai-vos de como vos falou quando ainda estava na Galileia, ⁷dizendo: «É necessário o Filho do Homem ser entregue às mãos de homens pecadores, ser crucificado e ao terceiro dia ressuscitar».

⁸Elas recordaram-se, então, das suas palavras. ⁹E, ao regressar do sepulcro, anunciaram tudo isto aos Onze e a todos os outros. ¹⁰Eram elas Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago^f, e as outras que estavam com elas. Diziam estas coisas aos apóstolos, ¹¹mas as suas palavras pareceram-lhes um desvario, e não acreditavam nelas. ¹²Pedro, porém, levantou-se, correu para o sepulcro e, debruçando-se, viu apenas as ligaduras de linho. E voltou para casa, admirado com o que tinha sucedido.

Aparição aos discípulos de Emaús (Mc 16,12s) – ¹³Nesse mesmo dia, dois dos discípulos^g iam a caminhar para uma povoação, chamada Emaús, que distava sessenta estádios^h de Jerusalém, ¹⁴conversando um com o outro sobre tudo o que tinha acontecido.

¹⁵Enquanto eles conversavamⁱ e discutiam, Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles. ¹⁶Os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer.

¹⁷Disse-lhes, então: «Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?». Pararam com ar pesaroso, ¹⁸e um deles, chamado Cléofas, respondeu-lhe: «Serás Tu o único forasteiro em Jerusalém a não saber o que lá aconteceu nestes dias?». ¹⁹Ele perguntou-lhes: «O quê?». Eles responderam-lhe: «O que se refere a

^a *As mulheres* é acrescento da tradução. As mulheres voltam ao túmulo para concluírem os ritos da sepultura de Jesus; estes tinham ficado incompletos porque, quando Jesus foi descido da cruz, aproximava-se já o sábado.

^b Lit.: *rolada*.

^c A expressão *Senhor Jesus*, que sublinha a sua nova condição de ressuscitado, é única no evangelho (tendo em conta que Mc 16,19 terá tido uma inspiração lucana), mas frequente em Atos (1,21; 8,16; 11,20; 15,11; etc.).

^d Lit.: *e aconteceu que no elas estarem perplexas*.

^e *Sm* ressuscitado é agora designado *vivo* ou *vivente*, título que o AT usa para Deus (Js 3,10; Jz 8,19; 1Sm 14,39).

^f *Mãe* é acrescento da tradução.

^g Lit.: *e vêeis (que) dois deles nesse dia*.

^h Um estádio equivale a c. 192 metros, pelo que 60 estádios correspondem a c. 12 km. Alguns testemunhos falam de 160 estádios (c. 32 km), levando a localização de Emaús para Amwas. O assunto é muito discutido e nada consensual.

ⁱ Lit.: *e aconteceu no eles conversarem*.

^j Lit.: *respondendo, porém, um com nome Cléofas, disse para ele*.

Jesus de Nazaré, que foi um profeta^k poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo; ²⁰de tal modo que os chefes dos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e crucificado. ²¹Nós esperávamos que fosse Ele quem haveria de resgatar Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram. ²²No entanto, algumas mulheres do nosso grupo^l deixaram-nos desconcertados: foram de manhã cedo ao sepulcro ²³e, ao não encontrarem o seu corpo, vieram dizer que tinham tido uma visão de uns anjos que diziam que Ele está vivo. ²⁴Alguns dos que estavam connosco foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres haviam dito; mas a Ele não o viram».

²⁵Então Ele disse-lhes: «Ó desprovidos de inteligência e lentos de coração para acreditar em tudo quanto disseram os Profetas! ²⁶Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na sua glória?». ²⁷E, começando em Moisés^m e passando por todos os Profetas, explicou-lhes o que, em todas as Escrituras, lhe dizia respeito.

²⁸Ao aproximarem-se da povoação para onde iam, Jesusⁿ fez menção de seguir adiante, ²⁹mas os outros começaram a insistir com Ele, dizendo: «Fica connosco, porque se faz tarde e o dia já está a declinar». Entrou, então, para permanecer com eles. ³⁰Quando Ele se reclinou^o com eles à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção^p, partiu-o e deu-lho. ³¹Então abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no. Mas Ele desapareceu da sua presença. ³²Disseram, então, um ao outro: «Não nos ardia o nosso coração quando Ele no caminho nos falava, quando nos explicava^q as Escrituras?».

³³Levantaram-se nesse mesmo instante e voltaram para Jerusalém. Encontraram reunidos os onze e os que estavam com eles, ³⁴que diziam: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão». ³⁵Então eles contaram o que acontecera no caminho e como Jesus^r se lhes dera a conhecer na fração do pão.

Jesus aparece aos Onze (Mc 16,14-19; Jo 20,19-23) – ³⁶Enquanto eles falavam disto, Jesus apresentou-se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco!». ³⁷Eles ficaram aterrorizados e assustados, pois julgavam estar a ver um espírito.

³⁸Ele disse-lhes: «Porque estais perturbados e porque se levantam esses pensamentos no vosso coração? ³⁹Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo. Tocai-me e vede, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho».

^k Lit.: *um homem profeta*.

^l Lit.: *de nós*.

^m Moisés (i.e., a Lei) e os Profetas constituíam as duas grandes partes da Escritura (16,16.29-31; 24,44; At 24,14; 28,23), a que se acrescentavam os chamados *outros escritos* (*ketuwim*).

ⁿ Lit.: *Ele*.

^o Lit.: *e aconteceu no Ele reclinarse à mesa*.

^p Lc utiliza um vocabulário eucarístico (22,9 e 9,16) para fazer sentir aos seus leitores que é na (pela) fração do pão (At 2,42.46; 20,7.11) que podem encontrar Jesus.

^q Lit.: *abria*.

^r *Jesus* é acrescento da tradução, tal como no v.36.

⁴⁰Dito isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. ⁴¹E como, na sua alegria, ainda não queriam acreditar, de admirados que estavam, Ele disse-lhes: «Tendes aqui alguma coisa para comer?». ⁴²Eles deram-lhe um pedaço de peixe assado. ⁴³Ele tomou-o e comeu-o diante deles^a.

Missão dos discípulos – ⁴⁴Disse-lhes, então: «Foram estas as palavras que vos dirigib quando ainda estava convosco: “É necessário que se cumpra tudo o que, a meu respeito, está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”».

⁴⁵Abriu-lhes, então, a inteligência para entenderem as Escrituras. ⁴⁶E disse-lhes: «Assim está escrito que o Cristo havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, ⁴⁷e que, em seu nome, havia de ser proclamada a todos os povos a conversão para o perdão dos pecados, começando por Jerusalém. ⁴⁸Vós sois testemunhas destas coisas. ⁴⁹Eu^c enviarei sobre vós Aquele que o meu Pai prometeu^d. Entretanto, ficai na cidade^e até que sejais revestidos com a força do alto».

Ascensão de Jesus (Mc 16,19s) – ⁵⁰Depois conduziu-os para fora, até aos arredores de Betânia. Então ergueu as mãos e abençoou-os. ⁵¹E, enquanto os abençoava^f, foi-se afastando deles, sendo elevado ao céu. ⁵²E eles, depois de se terem prostrado diante dele, voltaram com grande alegria para Jerusalém. ⁵³E estavam continuamente no templo, a bendizer a Deus^g.

^a Com a referência ao ressuscitado que come, Lc sublinha a realidade corpórea da ressurreição, assunto de difícil aceitação pelos leitores de cultura greco-romana, e mesmo para certos sectores do judaísmo (At 17,32; 1Co 15,12).

^b Lit.: *estas [são] as minhas palavras que falei para vós*.

^c O grego antepõe *eis* (*que*) (lit.: *vê*; cf. Mt 2,13 nota).

^d Lit.: *a promessa de meu Pai*, ou seja, o Espírito Santo (Jo 20,22). É o primeiro anúncio do Pentecostes (At 1,8; 2,33).

^e A cidade referida é Jerusalém, que ocupa em Lucas um lugar narrativo central, pois nela não só culmina a missão de Jesus como também se inicia a irradiação da mensagem apostólica (At 1,8).

^f Lit.: *e aconteceu no Ele abençoá-los*.

^g A imagem final de Jesus que abençoa os seus (At 3,26), que o adoram como Senhor, ilumina as comunidades de todos os tempos e lugares. No v.53, o evangelho termina onde havia começado, no templo (1,8), formando uma grande inclusão literária.